



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas e Letras
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
Núcleo de Pesquisa sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência em Situação
de Risco Pessoal e Social

Trabalho infantil esportivo e artístico: o sentido a partir da vivência

Kássia Kiss Grangeiro Belém

João Pessoa-PB

2015

Kássia Kiss Grangeiro Belém

Trabalho infantil esportivo e artístico: o sentido a partir da vivência

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria de Fatima Pereira Alberto para obtenção de título de mestre.

João Pessoa-PB

2015

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B428t Belém, Kássia Kiss Grangeiro.
Trabalho infantil esportivo e artístico: o sentido a partir da
vivência / Kássia Kiss Grangeiro Belém. - João Pessoa, 2015.
174 f. : il.

Orientador: Maria de Fatima Pereira Alberto.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

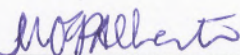
1. Psicologia. 2. Trabalho infantil artístico. 3. Trabalho
infantil esportivo. I. Título.

UFPB/BC

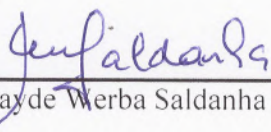
Trabalho infantil esportivo e artístico: o sentido a partir da vivência

Kássia Kiss Grangeiro Belém

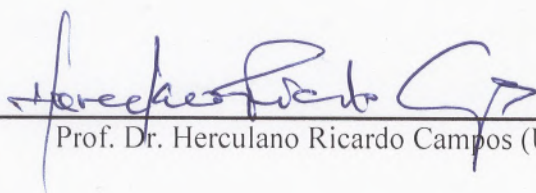
Banca Avaliadora:



Profª Drª Maria de Fatima Pereira Alberto (UFPB - Orientadora)



Profª Drª Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli (UFPB - Membro interno)



Prof. Dr. Herculano Ricardo Campos (UFRN - Membro externo)

João Pessoa

2015

Dedicatória

Às crianças e adolescentes que, devido ao trabalho infantil esportivo e artístico, são impossibilitados de vivenciar a infância e adolescência em plenitude, distanciando-se da família, amigos e de atividades cotidianas como o brincar. Espero que essa dissertação instigue o debate acerca dessa temática e que a sociedade enxergue que a atividade artística e esportiva nem sempre é benéfica para o desenvolvimento, às vezes, o fascínio da atividade encobre a exploração de crianças e adolescentes.

Agradecimentos

Agradeço a **Deus e Nossa Senhora de Fátima** por mais essa conquista.

À **Prof.^a Maria de Fatima Pereira Alberto** pelos ensinamentos e pelo carinho de sempre. Obrigada por acreditar em mim, por me apoiar e saber lidar com os meus apereios. Agradeço também por me mostrar uma psicologia pautada no compromisso social, psicologia essa que pretendo levar por toda minha caminhada profissional.

À minha mãe, **Socorrinha**, pelo exemplo de perseverança, generosidade e alegria. Obrigada por sonhar comigo, por comemorar as minhas vitórias com muita euforia, mesmo as menores, por ser minha amiga, por ser a melhor mãe do mundo: a minha mãe.

Ao meu pai, **Aldemir**, por ser sempre tão amoroso, prestativo, por me apoiar nos meus momentos de desespero e por ser o meu “Paizinho” que tanto amo.

Ao meu irmão, **Kend**, pelo companheirismo, carinho e amor de sempre. Nossa união me fortalece.

Ao meu noivo, **Cleyton Luiz**, por estar sempre ao meu lado disposto a me ouvir e a me ajudar. Obrigada meu amor por acreditar que eu seria capaz, mesmo quando eu duvidava e por não permitir que eu abrisse mão do meu sonho de seguir na carreira acadêmica. Agradeço também por ter me acompanhado nas entrevistas e até mesmo conseguido pessoas para que eu entrevistasse.

À família do meu noivo, **Senhor Clécio, Dona Rita, Dona Maria, Gleysuara, Sônia, Clécio, Janaína**, por me tratarem com tanto carinho e consideração. Eles acompanharam de perto o meu esforço e dedicação.

Ao meu cunhado querido, **Gleysueron**, que sempre se mostrou solícito quando precisei da sua ajuda. Obrigada por ser tão prestativo e ter me acompanhado em algumas entrevistas.

Ao **NUPEdia**, mais especificamente ao pessoal da **pós**, pelos ensinamentos, pelas risadas, pela troca de experiências. Aprendi muito com todos.

À **Manu**, companheira de núcleo e de estágio docência por ser tão prestativa e me ajudar sempre que precisei.

À **Edneia**, companheira de núcleo, por ter se tornado uma grande amiga e por me tratar com tanto carinho. Posso dizer que ela foi um presente que recebi na pós.

À **Rafaela**, amiga querida, juntas desde a graduação. Obrigada pela companhia nos estudos, por ter trocado os horários no CRAS – quando precisei – para que eu pudesse estudar e por sempre me mostrar as possibilidades em meio ao meu desespero.

À Simone (**Pexim**), amiga de longa data, por estar ao meu lado sempre que eu precisei. Obrigada pelo carinho, generosidade e por cuidar de mim quando minha pressão baixava. A vida nos fez irmãs, minha irmã galega do olho azul.

À **Neide, Gabi e Larisse**, colegas desde a graduação, por compartilharem comigo as dificuldades, as alegrias e as dúvidas nestes anos de mestrado.

À **Prof.^a Ana Alayde Saldanha**, por ter aceitado o meu convite para leitora interna e por contribuir na construção da minha dissertação.

Ao **Prof. Herculano**, pela disponibilidade em ler meu trabalho e por contribuir nessa fase de finalização da dissertação.

À **SATED e SEJEL**, por autorizarem a realização da minha pesquisa no Estado da Paraíba.

Ao **CAPES**, por me conceder a bolsa. Através deste recurso, foi possível realizar o meu mestrado.

Resumo

O trabalho infantil esportivo e artístico por vezes não é considerado como tal e em detrimento da fama não se visualizam os danos ao desenvolvimento. Ressalta-se assim a relevância social e teórica dessa dissertação. Tendo como objetivo geral: analisar o sentido de trabalho infantil esportivo e artístico na perspectiva de quem vivencia ou já vivenciou estas atividades laborais e as implicações das mesmas. E como objetivos específicos: caracterizar o perfil biossociodemográfico das crianças/adolescentes e adultos que vivenciam/vivenciaram essas formas de trabalho infantil, as implicações do trabalho infantil esportivo e artístico para quem vivencia ou quem vivenciou; analisar a vivência no trabalho infantil esportivo e artístico; a relação entre condição de vida e trabalho infantil; identificar o significado de trabalhar em um ambiente que envolve fama e ascensão financeira e o projeto de vida das crianças/adolescentes e adultos na época em que trabalhavam. Adota-se como abordagem a Teoria Histórico-Cultural de Vygotski, especificamente as categorias sentido, significado, vivência e projeto de vida. Participaram da pesquisa crianças/adolescentes e adultos que vivenciam ou vivenciaram o trabalho infantil esportivo ou artístico. Para determinar o tamanho da amostra foi utilizado o critério de saturação. Utilizou-se como instrumento a entrevista semiestruturada e para a análise dos dados o mapa de associação de ideias. Entrevistou-se 19 pessoas, sendo doze do sexo masculino e sete do sexo feminino. As idades em que ingressaram na carreira variaram entre 4 e 16 anos. Destacam-se como implicações adultização precoce, lesões, prejuízos no rendimento escolar e na vida social. No que se refere ao sentido da atividade os artistas concebem como trabalho, os atletas caracterizam como lazer. Faz-se necessário compreender o limiar que separa a atividade que é benéfica para o desenvolvimento e o que é exploração de criança e adolescente.

Palavras-chave: Trabalho infantil; artes; esportes; implicações.

Abstract

The sports and artistic child labor is sometimes not considered as such because the fame is not displayed damage to development. It should be noted as well the social and theoretical relevance of this dissertation. It should be noted as well the social and theoretical relevance of this dissertation. Having as the general objective is to analyze the meaning of sports and artistic child labor from the perspective of those who experience or have experienced these work activities and their implications. And the following objectives: characterize the biosociodemographic profile of the children/adolescents and adults who experience/experienced these forms of child labor, the implications of the sporting and artistic child labor for those who experience or who experienced; to analyze the experience in the sports and artistic child labor; the relation between living conditions and child labor; to identify the meaning of work in an environment that involves fame and financial advancement and the life project of this children/adolescents and adults at the time they worked. Is adopted as an approach to historical-cultural theory of Vygotsky, specifically the categories sense, meaning, experience and life project. The participants were children/adolescents and adults who experience or experienced sports or artistic child labor. To determine the sample size, we used the criterion of saturation. It was used as a tool to semi-structured interviews and to analyze the data used a association map of ideas. Was interviewed 19 people, twelve male and seven female. The ages at which entered the career ranged between 4 and 16 years. Stand out as implications grown up early, injury, impaired school performance and social life. Regarding to the meaning of the activities the artists conceive as work and athletes conceive leisure. It is necessary to understand the ceiling

that separates the activity that is beneficial to the development and what is child and adolescents exploration.

Keywords: Child labor; arts; sports; implications.

“Há um menino

Há um moleque

Morando sempre no meu coração

Toda vez que o adulto balança

Ele vem pra me dar a mão

Há um passado no meu presente

Um sol bem quente lá no meu quintal

Toda vez que a bruxa me assombra

O menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas

Que eu acredito

Que não deixarão de existir

Amizade, palavra, respeito

Caráter, bondade alegria e amor

Pois não posso

Não devo

Não quero

Viver como toda essa gente

Insiste em viver

E não posso aceitar sossegado

Qualquer sacanagem ser coisa normal

Bola de meia, bola de gude

O solidário não quer solidão

Toda vez que a tristeza me alcança

O menino me dá a mão”.

(Milton Nascimento)

Lista de siglas

CLT – Consolidação das Leis de Trabalho

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONAETI – Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FIA – Federação Internacional de Ginástica

JEBs – Jogos Escolares Brasileiros

ME – Ministério do Esporte

MEC – Ministério da Educação

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MPT – Ministério Público do Trabalho

MS – Ministério da Saúde

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

NUPEDIA – Núcleo de Pesquisas sobre o Desenvolvimento da Infância e

Adolescência em Situação de Risco Pessoal e Social

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

PL – Projeto de Lei

SATED – Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculo

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

SECOM – Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República

SEJEL – Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

Sumário

Introdução.....	15
Capítulo 1- Trabalho infantil esportivo e artístico: contextos, conceitos e aspectos legais	21
1.1. Cotextualizando o trabalho infantil	21
1.2. Concepção de trabalho infantil	24
1.2.1. Trabalho infantil artístico.	29
1.2.2. Trabalho infantil esportivo.	35
1.3. Legislação acerca do Trabalho Infantil	41
1.3.1. Trabalho Infantil Artístico e legislação.	45
1.3.2. Trabalho Infantil Esportivo e legislação.	49
Capítulo 2 – Significado, sentido, vivência e projeto de vida: vislumbrando a realidade	52
2.1. Escolha teórica	52
2.1.1. Significado e Sentido.....	56
2.1.2. Vivência.....	58
2.1.3. Projeto de vida.....	61
Capítulo 3 – Percurso metodológico: escolhas e caminhos.....	66
3.1. Delineamento.....	66
3.2. Lócus da pesquisa.....	67
3.3. Participantes	68
3.4. Técnicas e instrumentos	70
3.5. Procedimentos	74
3.6. Análise de dados.....	77
Capítulo 4 – A história recontada a partir da vivência, literatura e teoria.....	82
4.1. Contextualização	83
4.2. Contextualização em análise: conversando com autores.....	92

4.3. Vivência no trabalho infantil esportivo e artístico	95
4.3.1. Caracterização da atividade.....	95
4.3.2. Relação entre condição de vida e trabalho infantil.....	98
4.3.3. Carreira artística e esportiva: o significado de trabalhar em um ambiente que envolve fama e ascensão financeira.....	102
4.3.4. O trabalho infantil esportivo, o trabalho infantil artístico e a família. .	106
4.4. Análise da vivência no trabalho infantil esportivo e artístico	108
4.5. Implicações do trabalho infantil esportivo e artístico: um olhar a partir da vivência	114
4.5.1. Implicações para a escolarização.	114
4.5.2. Mudanças na vida no âmbito social.	117
4.5.3. Mudanças na vida no âmbito físico/emocional.	119
4.6. Análise das implicações do trabalho infantil esportivo e artístico	122
4.7. O projeto de vida: anseios, idealizações e realizações	127
4.7.1. Projeto de vida de crianças e adolescentes.....	127
4.7.2. Projeto de vida de adultos: passado, presente e futuro.....	130
4.8. Análise do projeto de vida.....	133
4.9. O sentido do trabalho infantil esportivo e artístico: da complexidade à singularidade	137
4.10. Análise dos sentidos de trabalho infantil esportivo e artístico	140
Considerações Finais	144
Referências	149
Apêndices	167
Apêndice A – Roteiro de entrevista para crianças e adolescentes.....	168
Apêndice B – Roteiro de entrevista para adultos	169
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	171
Apêndice D – Exemplo de mapa de associação de ideias	172

Anexos.....	173
-------------	-----

Anexo A – Certidão de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa	174
---	-----

Introdução

A exploração do trabalho infantil é um problema social que ocupa lugar de destaque em distintas áreas do conhecimento como: o direito, a psicologia, a economia, a educação, a saúde, entre outras. Isso decorre do fato de que tal exploração encontra-se num contexto de vulnerabilidade que tem por consequência a violação dos direitos humanos de crianças e adolescentes. Sendo assim, requer políticas públicas designadas ao atendimento integral desses sujeitos de direito, objetivando garantir o pleno desenvolvimento humano, conforme propõe a Doutrina da Proteção Integral, promulgada pelo Brasil e que é fundamentada pela Constituição Federativa do Brasil de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome [MDS], 2010a).

O Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente Trabalhador, coordenado pela Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil (CONAETI), foi elaborado por representantes do poder público, pelos trabalhadores, empregadores, população e órgãos internacionais. O referido plano visa introduzir ações inovadoras direcionadas a prevenir e eliminar o trabalho infantil. Para tal finalidade, são feitas análises para traçar o perfil desse trabalhador infantil, considerando questões como etnia, gênero, condição socioeconômica, ocupação e diferenças regionais (Ministério do Trabalho e Emprego [MTE], 2011).

No entanto, no que versa especificamente sobre o trabalho infantil esportivo e artístico constata-se divergências de pensamentos acerca da temática, tanto na literatura quanto pelo senso comum. Alguns dos estudos que demonstram essas divergências são os realizados por Cavalcante (2012); Robortella e Peres (2004) e Marques (2009). Constata-se, que por vezes essa forma de trabalho não é entendida como tal e suas implicações não são avaliadas.

Diante do exposto, surge a necessidade de investigar o que sente e experimenta a pessoa que vivencia ou vivenciou a realidade do trabalho artístico ou esportivo para saber a relação entre esse tipo de trabalho com o desenvolvimento biopsicossocial e a formação da subjetividade. Portanto, esta pesquisa possibilita compreender a concepção das pessoas sobre estas formas de trabalho infantil e o lugar que este ocupa em suas vidas. Também pode corroborar para os estudos sobre o desenvolvimento biopsicossocial de crianças e adolescentes, contribuir com os estudos sobre psicologia social nas relações do homem com diversos contextos sociais, os direitos humanos de crianças e adolescentes e como conhecimento para as políticas sociais. Antes de adentrar nas questões referentes ao trabalho infantil esportivo e artístico propriamente, faz-se necessário discorrer acerca do surgimento no interesse em trabalhar com tal temática.

O interesse em psicologia social, principalmente no que versa sobre o trabalho precoce, surgiu da participação no Núcleo de Pesquisa sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência em Situação de Risco Pessoal e Social (NUPEDIA). As atividades desenvolvidas nesse Núcleo são diversas, englobando os três pilares da academia – ensino, pesquisa, extensão – sempre voltadas para temas relacionados a infância, adolescência e juventude em situações de risco e vulnerabilidade, interdisciplinando com os temas: violência, direitos humanos e políticas públicas.

A participação em três pesquisas, no referido núcleo, acerca do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil- PETI, ampliou o olhar acerca das questões que permeiam a temática Trabalho Infantil. A primeira foi realizada na cidade de João Pessoa e visava analisar a perspectiva dos atores (educandos, familiares, equipe técnica e professores), tendo como foco a análise das contribuições do PETI para o combate ao trabalho infantil no referido município. A segunda, com o mesmo propósito, se

expandiu para mais 10 municípios da Paraíba. Por fim, a terceira teve como objetivo criar um instrumento de avaliação do PETI.

Diante da realização destas pesquisas referentes ao trabalho infantil e PETI no Estado da Paraíba surgiu um interesse pessoal e acadêmico em analisar a questão do trabalho infantil esportivo e artístico. Trata-se de um tema de relevância social e acadêmico na medida em que as exigências das atividades artísticas e esportivas podem retirar de crianças e adolescentes atividades como: o tempo necessário à escola, ao lazer e ao convívio familiar e social, prejudicando o seu desenvolvimento integral. O trabalho infantil esportivo e artístico vem tendo maior interesse da área de direito, como pode ser visto nos estudos de Almeida (2011); Camargo (2010); Costa, Leme e Custódio (2010) e Tuleski e Shimanoe (2013), focando nos aspectos legais, sem considerar a questão psicológica e do desenvolvimento de crianças e adolescentes inseridos nesse meio.

Além disto, pode-se dizer que este tipo de trabalho (artístico e esportivo) é visto e tratado pela literatura e pelo senso comum com certo fascínio, sem considerar os mais diferentes aspectos que estão envolvidos. Para ilustrar essa questão do fascínio, pode-se citar tanto um exemplo no esporte quanto no meio artístico. No que se refere ao esporte Ramil (2013, setembro 11) destaca que após o jogo amistoso entre Brasil e Portugal, no qual Neymar sofreu faltas duras, o jogador questiona qual o atleta não gostaria de participar de um jogo desse e depois confessa que antes do jogo assistiu a um vídeo que o ajudou a não revidar as faltas. Em tal reportagem Neymar repassa a ideia do herói que é humilhado, que sofre e no final sai vitorioso.

Com relação ao meio artístico, uma reportagem realizada por Ialongo (2010, outubro 8), apresenta uma lista com 58 artistas que iniciaram a carreira artística na infância e cresceram como pessoas bem sucedidas. Diversos artistas mencionados

permanecem no universo artístico e esta lista compreende tanto artistas internacionais como Daniel Radcliffe (Harry Potter) e Zack Efron, quanto nacionais como Fernanda Souza, Sthefany Brito e Bruna Marquezine. Essa reportagem trás os artistas que se mantiveram no meio artístico desde a infância, podendo passar a ideia de que todos os artistas mirins alcançam a fama e continuam a trabalhar nesse meio quando adultos.

Ao discutir sobre o trabalho infantil as pessoas tendem a considerar os trabalhos como: o doméstico, nos lixões, comércios, carvoarias, agricultura, entre outros. Diversos estudos vêm sendo realizados acerca dessas formas de trabalho infantil como o de Alberto (2002); Alberto, Santos, Leite, Lima e Wanderley (2011); Kassouf (2007); Lins (2004); I. C. Oliveira e Francischini (2009) e Pereira, Pereira e Oliveira (2007).

No que se refere ao trabalho infantil esportivo e artístico a literatura existente é reduzida. Sendo assim, faz-se necessário se debruçar nessas formas de trabalho infantil, cujos indicadores apontam para o comprometimento do pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes. Nesses espaços, esta implicação acontece porque as crianças e adolescentes vivenciam muita pressão e competição, ocorrem: afastamento da escola e da convivência com os familiares e pares e as lesões, o que acaba exigindo grande dedicação, deixando em segundo plano atividades simples como o brincar (Bahia, Pereira & Monteiro, 2008, Cavalcante, 2012; Coimbra, Bara Filho, & Miranda, 2013).

Além de investigar a percepção da criança e do adolescente acerca da vivência nesse trabalho, destaca-se também a necessidade de estudar como os adultos que foram trabalhadores infantis artísticos ou esportivos concebem o fato de terem sido trabalhadores na infância/adolescência, por possibilitar um olhar a partir da perspectiva de quem vivenciou estas atividades laborais. Considerando que a perspectiva de quem

vivenciou pode contribuir na compreensão das implicações dessas formas de trabalho infantil.

Partindo dessas questões, a presente dissertação propôs como *objetivo geral* analisar o sentido de trabalho infantil esportivo e artístico na perspectiva de quem vivencia ou já vivenciou estas atividades laborais e suas implicações. E como *objetivos específicos*: caracterizar o perfil biossociodemográfico das crianças/adolescentes e adultos que vivenciam/vivenciaram essas formas de trabalho infantil, analisar a vivência no trabalho infantil esportivo, analisar a vivência no trabalho infantil artístico, analisar a relação entre a condição de vida e o trabalho infantil, identificar o significado de trabalhar em um ambiente que envolve fama e ascensão financeira, caracterizar as implicações do trabalho infantil esportivo e artístico para quem vivencia e para quem vivenciou e identificar o projeto de vida das crianças/adolescentes e adultos na época em que trabalhavam.

Para atender aos objetivos propostos, a presente dissertação foi composta por quatro capítulos. No primeiro capítulo, é apresentado o estado da arte referente ao trabalho infantil esportivo e artístico abordando a influência do contexto histórico na concepção de infância e de adolescência, a concepção de trabalho infantil e as especificidades do trabalho infantil artístico e esportivo. Para finalizar o capítulo, é apresentada a legislação referente ao trabalho infantil artístico e esportivo.

O segundo capítulo, refere-se ao aporte teórico tomado na presente dissertação, que tem como pressuposto a Teoria Histórico-cultural de Vigotski. Especificamente aborda-se neste capítulo as categorias vigotskianas: significado, sentido, vivência e projeto de vida.

O terceiro capítulo, apresenta os aspectos metodológicos referentes às escolhas e aos caminhos tomados no presente estudo no que se refere à amostra, aos instrumentos utilizados, procedimentos para a realização da pesquisa e a técnica de análise de dados.

Já no quarto capítulo, são apresentados os resultados encontrados e a discussão dos mesmos, com embasamento no referencial teórico adotado. Para finalizar a dissertação foram feitas algumas considerações acerca do que foi encontrado.

Capítulo 1- Trabalho infantil esportivo e artístico: contextos, conceitos e aspectos legais

“As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade”.
(Vygotski)

O presente capítulo apresenta o estado da arte relacionado ao trabalho infantil artístico e esportivo. Inicialmente, aborda a influência do contexto histórico na concepção de infância e adolescência e o próprio conceito de trabalho infantil. Posteriormente, é apresentado a concepção de trabalho infantil artístico e esportivo e os avanços e entraves legais referentes a essas formas de trabalho.

1.1. Cotextualizando o trabalho infantil

O trabalho infantil é um tema complexo por envolver diversos aspectos da vida dentre os quais o social, o econômico, o cultural e o político. Diante destes aspectos, a forma como o trabalho infantil é concebido e tratado vem se modificando no decorrer dos anos. Para compreender tal fenômeno se faz necessário compreender também o próprio conceito de infância e adolescência e o quanto estes vem se transformando de acordo com o contexto histórico.

Até meados do século XII, a infância – enquanto fase específica do desenvolvimento – não era entendida conforme se concebe atualmente, pois, no contexto social da época não se tinha a compreensão das necessidades da infância e da importância dessa fase na formação, assim como não havia um lugar e um papel para essa fase da vida. Ao analisar a arte medieval, constata-se que a infância não era expressa na literatura, poesia e pintura. Evidencia-se nas pinturas que as crianças eram

apresentadas como adultos em miniatura. Desse modo, características particulares das crianças não eram expressas, o que permite perceber que nessa época, a infância tanto no âmbito das artes quanto no âmbito da vida social não tinha relevância, sendo considerado unicamente como um período de transição (Ariés,1981).

F. Barros (2009) contribui na compreensão da infância ao fazer um resgate sobre a forma de conceber a infância, o brincar e o próprio brinquedo ao longo da história, adquirindo distintos significados que são influenciados pelas condições políticas, sociais e econômicas. Constata-se, assim, que no decorrer da história da humanidade o conceito de infância foi se transformando, mas, por muito tempo as crianças não foram tratadas de forma adequada a sua faixa etária, nem tampouco se considerou seu processo específico de desenvolvimento.

Por serem consideradas como mãos de obra barata, as crianças foram vistas com descaso pela sociedade. No Brasil, a partir do século XVIII devido ao grande número de crianças abandonadas fundaram-se as Rodas de Expostos das Casas de Misericórdia. Essa última se caracterizava como um sistema legal e assistencial que recebia crianças até sua maioridade e que em seguida as dirigiam para trabalhos forçados (O. Macedo, 2006). De acordo com Arantes (2010), a priori, o cuidado das crianças expostas não era considerado como responsabilidade do Estado, pois, tinha um caráter de caridade. Somente com a Lei dos Municípios em 1828 que a Assembleia Legislativa Provincial passou a arcar com as despesas de manutenção das Rodas de Expostos das Casas de Misericórdia.

Sob o pretexto de diminuir a criminalidade e a vagabundagem, foram criadas as Casas de Educandos e Artífices e o Asilo dos Menores Desvalidos por volta dos séculos XVIII e XIX. É importante ressaltar que esses locais afastavam as crianças do convívio

social e não buscavam criar perspectivas de futuro para as mesmas (Del Priori, 2001; Rizzini, 2002).

No entanto, a situação das crianças trabalhadoras nessa fase foi favorável ao aumento da exploração em detrimento da Revolução industrial. Pois, tal fato objetivava a expansão do mercado e o lucro dos empresários que buscavam mão de obra barata para controlar suas máquinas. Assim, pode-se dizer que nesse período a contratação de crianças aumentou consideravelmente (Alberto, 2002).

Um aspecto destacado por Ujiie e Pietrobon (2008) é que, nessa época, restava às crianças de famílias menos favorecidas trabalharem nas fábricas, oficinas ou aprender a “arte das ruas” e a mão de obra infantil era utilizada em larga escala. Segundo Rodrigues (2012), só em meados do século XIX e início do século XX a infância passa a ser vista como fase de desenvolvimento que precisa ser resguardada e protegida no seu sentido mais amplo considerando a saúde, a educação, entre outros aspectos.

Após compreender as modificações das concepções sobre a infância, faz-se necessário discorrer acerca da adolescência devido ao objetivo de analisar, no presente estudo, o sentido do trabalho infantil artístico/esportivo para as crianças, os adolescentes e os adultos. Segundo Ozella (2002) embora a adolescência seja um fenômeno biopsicossocial, os estudiosos tendem a enfatizar ora os aspectos biológicos, ora os aspectos ambientais e sociais, não conseguindo superar visões dicotomizantes ou fragmentadas. Outro aspecto que é relacionado à adolescência é a questão da rebeldia, o que muitas vezes acarreta em uma visão naturalizante e patologizante desta fase.

Ao estudar a adolescência, é necessário ter em mente que não é um período natural do desenvolvimento humano e sim uma fase criada pela sociedade. É evidente que existem mudanças corporais e um desenvolvimento cognitivo, porém, sabe-se que

passamos por mudanças em vários períodos da vida, como é o caso das mudanças corporais no envelhecimento (Ozella, 2002).

De acordo com Reis e Zione (1993), a adolescência passou a ser considerada como tal do final do século XIX para o início do século XX. Essa concepção de adolescência surgiu em decorrência da sociedade moderna capitalista, do avanço tecnológico e devido à troca do serviço braçal pelas máquinas, o que ocasionou um alto índice de desemprego. Diante dessa nova realidade, a adolescência veio como uma forma de retardar a entrada de mais pessoas no mercado de trabalho, esses adolescentes passam a ter que estudar mais para estarem aptos para a demanda do mercado de trabalho e ficam mais tempo sob a tutela de seus pais.

Para efeito desta dissertação, concebe-se criança/adolescente, conforme assegurado pela Organização Internacional do Trabalho- OIT (2001) e pelo Estatuto da Criança e Adolescentes- ECA (1990), como pessoas que tem idade inferior a 18 anos, considerando sua condição especial de pleno desenvolvimento. Sendo assim, ao abordar a questão do trabalho infantil esportivo e artístico refere-se às pessoas que ingressaram na carreira artística ou esportiva antes dos 18 anos de idade.

Diante do que foi exposto neste tópico, acerca da contextualização do trabalho infantil, surgem algumas inquietações: questiona-se o que é trabalho infantil, as nuances que este apresenta, quais as implicações para crianças e adolescentes e como essa forma de trabalho é tratado pela legislação.

1.2. Concepção de trabalho infantil

Evidencia-se que a inserção precoce no trabalho está presente na cultura da sociedade brasileira desde os seus primórdios e que no decorrer do tempo foi adquirindo

diversos significados dentre os quais se podem destacar: trabalho explorador, trabalho formador, trabalho complementar à renda familiar, entre outros (Alberto, 2002).

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho – OIT (2001) o trabalho infantil pode ser compreendido como aquele realizado por crianças e adolescentes que estão abaixo da idade mínima assegurada pela legislação com relação à entrada no mercado de trabalho em vigor no país. Na legislação brasileira, qualquer trabalho é proibido para menores de 16 anos, exceto o trabalho na condição de aprendiz a partir de 14 anos, em concordância com o que estabelece a Lei n. 10.097 (2000), conhecida como Lei de Aprendizagem. Porém, Alberto (2004) concebe o trabalho precoce como o exercício de atividades variadas realizadas por crianças e adolescentes no intuito de receberem pagamento, que pode ser em espécie ou em gênero.

O NUPEDIA, núcleo no qual a pesquisadora está vinculada, se dedica a pesquisas, estudos e intervenções nas questões sociais que enfocam crianças e adolescentes, desde 2001. Um dos temas de interesse se refere justamente ao trabalho infantil. Constata-se nos diversos estudos do núcleo e em pesquisas, em nível nacional e internacional, que o ingresso precoce da criança no trabalho lhe acarreta diversos prejuízos como: danos ao desenvolvimento físico, mental, afetivo e moral; afeta o processo de escolarização; colabora para o aumento da Exploração Sexual e participação no narcotráfico; gera mão de obra desqualificada; adultização precoce; entre outros (Alberto & Santos, 2011; Alberto, Silva, Santana, Vasconcelos & Cirino, 2006; Kassouf, 2007, Lins, 2004; Moura, 1996; Pereira, Pereira & Oliveira, 2007).

No que se refere às implicações do trabalho infantil para o processo de escolarização, Alberto e Santos (2011) apontam dois aspectos primordiais da educação para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, os quais são: a interação e a

instrução formal. Estes aspectos estão presentes na teoria de Vigotski, quando o mesmo aborda o papel da escola para o desenvolvimento proximal. A interação na escola possibilita que os pares e os professores sejam mediadores contribuindo no processo de aprendizagem, além de propiciar a convivência com outras crianças. É a partir da instrução formal que a zona de desenvolvimento proximal é estimulada, ou seja, essa estimulação se dá pela demonstração, experiência e assistência que as crianças e adolescentes recebem na escola. Diante do que foi exposto, emergem alguns questionamentos: como fica a aprendizagem de crianças e adolescentes que vão para a escola cansados – devido a uma rotina de trabalho – ou que devido aos compromissos profissionais – acabam diminuindo sua frequência escolar? Como fica a socialização com os pares? Como essas crianças e adolescentes lidam com o afastamento dos amigos? No tópico que aborda o trabalho infantil artístico estes questionamentos serão tratados de forma mais detalhada.

O trabalho infantil esportivo e artístico ainda se encontra cercado de controvérsias tanto no que diz respeito a sua legalidade quanto com relação as suas implicações para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. De acordo com as “Orientações técnicas – Gestão do programa de erradicação” (MDS, 2010b), ao se tratar dessas formas de trabalho infantil, os agentes públicos devem estar atentos ao limiar do desenvolvimento cultural e esportivo e da exploração nessas atividades, da não garantia do desenvolvimento integral da criança/adolescente, do malefício à sua saúde física e psicológica, da garantia da convivência familiar e comunitária e do prejuízo do acesso à escola.

Outro aspecto que deve ser destacado se refere à forma como os meios de comunicação e as mídias estão explorando o trabalho infantil. Segundo Lima (2012), as

crianças parecem ter se tornado ferramenta fundamental para conquistar novos consumidores na área da propaganda e são utilizadas em larga escala nos mais variados tipos de comerciais como de celulares, carros, brinquedos, bancos, imóveis, entre outros. O referido autor também destaca que as crianças começaram a participar de programas na televisão brasileira no início da década de 70 e que nestes programas as crianças eram usadas como forma de elenco de apoio e como parte decorativa do cenário, os interesses eram nitidamente comerciais sem nenhuma preocupação com os aspectos sociais ou educacionais dessas crianças.

Bezerra (2008) constata que é devido à importância que a criança adquire na cultura do consumo, que a mesma ganha espaço na mídia. As crianças deixam de ser espectador para estarem dentro da televisão, participando de novelas, filmes, anúncios de produtos relacionados ao público adulto e infantil, entre outras atividades. Ainda com relação a essa questão, Bezerra (2008) destaca que a criança e o adolescente passam a ocupar um lugar social diferenciado, eles saem da condição anônima e passam a ser celebridades mediante a exposição e exploração da sua imagem.

De acordo com Camargo (2010), a insuficiência de clareza na regulação do trabalho artístico e esportivo foi diagnosticada como lacuna existente na legislação brasileira na “Análise do arcabouço jurídico relativo a todas as formas de trabalho infanto-juvenil” do Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Trabalhador Adolescente realizado em 2004. Visando transpor essa falta de clareza no que se refere à legislação que deveria proteger o trabalhador infantil esportivo ou artístico o governo lançou o Projeto de Lei n. 83¹ (Projeto de Lei do Senado [PLS], 2006), de autoria do senador Valdir Raupp. O referido projeto de lei

¹ O referido Projeto de Lei ainda encontra-se em tramitação no senado.

propõe que seja abstraído do ordenamento jurídico, da alçada do Estado, conceder ou não a autorização de crianças e adolescentes para o trabalho artístico e esportivo, passando a ser responsabilidade dos pais. O PLS (2006) fixa a idade mínima de 14 anos para exercer este tipo de atividade laboral com autorização apenas da família, para os menores de 14 anos ainda seria exigido à autorização judicial.

Camargo (2010) explicita que por trás desse projeto existem diversos interesses, dentre os quais o interesse econômico, e sugere que o projeto de lei deveria ter adotado o interesse em resguardar o ordenamento da proteção integral de crianças e adolescentes e não deixar a critério dos pais para tomar uma decisão que pode trazer implicações para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Ainda acerca da legislação, a referida autora aborda o Projeto de Lei n. 6.937² (Projeto de Lei [PL], 2010), de autoria do deputado Paulo Henrique Lustosa, que ao contrário do PLS n. 83 (2006), destaca a necessidade de resguardar os direitos fundamentais das crianças e adolescentes abordando de forma pormenorizada alguns critérios que devem ser atendidos para a participação das mesmas em atividades artísticas e desportivas. Dentre estes critérios, ressalta-se a garantia que a criança/adolescente esteja acompanhada de seus responsáveis ou de quem os represente, que tenha acompanhamento médico, psicológico e odontológico e que parte do dinheiro ganho com o trabalho seja depositado em poupança. Diante do exposto, faz-se necessário compreender as singularidades do trabalho infantil artístico e esportivo.

² O referido Projeto de Lei foi arquivado.

1.2.1. Trabalho infantil artístico.

Todo ser humano, de acordo com a Constituição Federal (1988), tem o direito de vivenciar a arte seja como apreciador ou se expressando artisticamente. No que se refere especificamente à criança e ao adolescente, o ECA (1990) no seu Artigo 71 preconiza que estes têm o direito de brincar, de se divertir e de participar de espetáculos desde que este respeite sua condição peculiar de desenvolvimento. Sendo assim, a arte pode ser acessada, por crianças e adolescentes, ao participar de espetáculos ou formas de manifestação artística livre, ou seja, sem a necessidade de pagamento.

O espetáculo é uma atividade desenvolvida ou colocada à disposição de uma organização que possui meios de caráter exibicionista visando uma contrapartida de valor monetário. Ou seja, a pessoa atua em determinado local e se dirige ao público que igualmente intervém, interagindo ou agindo como receptor (Bahia, Pereira & Monteiro, 2008).

Uma discussão recorrente é se a moda e a publicidade seriam ou não consideradas uma forma de trabalho artístico. Na presente dissertação, considerar-se-á o que rege a Lei n. 6.533 (1978) – lei vigente que regulamenta a profissão de artista e de técnico em espetáculos – no seu 2º artigo, que concebe o artista como o profissional que cria, interpreta, obra cultural de qualquer natureza, para divulgação ou exibição pública tanto em ambientes que se realizem espetáculos públicos, quanto, pelos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, mídia impressa, entre outros). Sendo assim, atividades de moda e publicidade neste estudo serão consideradas como fazendo parte da gama de atividades artísticas.

Diante desta premissa, a exploração do trabalho infantil artístico pode ser compreendida como uma série de atividades desenvolvidas por crianças e adolescentes

que recebem alguma forma de pagamento e que vem sendo legitimado pela cultura ao longo do tempo. Para legitimar a atividade laboral artística, a sociedade faz uso de um discurso baseado na legislação, abordando a atividade artística como o acesso a diversidade e a educação cultural, desconsiderando a exploração que pode ocorrer nessas atividades. Constata-se, assim, uma confusão social entre o direito da criança de expressar-se culturalmente e artisticamente com o trabalho no meio artístico (Costa, Leme & Custódio, 2010).

As atividades de crianças e adolescentes em espetáculos e em publicidade contemplam um variado leque de atividades dentre os quais: atividades de representação em teatro, televisão e cinema; atividades musicais e de dança; de moda e publicidade e atividades circenses. No que se refere especificamente à atividade econômica das crianças em espetáculos e publicidade, pressupõe a existência de um vínculo contratual com entidades exteriores ao círculo familiar, caracterizando-se assim como um trabalho, com exceção das atividades circenses, cujo enquadramento é em sua grande maioria familiar (Bahia et al., 2008).

O trabalho infantil artístico pode ser concebido, segundo Cavalcante (2012), como a atividade que se beneficia com a participação infantil e tem por finalidade a lucratividade. Essa participação pode ser como ator, dançarino, cantor, apresentador, músico, artista circense, é parte de uma obra maior com valor de mercado. Sendo assim, o artista mirim tem seu talento explorado comercialmente por terceiros.

Outro aspecto a ser ressaltado, é que a participação no mundo das artes do espetáculo, da moda e da publicidade pode ser prejudicial ao desenvolvimento. Já que a experiência artística implica uma vivência diferente em termos do conceito que as crianças e adolescentes têm de si, de como elas são percebidas pelas outras pessoas, da

discrepância entre o que é estabelecido no exercício da atividade e a estrutura de desenvolvimento, o que inclui: a exposição às atitudes, às regras, aos valores sociais e, ainda, à interação com o meio na qual está inserida. Diante desses aspectos a criança ou o adolescente pode construir sua imagem a partir de sua participação em atividades artísticas, sem tomar consciência das suas características subjetivas que o torna um ser único e que vai além da sua atividade e do seu talento (Bahia et al., 2008).

A inserção de adolescentes na profissão de modelo permite vislumbrar as inúmeras mudanças que isso acarreta na vida dos aspirantes à carreira artística. As adolescentes aspirantes à modelo passam por mudanças corporais e psicossociais. É exigido que elas apresentem um repertório de comportamentos que são esperados na profissão, o que muitas vezes pode ir contra ao que é necessário para o seu desenvolvimento e contra os valores de suas famílias. Os comportamentos exigidos podem chegar a afetar a qualidade de vida dessas meninas, pois, abrangem o lugar onde elas vivem, muitas vezes precisando morar distante dos pais e amigos. Influenciando também nos estudos (Pires, Rodrigues, Fisberg, Costa, & Schoen, 2012).

Ainda no que se refere às implicações dessas atividades, o empenho na atividade laboral artística pode ocasionar a formação de “relações deficitárias” (p.115) tanto devido às amizades baseadas na fama como pelo afastamento do convívio social devido ao grande número de compromissos que estes jovens artistas tem cotidianamente. Sendo assim, eles deixam de participar de festas de aniversários, encontros familiares, passeios da escola, ou seja, de atividades comuns para crianças e adolescentes em plena fase de desenvolvimento (Cavalcante, 2012). Diante disso, as crianças podem tanto ocupar um lugar de destaque quanto vivenciar sentimentos de solidão, isolamento e indiferença que podem prejudicar o desenvolvimento socioemocional (Bahia et al., 2008).

A inserção de crianças e adolescentes no mundo artístico, envoltos pelo deslumbramento da mídia pode ocasionar uma visão idealizada da vida, do mundo e que irá influenciar direta ou indiretamente na forma desses jovens encararem o futuro e no desenvolvimento de recursos de proteção. Muitos se deparam com a fama em uma idade precoce, mas, como o mundo do espetáculo é repleto de altos e baixos e de recusas, a criança e o adolescente necessitam de uma adaptação equilibrada para lidar com essas situações, o que nem sempre acontece. Ocasionalmente, assim, a insônia, a ansiedade, os distúrbios de alimentação, a depressão, entre outros problemas de ordem física, emocional e moral (Cavalcante, 2012).

Em algumas atividades relacionadas à representação, publicidade e moda, por vezes é solicitado às crianças e adolescentes desempenhos que não são adequados a sua idade. Os produtores ou diretores chegam a afirmar que não aceitam atitudes infantis no período de gravação, porque nesses momentos eles têm que ser profissionais (Cavalcante, 2012). Essa exigência acaba ocasionando certa permissividade por parte dos pais em outros contextos, o que é bastante prejudicial, já que na infância são estabelecidos os limites do que é certo ou errado e o respeito às regras (Bahia et al., 2008).

Desse modo, ao discorrer sobre o trabalho infantil artístico se faz mister compreender o dilema entre o uso e o abuso, que muitas vezes é encoberto pelo glamour da atividade. De acordo com Almeida (2011) e O. Oliveira (2009), o trabalho infantil artístico pode chegar a ser mais árduo do que outras formas de trabalho devido ao ritmo, pelo fato de ser longo ou cansativo, ou devido ao tempo de espera entre as atividades, ou ainda pelo fato das crianças e adolescentes terem que repetir diversas vezes as mesmas cenas.

No entanto, estes aspectos não chegam ao conhecimento da sociedade, pois, o que chega a ela é o trabalho finalizado, ou seja, é o desfile, a propaganda, a cena da novela, a peça de teatro. Há um verdadeiro desconhecimento de que as crianças e adolescentes passam o dia todo no estúdio para gravar um comercial e ainda tem o tempo que elas gastam para decorar as falas (Cavalcante, 2012). Um estudo realizado em Portugal por J. Macedo (2011), avaliando a representação social do trabalho infantil na mídia do referido país, apresentou como resultado que o trabalho artístico tem, por vezes, uma representação social positiva. O site “Socialgest”, de 4-07-2008, citado por J. Macedo (2011) tem como manchete: “Acabou, em Portugal, o trabalho infantil nos moldes que, em 1998, atraiu, pela negativa, as atenções da Imprensa europeia. Fala-se, agora, no «trabalho infantil dos ricos»: jovens no mundo do espetáculo e da moda” (p. 76).

Um aspecto citado por Bahia et al. (2008), é que as atividades artísticas de crianças e adolescentes resultam em grande parte de um desejo dos adultos. Em sua pesquisa, dos 152 entrevistados, cerca de dois terços consideram que a motivação para a participação de atividades artísticas se deve ao incentivo de familiares, mais especificamente, dos pais.

Segundo Almeida (2011), a atividade artística pode ser produto de um querer próprio da criança ou do adolescente para o desenvolvimento de seu talento. Ou pode ser decorrente do interesse dos pais que almejam manter seus filhos artistas nos meios de comunicação. O referido autor explicita que essa questão deve ser avaliada com bastante cautela, já que os pais têm que dar suporte emocional aos artistas mirins e não enxergá-los como forma de ascensão financeira e meio de obtenção de fama.

Almeida (2011) ainda sugere que os pais devem estar atentos aos sinais das crianças e adolescentes para perceber se a atividade que está sendo exercida é prazerosa e divertida, devendo ser interrompida, caso a criança ou adolescente esteja insatisfeito com a mesma. Ao se referir a este aspecto, Camargo (2010) destaca que os direitos fundamentais das crianças e adolescentes devem prevalecer sobre o interesse econômico ou midiático, tanto dos próprios familiares quanto dos contratantes. Já que estes artistas mirins se encontram em fase de desenvolvimento e suas singularidades devem ser respeitadas para possibilitar um desenvolvimento biopsicossocial pleno.

Com relação à influência do trabalho infantil artístico no desempenho escolar, no estudo de Bahia et al. (2008) que visava refletir acerca dos benefícios e das possíveis implicações da participação de crianças e adolescentes em espetáculos, moda e publicidade em Portugal, uma questão ressaltada é que a maioria das crianças e adolescentes considerou como positivo seu desempenho escolar, chegando a afirmar que a atividade artística não interfere no seu rendimento na escola.

Tal percepção também foi constatada no estudo de Cavalcante (2012), no entanto, ao analisar as respostas das mães e dos próprios artistas mirins percebe-se que os compromissos de trabalho acabam levando as crianças e os adolescentes a faltarem bastante na escola, tendo que fazer atividades extras para compensar as faltas. Cavalcante (2012) afirma que por vezes os entrevistados chegaram a afirmar terem visto pais de crianças fazendo as atividades escolares de seus filhos no camarim. Outra questão levantada pela autora é que devido ao fascínio que cerca o trabalho artístico a escola acaba sendo conivente com as faltas dos artistas mirins, porém, alerta que no momento pode parecer uma ajuda, mas, pode ocasionar em grande prejuízo para

aprendizagem e para o convívio social, que são proporcionados ao se frequentar a escola regularmente.

Ao ponderar as implicações do trabalho infantil artístico faz-se necessário compreender que elas são diferentes, dependendo do tipo de atividade laboral e da idade de ingresso. Esta realidade trás à tona a necessidade de analisar as implicações a partir da perspectiva das crianças/adolescentes que vivenciam a atividade e adultos que vivenciaram, em diferentes áreas do meio artístico.

1.2.2. Trabalho infantil esportivo.

De acordo com a Constituição Federal (1988), no artigo 227 e com o ECA (1990), nos artigos 4º e 5º, é direito de todo cidadão (especificamente aqui se referindo ao direito das crianças e adolescentes) ter acesso ao esporte e ao lazer, por consequência, é dever do Estado fornecer condições para tal.

No que se refere especificamente ao esporte, no Brasil ele é compreendido em três vertentes, constituindo-se num tripé: o esporte enquanto ferramenta educacional, o esporte enquanto lazer e o esporte de alto rendimento, todos ligados ao Ministério do Esporte. O esporte enquanto ferramenta educacional é responsabilidade da Secretaria Nacional de Esporte Educacional e ocorre em parceria com o Ministério da Educação e Cultura, tendo como principal programa em vigência, o Programa Segundo Tempo. Este programa tem como foco a inclusão social a partir do esporte que é praticado no horário oposto ao que as crianças e adolescentes frequentam a escola (Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República [SECOM], n.d.).

Sob a responsabilidade da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e Lazer está a concepção do esporte enquanto lazer. Em material elaborado pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, intitulado de “Por

Dentro do Brasil/Espportes”, aponta que as ações do Estado visando oferecer o esporte para a população, atua por duas vias, mantendo os núcleos esportivos nas comunidades e incentivando os estudos acerca do Esporte Recreativo e Lazer, em parceria com 50 universidades brasileiras (SECOM, n.d.). O esporte enquanto lazer é voltado para que as crianças e adolescentes tenham acesso ao esporte na forma de brincadeira, podendo ocorrer na própria residência ou em espaços na comunidade em que vivem (praças, estádios, ginásios, entre outros).

Já o esporte de alto rendimento é de responsabilidade da Secretaria Nacional de Esporte de Alto rendimento, que tem como principais funções promover o treinamento, a formação de atletas e preparar eventos esportivos por todo o país. O bolsa atleta é o programa oferecido pelo governo que garante benefício financeiro para os atletas de alto rendimento, abrange atletas que estão competindo em nível estudantil, em nível regional, nacional e internacional e atletas olímpicos e paraolímpicos (SECOM, n.d.). A Lei n. 12.395 (2011) em seu artigo 3º, estabelece que o bolsa atleta deve ser prioritário para os atletas de alto rendimento de modalidades olímpicas e paraolímpicas.

Outro incentivo ao esporte de alto rendimento dado pelo governo é a disponibilidade de recursos financeiros para a compra de equipamentos, contratação de equipes médicas e de técnicos. Os incentivos ao esporte de alto rendimento se dão tanto pelo governo como por iniciativa de pessoas físicas e jurídicas (SECOM, n.d.), explicitando, assim, o caráter profissional e mercadológico adquirido pelo esporte na atualidade.

Assim como o trabalho infantil artístico, o esporte de alto rendimento praticado por crianças e adolescentes, caracterizado como trabalho infantil esportivo, é repleto de polêmicas e gera muitas discussões. Constata-se, que o esporte vem sofrendo uma

descaracterização e mudando de sentido de acordo com as modificações no contexto social. No estudo de Rubio (2002), o esporte é considerado como uma forma singular de adaptação à vida moderna e pode ser entendido como um tipo de trabalho disfarçado e desmoralizante. A referida autora aponta como características do esporte à disciplina, autoridade, iniciativa, perfeição, destreza, racionalidade, organização e burocracia, evidenciando a relação entre o esporte e o caráter mercadológico do capitalismo.

As olimpíadas surgiram como uma proposta de amadorismo e que pregava a solidariedade e o respeito mútuo não só entre os atletas, mas, entre as nações. As práticas esportivas eram consideradas como independentes dos poderes públicos e tratados como produto da iniciativa individual e do caráter voluntário. Mas, diante das transformações ocorridas em detrimento das forças produtivas capitalistas, o esporte vai adquirindo um novo significado e consequentemente os atletas também. Ocorre à profissionalização do esporte a partir das Olimpíadas de Seul em 1988. O atleta profissional passa a ser um novo tipo de trabalhador que vende sua força de trabalho, regulado pelas leis de oferta e procura no mercado, que exige cada vez mais desta nova categoria profissional (Rubio, 2006).

A profissionalização do esporte desencadeia transformações tanto em nível institucional quanto na atividade competitiva em si, induzindo o esporte a se tornar uma profissão cobiçada por envolver dinheiro e fama. Diante destas transformações, passou-se a exigir mais dos atletas e o início do esporte se dá cada vez mais precocemente, podendo acarretar em implicações físicas, emocionais e morais (Rubio, 2002).

De acordo com Nunomura, Carrara e Tsukamoto (2010), a inserção cada vez mais cedo no esporte de alto rendimento resulta em uma “especialização precoce” (p.305), que é a especialização anterior ao período considerado como ideal, quando

fases do processo de formação são antecipados ou desconsiderados por completo. Os referidos autores apontam que o início de formação do atleta pode variar de acordo com a cultura, a modalidade esportiva, o gênero, o tempo prestado ao esporte e o ápice esportivo. Posteriormente, discute-se de forma mais pormenorizada o futebol e a ginástica artística, duas modalidades que tendem a ser iniciadas precocemente.

Diversos estudos estão sendo realizados almejando compreender as consequências físicas diante de ritmos de treinos que exigem tanto do atleta. O mercado do esporte exige cada vez mais desempenho e talento dos atletas, estes acabam se esforçando demasiadamente, o que acarreta em lesões que vão variar de acordo com cada esporte praticado. Por exemplo, são comuns as lesões no ombro e no joelho na prática do vôlei (Bittencourt, Amaral, Anjos, D'Alessandro, Silva, & Fonseca, 2005; Mendonça, Bittencourt, Anjos, Silva, & Fonseca, 2010), desregulações no sistema reprodutor de atletas da ginástica olímpica (Meira & Nunomura, 2010), lesões musculoesqueléticas em atletas da canoagem (Hensel, Perroni, & Leal, 2008), a prevalência de síndrome pré-menstrual em atletas (Gaion & Vieira, 2010) e a fadiga muscular que atinge atletas de distintas modalidades (Baroni, Wiest, Generosi, Vaz, & Leal, 2011).

No que se refere aos aspectos emocionais, se faz necessário está ciente que o esporte de alto rendimento exige dos atletas saber lidar constantemente com o estresse, a rivalidade, a competição, o fato de ganhar ou perder, aspectos estes que podem acarretar em ansiedade e depressão e/ou insegurança (Coimbra et al., 2013). No caso de crianças e adolescentes, essa questão só se agrava, já que estes são sujeitos em pleno desenvolvimento, construindo seu autoconceito diante das percepções e valores, influenciados pelo meio em que vivem (Vieira, Vieira, Ferraz, & Oliveira, 2010).

Assim como o trabalho infantil artístico, o trabalho infantil esportivo é visto com deslumbramento pela sociedade e para muitas crianças e adolescentes é tido como uma oportunidade de ascensão financeira e fama. No Brasil, que é considerado como o “país do futebol” e que tem grande parte da sua população vivendo em extrema pobreza, muitos jovens ingressam na profissão de jogador de futebol sonhando que vão ser famosos e ganhar dinheiro para ajudar a família (Alcântara, 2006). Acerca dessa questão, é importante destacar que de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística– IBGE (2010) a população negra e parda é maioria no Brasil, correspondendo a 50,7% da população. E que estes negros e pardos, em sua maioria, ganham salários inferiores aos brancos, vivendo em condições de vida precária. Diante dessa desigualdade social os jovens negros e pardos enxergam no esporte uma forma de melhorar a condição de vida, o que pode está diretamente relacionado à forma como o esporte de alto rendimento é abordado pela mídia.

Um estudo realizado por Alcântara (2006) discute acerca de como o esporte de uma forma geral, e, mais especificamente o futebol, estão sendo retratados pela mídia. Este estudo traz a história de alguns jogadores de futebol bem sucedidos e outros que tiveram seus sonhos destruídos por “falsos agentes” que prometiam carreira internacional. Constata-se a partir desse estudo que, embora o futebol seja um esporte que possibilita uma ascensão financeira rápida e o reconhecimento da mídia, são poucos os que conseguem conquistar tal ideal e por vezes precisam abrir mão do convívio familiar e da escola para se dedicarem aos treinos.

Alguns estudos acerca dessa temática indicam que o mercado do futebol tem como sustentáculo um novo tipo de agência de formação profissional que recruta jovens adolescentes, em geral, pertencentes às camadas populares e médias. Esses jovens

acabam investindo muito tempo de suas vidas vislumbrando essa carreira, que apresenta poucos postos de trabalho e que são valorizados economicamente (Soares, Melo, Costa, Bartholo & Bento, 2011).

Soares et al. (2011) ainda destacam que a formação desses jovens profissionais vem começando cada vez mais cedo, entre 10 e 12 anos. Funciona geralmente em regime de albergamento, no qual os atletas passam, aproximadamente, 10 anos envolvidos em preparo físico e técnicas corporais. É um trabalho que exige muita preparação, o que acaba entrando em desacordo com a escola, já que o ritmo dos treinos são bem pesados e ocupa quase todo o dia. Estes aspirantes a jogadores profissionais acabam frequentando a escola no período noturno, já cansados dos treinos realizados durante o período diurno.

Outro esporte que merece maior destaque é a ginástica artística. A Federação Internacional de Ginástica (FIA) considera como idade mínima, 16 anos, para participação em jogos olímpicos. Diante de tal premissa evidencia-se que o início para a formação das atletas de ginástica olímpica se dá de forma bastante precoce, já que o tempo aproximado de formação desses atletas é de oito anos e aos 16 anos de idade já estão participando de grandes competições (Schiavon, Paes, Moreira, & Maia, 2011).

As exigências nessa modalidade esportiva, citadas por Ferreira Filho, Nunomura e Tsukamoto (2006), são: coordenação, flexibilidade, potência, força e capacidade anaeróbia. Em relação aos aspectos psicológicos, é necessário: a perseverança, a autoconfiança e a disciplina. A rotina de treinos destes atletas pode variar de quatro a seis horas por dia, alguns chegam a ser de sete horas diárias. Treinam durante o ano todo e folgam no final de semana quando não há competições. De acordo com os

referidos autores, o alto ritmo de treinamento pode influenciar no crescimento e na maturação das crianças e adolescentes.

Ao analisar as implicações do trabalho esportivo, assim como no trabalho artístico, deve-se considerar que essas implicações são influenciadas pela idade que os atletas ingressam no esporte e pela modalidade esportiva que praticam. Ponderando este aspecto, ressalta-se o interesse na presente dissertação de analisar as implicações do esporte de alto rendimento a partir da perspectiva das crianças/adolescentes que estão vivenciando e dos adultos que vivenciaram.

Almejando compreender as nuances do trabalho infantil esportivo e artístico, é de suma importância ampliar o conhecimento, contemplando questões como a legislação referente a estas formas de atividade laboral. Aspecto esse que será tratado de forma pormenorizada no tópico seguinte.

1.3. Legislação acerca do Trabalho Infantil

A legislação brasileira, no que se refere à proteção e à garantia de direitos de crianças e adolescentes já avançou consideravelmente e se apresenta em conformidade com a legislação internacional. Diante deste avanço, a prevenção e o combate ao trabalho infantil passam a ser considerados como direito e como responsabilidade do Estado e da sociedade em geral (Alberto, Freire, & Lima, 2011; Lopes & Alberto, 2011; I. Oliveira, 2004).

Ao abordar acerca da legislação brasileira que protege crianças e adolescentes se faz mister citar o art. 227 da Constituição Federal (1988) que determina que é dever da família, da sociedade e do próprio Estado assegurar o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. É dever também da família,

sociedade e Estado proteger as crianças e os adolescentes de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Segundo Marques (2009), esse artigo aborda a proteção integral, constituído por um conjunto vasto de direitos que resguardam e garantem a proteção de crianças e adolescentes.

A partir da Constituição de 1988 e das lutas de movimentos sociais e de grupos em defesa da garantia de direitos de crianças e adolescentes, foi implementada a Lei complementar 8.069, denominada como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), que dispõe sobre a proteção integral da criança e adolescente, determinando a prevenção e erradicação do trabalho infantil e a proteção do trabalhador adolescente. A partir da Constituição Federal (1988), juntamente com o ECA (1990) e a Emenda Constitucional (1998), assegurou-se que o trabalho de crianças e adolescentes de até 16 anos fosse proibido. É proibido também que menores de 18 anos realizem atividades de trabalho perigoso, noturno ou insalubre. Alberto et al. (2011) destaca que através da ação da sociedade civil e da forte cobrança internacional houve uma intensificação nas ações visando combater o Trabalho Infantil.

Dentre as ações realizadas no Brasil no intuito de combater o trabalho infantil pode-se citar o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), o Programa Mais Educação, o Programa Segundo Tempo (já citado anteriormente) e o Programa Jovem Aprendiz. O PETI foi criado em 1996 com objetivo de retirar crianças e adolescentes com faixa etária inferior a 16 anos de idade das atividades de trabalho, que são consideradas perigosas, penosas, insalubres ou degradantes, que podem gerar um comprometimento no desenvolvimento físico e psíquico destes trabalhadores (MDS, 2004). No que se refere ao Programa Mais Educação, foi fundado em 2007 e tem como perspectiva a educação integral a partir da ampliação da jornada escolar e modificações

curriculares, integrando atividades como educação ambiental, esporte e lazer, promoção de saúde, entre outras. A adesão ao programa é feita pelas escolas públicas das redes municipais, estaduais e Distrito Federal (Ministério da Educação [MEC], 2007).

O Programa Segundo Tempo tem como objetivo oportunizar o acesso à prática esportiva aos alunos das Escolas Públicas, visando o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, na faixa etária de 6 a 17 anos, contribuindo na formação da cidadania e na qualidade de vida (Ministério do Esporte [ME], 2011). Já o Programa Jovem Aprendiz tem como objetivo a qualificação profissional de adolescentes e jovens que estão na faixa etária entre 14 e 24 anos, a partir da execução de atividades teóricas, oferecidas pela entidade formadora e práticas disponibilizadas pela empresa ou entidade formadora (MTE, 2014).

É importante esclarecer novamente que a Lei de Aprendizagem de n. 10.097 (2000) possibilita que o adolescente trabalhe a partir dos 14 anos, já que esta idade é determinada como mínima para ingressar no trabalho na condição de aprendiz e como máxima obrigatória para a escolaridade pelo ECA (1990). A idade mínima também encontra respaldo na Convenção Internacional de n. 138 (2002) da Organização Internacional do Trabalho - (OIT), que restringe a menor idade para aprovação ao trabalho.

No que se refere à legislação em nível internacional, merece destaque a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, de 1989 (Organização das Nações Unidas [ONU], 1989); a Convenção de n.138, da idade mínima para admissão de emprego; a Convenção de n. 182, que trata das piores formas de trabalho infantil e a Recomendação 190. A Convenção 138 foi ratificada pelo Brasil por força do Decreto n. 4.134 (2002), de 15 de fevereiro de 2002. Quanto a Convenção de n. 182 foi ratificada

no Brasil pelo Decreto n. 3.597 (2000) de 12 de setembro de 2000. Ambas as convenções são da OIT. Em relação à Recomendação 190 (2000), também da OIT, complementa a Convenção 182 e deve ser aplicada em conjunto com a mesma. Esta Recomendação é promulgada no Brasil pelo mesmo Decreto que ratifica a Convenção 182.

Acerca das ações realizadas em nível internacional, destacam-se as conferências globais. A I Conferência Global ocorreu em Amsterdam (Holanda) no ano de 1997, na qual se visava à sensibilidade da comunidade internacional acerca do trabalho infantil e das implicações para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. A II Conferência Global foi realizada em Haia (Holanda) no ano de 2010, representando um grande avanço com relação à primeira conferência. Nesta, foram consolidadas algumas proposições para eliminar as piores formas de trabalho infantil, que foram incorporadas ao Plano de Ação Global da OIT. Já a III Conferência Global aconteceu em Brasília (Brasil) no ano de 2013, sendo um espaço de reflexão e discussão acerca dos avanços e dos desafios no processo de eliminação do trabalho infantil, contando com a participação de governos, empregadores, sociedade e organizações internacionais. Um diferencial dessa conferência foi a participação de um grupo de adolescentes brasileiros que se fizeram presentes nas plenárias e contribuíram nas discussões a partir de suas vivências. Uma destas contribuições foi a Declaração dos adolescentes participantes da III Conferência, na qual os mesmos reivindicam por espaços para crianças, adolescentes e jovens na construção de políticas públicas de combate ao trabalho infantil (OIT, 2013).

Outra contribuição para o combate ao trabalho infantil advindo da III Conferência foi a Declaração de Brasília sobre o Trabalho Infantil, a mesma foi

realizada pelos participantes da conferência (organizações internacionais, governos, empregadores, sociedade civil, organizações não governamentais, entre outros) na qual reafirmam o compromisso na eliminação das piores formas de trabalho infantil até 2016 e como objetivo mais abrangente erradicar toda forma de trabalho infantil (OIT, 2013).

1.3.1. Trabalho Infantil Artístico e legislação.

Pela Consolidação das Leis de Trabalho – CLT (1943) nos artigos 405 e 406 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) no artigo 149 (Parágrafo 2º), o trabalho infantil artístico pode ser realizado mediante autorização judicial do Juiz da Infância e da Juventude. Entretanto, o Projeto de Lei de n. 3.974 (2012) que está tramitando na Câmara dos Deputados visa transferir a competência para expedir alvarás que permitem o trabalho infantil artístico do Juiz da Infância e da Juventude para o Juiz do Trabalho. Para Marques (2012), a concepção presente no referido Projeto se deve ao fato do Juiz do trabalho ser considerado como mais preparado para avaliar os pedidos de autorização para atividade laboral, por já lidar com questões que envolvem trabalho e seus riscos.

Ainda no que se refere à autorização do trabalho infantil artístico, Almeida (2011) destaca que a Convenção 138 da OIT, em seu artigo 8º, admite que crianças e adolescentes menores de 18 anos participem de produções artísticas mediante autorização individualizada, na qual serão fixados parâmetros para o exercício da atividade artística.

No entanto, de acordo com Marques (2009), é necessário fazer um acordo entre a Convenção da OIT e o Texto Constitucional, de maneira que haja um discernimento entre permissão e exploração. Essa preocupação decorre do fato que a criança e o adolescente são seres em formação, tanto física quanto psicológica,

intelectual e moral. Marques (2009) ainda aponta que considerando essa premissa, as atividades prioritárias de crianças e adolescentes, devem estar relacionadas diretamente com o desenvolvimento, como a frequência em uma escola, que proporciona capacitação intelectual, atividades recreativas e interação grupal. Estas atividades devem ser a regra no cotidiano da criança e o trabalho uma exceção.

Acerca da frequência escolar, faz-se mister destacar a Resolução n. 3 de 2012. O artigo 3º da referida Resolução garante que crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância (como os artistas circenses) sejam matriculados em estabelecimentos públicos ou privados e no artigo 4º (parágrafo 1º) assegura que a instituição de ensino deve desenvolver estratégias pedagógicas adequadas às necessidades de aprendizagem dessas crianças, adolescentes e jovens.

Para ter uma compreensão mais ampla acerca das leis que regem o trabalho infantil artístico, transpondo os níveis nacionais pode-se citar o caso dos Estados Unidos da América e o caso de Portugal. No que se refere aos Estados Unidos, há a “Lei Coogan” que foi editada no Estado da Califórnia no ano 2000 e que tem como finalidade assegurar os lucros advindos das atividades artísticas realizadas por crianças e adolescentes. De acordo com esta lei, pelo menos 15% do valor bruto adquirido pelo artista mirim deve ser depositado em uma poupança até sua maioridade ou mediante ordem judicial. Esta lei é resultado da luta de Jackie Coogan que foi artista mirim e descobriu ao completar sua maioridade que não teria direito ao rendimento de sua atividade artística na infância, desde então passou a defender os direitos de crianças e adolescentes que são artistas, luta que perdurou até o ano de sua morte em 1984 (Almeida, 2011).

Ainda com relação aos Estados Unidos, outra lei que vigora na Califórnia desde 2000 é a Child Labor Law (Lei do trabalho infantil) que fixa critérios minuciosos para a realização de atividades artísticas por crianças e adolescentes entre 15 e 18 anos. A lei estipula a carga horária máxima de trabalho de acordo com a faixa etária e o período que tal atividade pode ser exercida, que é das 5h às 22h. Na realização das atividades artísticas de crianças e adolescentes, é necessária a participação do responsável legal, de um professor de estúdio e um enfermeiro. O professor de estúdio tem função de repassar o ensino e zelar pela saúde dos artistas mirins. É importante ressaltar que a legislação dos Estados Unidos, no que se refere ao trabalho artístico de crianças e adolescentes, está mais voltada para as questões econômicas e para ajustar às peculiaridades das crianças e dos adolescentes às necessidades da indústria do entretenimento (Camargo, 2010).

Em Portugal, a participação de crianças e adolescentes em espetáculos e em outras atividades de natureza artística e publicitária (art. 70º do código de trabalho) são objetos de uma legislação específica. A lei 34/2004 nos artigos 138 a 146 regulamenta a participação de crianças e adolescentes em atividades artísticas como ser ator, cantor, dançarino, músico, modelo ou manequim (J. Macedo, 2011).

No entanto, o Código do Trabalho em vigor na sociedade portuguesa foi revisto recentemente tendo sido aprovado pela Lei n. 7/2009. Este Código regula o trabalho de menores nos artigos 66 a 83 prevendo, designadamente, a idade mínima de admissão ao trabalho. Especificamente com relação às atividades artísticas, a Lei n.105/2009 regulamenta o Código do Trabalho e regula a participação do menor em atividades de caráter cultural, artística ou publicitária (J. Macedo, 2011).

A referida lei designa limites de idade e duração do período de participação de menores em espetáculos (Parágrafo 1º do art. 3º) e a atividade laboral não deve coincidir com o horário escolar e deve ser suspensa pelo menos um dia por semana (Parágrafos 2º e 3º do art. 3º); a participação das crianças e adolescentes em espetáculo está submetida a autorização ou comunicação, sendo que a comunicação só pode ter lugar no caso de participação que decorra num período de vinte e quatro horas e respeite o artista mirim, com pelo menos 13 anos de idade que não tenha participado nos 180 dias anteriores de qualquer atividade (Parágrafos 1º e 2º do art. 5º); o órgão responsável por autorizar e por receber a comunicação é a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), que deve ouvir a criança ou adolescente em causa sempre que tal seja possível e só autoriza se a duração da prestação de serviço respeitar a lei e não prejudique a segurança, a saúde, o desenvolvimento físico, psíquico e moral, a educação e a formação do menor (Parágrafo 3º do art. 5º e 7º), entre outros aspectos. Assim, constata-se que Portugal avançou bastante com relação ao trabalho infantil artístico criando uma legislação específica para tratar do assunto observando as singularidades que envolvem esta atividade laboral (J. Macedo, 2011).

Portanto, verifica-se que o trabalho infantil artístico é um assunto conflituoso e devido a isso acaba sendo tratado de acordo com cada caso específico, pelo menos na realidade brasileira. Segundo Almeida (2011) e Marques (2012) embora o trabalho infantil seja proibido, no que se refere ao trabalho infantil artístico, nota-se certa flexibilização, em virtude do caráter cultural da atividade, uma vez que a criação artística contribui para a formação do indivíduo, quando direcionada a esse fim, estando amparado nos princípios da proteção integral e que a participação não implique em prejuízos para o desenvolvimento moral das crianças e adolescentes. Outro tema

cercado de deslumbramento e que exige uma compreensão maior dos prejuízos é o trabalho infantil esportivo.

1.3.2. Trabalho Infantil Esportivo e legislação.

O site do Tribunal Superior do Trabalho (TST – www.tst.jus.br/en/noticias) noticiou em 10.10.12 sobre um encontro de especialistas para discutir acerca do trabalho infantil artístico e esportivo. Neste encontro, os especialistas ressaltaram que o trabalho esportivo acarreta os mesmos riscos do trabalho infantil artístico, portanto, é essencial diferenciar entre o esporte voltado para a educação que ocorre em escolinhas de futebol sem o viés de formação profissional e o esporte de alto rendimento. De acordo com o Ministério Público do Trabalho (MPT), o esporte de alto rendimento é considerado como autêntica formação profissional na forma de aprendizagem. Sendo assim, essa atividade laboral só poderá ser exercida por maiores de 14 anos, na forma da Constituição Federal de 1988 e isso deve ser feito em respeito aos demais direitos fundamentais como: educação e saúde.

O esporte é um direito da criança e do adolescente, na legislação nacional, isto se evidencia tanto na Constituição de 1988 quanto no ECA, como já foi abordado anteriormente. No entanto, Cavalcante (2012) destaca que é necessário encontrar um equilíbrio entre o esporte como direito e o esporte como trabalho, considerando as especificidades da criança e do adolescente que são sujeitos em desenvolvimento.

Outro aspecto a ser ressaltado é que, assim como no trabalho infantil artístico, o trabalho infantil esportivo pode ser realizado mediante autorização judicial do Juiz da Infância e da Juventude (Almeida, 2011). Alguns autores como Bahia et al. (2008), consideram o trabalho esportivo como um espetáculo já que este é definido como qualquer atividade artística, esportiva ou de divertimento organizadas almejando atrair o

grande público. Mediante tal concepção, é possível compreender o porquê destas duas formas de atividades laborais serem semelhantes, embora ao mesmo tempo possuam suas singularidades que necessitam ser consideradas.

Ao abordar o tema trabalho infantil esportivo observando o tratamento da legislação, é imprescindível discorrer acerca da Lei Pelé- Lei n. 9.615 (1998). De acordo com Soares et al. (2011) na sua versão original, a referida lei, criou facilidades e benefícios para todos os atores envolvidos nas transações. Ou seja, os ganhos financeiros eram para todos os envolvidos em cada negociação: jogadores, empresários, clubes, patrocinadores, entre outros.

A nova Lei Pelé – Lei n. 12.395/11, segundo Melo Filho (2011), com suas modificações estruturais e conjunturais almeja uma evolução visando garantir o equilíbrio dos direitos e deveres de clubes e atletas, proteger os clubes formadores e delimitar a ação de empresários desportivos, dentre outros relevantes aos avanços e aos impactos.

Conforme esta lei, a entidade de prática desportiva formadora do atleta terá o direito de assinar com ele, a partir de 16 anos de idade, o primeiro contrato especial de trabalho desportivo. No entanto, para ser considerada formadora de atleta a entidade de prática desportiva deve atender a algumas exigências dentre as quais pode-se destacar: providenciar aos atletas programas de treinamento nas categorias de base e complementação educacional; garantir assistência educacional, psicológica, médica e odontológica; ofertar transporte e convivência familiar; manter alojamento e instalações desportivas apropriados, especialmente em matéria de alimentação, higiene, segurança e salubridade; ajustar o tempo destinado à efetiva atividade de formação do atleta, não superior a quatro horas por dia, aos horários do currículo escolar ou de curso

profissionalizante, além de propiciar-lhe a matrícula escolar, com exigência de frequência e satisfatório aproveitamento (Melo Filho, 2011).

É importante ressaltar que, apesar desses limites legais, grande parte dos centros de formação de atletas de futebol no Brasil atua sem nenhuma supervisão ou política pedagógica de Estado. Esses centros definem as cargas horárias de treinamento, escolhem profissionais que vão trabalhar diretamente com os jovens, sem considerar suas credenciais e não são avaliados quanto à infraestrutura dos centros de treinamento (Soares et al., 2011).

Assim, constata-se que o trabalho infantil esportivo e artístico ainda é cercado de conflitos e deslumbramento e que a própria legislação ainda deixa estes trabalhadores mirins desprotegidos e a mercê dos meios de comunicação. A partir desta dissertação almeja-se avançar nessas questões, compreendendo o sentido desta atividade laboral para os que vivenciam ou vivenciaram, também se pretende analisar as implicações do trabalho infantil esportivo e artístico.

Após a compreensão do tema que será estudado: o trabalho infantil esportivo e artístico, se faz necessário apreender a partir de que abordagem teórica este estudo será feito, pois esta escolha determinará a concepção de homem e mundo em que irá se basear e consequentemente influenciará na forma de compreender o fenômeno.

Capítulo 2 – Significado, sentido, vivência e projeto de vida: vislumbrando a realidade

“O saber que não vem da experiência não é realmente saber”

(Vygotski)

O presente capítulo versa sobre o aporte teórico que envolve as categorias relevantes para alcançar os objetivos desta dissertação. Visando analisar o sentido de trabalho infantil esportivo e artístico, constata-se a necessidade de compreender significado, sentido, vivência e projeto de vida. Categorias estas, que permeiam a concepção dos participantes sobre sua atividade laboral.

2.1. Escolha teórica

Partindo-se do pressuposto que é um estudo em psicologia social e tomando esta como um processo de interação entre sujeito e grupo, como resultado dos processos econômicos e políticos e pela forma de organização da sociedade aponta-se como possíveis contribuições da presente dissertação: contribuições sobre contextos de desenvolvimento; contribuições para a psicologia social nas relações do homem com diversos contextos sociais; contribuições para os direitos humanos de crianças e adolescentes e contribuições para as políticas sociais. Com tal intuito adotou-se como abordagem a Teoria Histórico-Cultural de Vygotski. Faz-se necessário explicitar que comumente esta teoria apresenta diversas denominações como sócio-histórica, sócio-construtivismo, sócio-interacionismo e histórico-cultural.

Sarmiento (2006) em uma análise acerca da produção acadêmica referente à teoria histórico-cultural no Brasil, entre os anos 1986 e 2001, aponta que a denominação

de uma teoria é o que a identifica. Sendo assim, as diferentes denominações da teoria de Vygotski podem acarretar em interpretações errôneas acerca da mesma. Partindo desse pressuposto destaca-se que para Vygotski o foco era compreender a formação psicológica a partir do biológico e cultural – sendo este último, o elemento mediador e ao mesmo tempo um processo histórico. Para Leontiev, o foco era o desenvolvimento norteado por motivos.

Considerando a relevância da história e da cultura na teoria de Vygotski faz-se necessário compreender como as mesmas são entendidas em sua obra. Sirgado (2000) ressalta que a história na obra de Vygotski é tida como questão-chave para o entendimento da natureza social e cultural do ser humano, é o que possibilita diferenciar sua teoria de outras teorias. A história é entendida por Vygotski de forma mais ampla como a abordagem dialética das coisas e de maneira mais restrita como a história humana, produto da atividade humana. Ao atribuir dois sentidos à história, Vygostki considera o plano ontogenético que é a história pessoal e o plano filogenético que abrange a história humana. Já a dimensão cultural é compreendida como resultante da vida social e da atividade social do homem, ou seja, é produção humana em sua totalidade como: produções técnicas, artísticas, científicas e tradições.

Nesta dissertação, será adotada a denominação histórico-cultural por ser considerada como a mais condizente com as propostas da perspectiva teórica de Vygotski. Embora a denominação assumida seja a histórico-cultural ao citar os autores no decorrer da dissertação será respeitada a denominação que os mesmos utilizam.

De acordo com J. Barros, Paula, Pascual, Colaço e Ximenes (2009) a Teoria Histórico-cultural surge no século XX em meio à crise da psicologia que expunha a ruptura entre duas formas de psicologia: a psicologia científico-natural e a psicologia

idealista. Havia uma dualidade epistemológica e de formas de investigação na qual os processos psicológicos eram tratados como processos biológicos, físicos ou como fenômenos transcendentais, metafísicos. A Teoria Histórico-Cultural apresentava com premissa superar os reducionismos das correntes empiristas e idealistas, almejando construir uma nova psicologia que compreendesse o sujeito em sua totalidade, articulando de forma dialética os aspectos externos e internos, considerando a relação do indivíduo com o seu entorno (Freitas, 2002).

Nessa abordagem, o homem é concebido como um ser histórico, concreto, marcado por uma cultura, que cria ideias e é consciente de si. Outro aspecto ressaltado é que o sujeito transforma e é transformado pela sociedade (Freitas, 2002). De acordo com Vygotski (1983/1997), o sujeito é um produto da sua interação com o meio social no qual está inserido, sendo assim, este se constitui na dialética entre o individual e social.

Uma questão central na abordagem Vygotskiana é o desenvolvimento, este tema foi abordado em toda sua obra, sendo apresentado na forma de reflexões e dados de pesquisa acerca de diferentes aspectos do desenvolvimento, que contribuem para apreender o desenvolvimento a partir de uma perspectiva histórico-cultural. Isto porque Vigostki tinha o interesse em compreender o desenvolvimento tanto no que se refere à filogênese quanto à ontogênese (M. Oliveira, 1997).

Pasqualini (2009) destaca que a Psicologia Histórico-Cultural nega a ideia de se conceber o desenvolvimento infantil como um processo natural marcado por estágios que se apresentam em ordem fixa e universal, já que o teor das fases será determinado pelas condições históricas concretas. Nesta abordagem, concebe-se o desenvolvimento

como algo não linear que se processa numa dimensão social, o sujeito se constitui a partir do meio e da cultura (Vygotski, 1983/2000).

Sendo assim, o desenvolvimento infantil possui relação com as condições objetivas da organização social e para compreender o desenvolvimento de uma criança deve-se ponderar o lugar ocupado por ela nas relações sociais e as condições históricas que permeiam seu desenvolvimento. Ao ponderar essas questões constata-se que cada etapa do desenvolvimento é singular e única, pois será determinada pela relação estabelecida entre a criança e o seu contexto (Pasqualini, 2009). No caso dos trabalhadores infantis artísticos e esportivos, tema de interesse na presente dissertação, o desenvolvimento será influenciado pelo lugar que eles ocupam enquanto artistas ou atletas e as condições históricas. O que significa que o sentido atribuído a esta atividade laboral pela criança/adolescente será diferente do sentido atribuído pelo adulto, pois, são contextos diferentes e formas distintas de se relacionar com o mesmo. Todavia, apesar das diferenças os adultos participam dessa dissertação como uma contribuição para se analisar as implicações de quem vivenciou desde a infância o trabalho infantil artístico ou esportivo.

Diante das diversas categorias estudadas pela abordagem Histórico-Cultural e considerando o objetivo do presente estudo, que é analisar o sentido do trabalho infantil esportivo e artístico optou-se por trabalhar com as categorias “sentido”, “significado”, “vivência” e “projeto de vida”. Essa escolha se deve ao fato que tais categorias permitem vislumbrar de uma forma mais ampla o fenômeno de interesse, por partir do sentido daqueles que vivenciam tal fenômeno, ultrapassando as questões de legislação, que são importantes, mas, que não podem ser vistas de forma isolada ou distanciada da realidade.

2.1.1. Significado e Sentido.

De acordo com Vygotski citado por J. Barros et al. (2009), para apreender a relação historicamente constituída entre pensamento e linguagem se deve utilizar como a unidade de análise o significado. O significado é considerado um aspecto distintivo da palavra, já que a ausência de significado torna a palavra um “som vazio” (p.178). Outra questão a ser destacada com relação ao significado é que ele é inconstante, modifica-se no processo de desenvolvimento da criança e nas variadas formas de funcionamento do pensamento. Sendo assim, constata-se que o significado é uma formação dinâmica. O interesse no sentido surge na obra de Vigotski justamente após a constatação da dinamicidade do significado.

O sentido aparece como essencial para investigar a relação pensamento-linguagem e pode ser compreendido como o conjunto de fatos psicológicos suscitados na consciência (Wertsch, 1985). Toassa (2006) destaca que o sentido abrange uma face mais estável, representada pelo significado e os fatos psicológicos que emergem da nossa consciência mediante uma palavra. Faz-se necessário ressaltar que o sentido não é constituído unicamente de fatos, mas, também de afetos e outros fenômenos. O mesmo deve ser compreendido como um processo vivo que se confunde com o plano das ideias, da linguagem interior no seu estado bruto.

O sentido é tido como, fluido, dinâmico, caracterizado por zonas de estabilidade distintas. E o significado seria uma dessas zonas de sentido, que a palavra adquire dentro de determinados discursos, no entanto, é mais estável e uniforme. Sendo assim, o sentido se produz nas práticas sociais pela articulação dialética da história de constituição do mundo psicológico com a atual experiência do sujeito. É importante ressaltar que podem existir múltiplas construções de sentido e que embora se deem de

forma singularizada é constituída a partir do social, ou seja, são contextuais (J. Barros et al., 2009).

De acordo com Vygotski (1934/2009), a constituição dos sentidos se dá nas interações cotidianas e nas relações com os significados que circundam o meio social. Assim os sentidos podem ser vários, mas, ao mesmo tempo são específicos por estarem relacionados a um determinado contexto. Tomando a cultura humana como um processo em aberto o sujeito tem a possibilidade de criar seu próprio sentido diante de tantos significados existentes, dando sua contribuição pessoal nesta elaboração.

Freitas (2002) destaca a relevância da teoria sócio-histórica nas pesquisas qualitativas ressaltando que os sentidos são criados na interlocução e vão se modificar a partir da situação vivenciada, dos lugares ocupados pelo entrevistador e entrevistado. Ou seja, na entrevista embora quem esteja falando seja o sujeito entrevistado, sua voz é carregada de outras vozes que refletem a realidade do momento histórico e social, do seu grupo de pertença, do gênero, da etnia e da classe econômica, sendo de suma importância a cotextualização para se apreender os sentidos.

Ao abordar a questão da construção do sentido é necessário destacar o papel da linguagem nesse processo. Segundo Vigotski citado por Mello (2010) a linguagem oral é condicionante da influencia do contexto no desenvolvimento infantil. O meio influencia no desenvolvimento da criança, em termos relativos, já que o relevante é a relação entre o meio e a criança e não o meio em si. Nesta perspectiva, a criança é vista como um ser de possibilidades, que vai mudar no processo do desenvolvimento, mesmo que o meio não apresente mudanças consideráveis.

A linguagem oral e a compreensão dos significados das palavras influenciam na relação da criança com o meio e na forma como o meio irá influenciar no

desenvolvimento da criança. Dependendo do nível de compreensão e da forma como a criança apreende determinado fato, podem surgir diferentes sentidos para um mesmo acontecimento, variando de criança para criança (Mello, 2010). Pode-se dizer que a criança transita entre uma linguagem particular e o seu entorno que é delimitado por relações de significado e sentido (Toassa & Souza, 2010).

No que se refere especificamente à fala, constata-se que ela possibilita que a criança estabeleça contato psíquico com as pessoas que estão em seu entorno. Porém, é importante ressaltar que, embora criança e adulto consigam se comunicar, o significado da palavra das crianças é diferente do significado para o adulto. As palavras utilizadas para designar um objeto pode ser a mesma, mas, a generalização se dá de forma distinta. Isso se deve ao fato da criança pequena fazer generalizações de forma mais concreta, mais relacionado ao que ela visualiza (Mello, 2010).

Partindo dessa concepção de sentido e significado e tomando como base o objetivo dessa dissertação, se faz necessário compreender o que é vivência já que é a partir dela que as pessoas dão sentido e significado aos acontecimentos. Outro aspecto a ser ressaltado é que a vivência e o sentido são tidos de forma distinta entre crianças/adolescentes e adultos. Isso se deve ao fato da criança/adolescente estar vivenciando o trabalho infantil esportivo/artístico e o sentido é dado pelo momento em que vivencia. Enquanto que o adulto fala de algo que já viveu, o sentido é atribuído por uma vivência passada e o olhar no presente.

2.1.2. Vivência.

A categoria “vivência” observa o homem em constante movimento, assim como a categoria “sentido da palavra” considera a dinamicidade diante do meio social. É de grande relevância entender que consciência e vivência estão interligadas, já que a

consciência é responsável pela compreensão do mundo. Para Vygotski a consciência é a organização observada do comportamento que é colocada aos seres humanos a partir da participação nas práticas sociais. Sendo assim, o homem constrói constantemente seu entorno e suas representações acerca do mesmo a partir de sua inserção em distintas formas de atividade (Wertsch, 1985).

Além da tomada de consciência, a vivência abrange uma relação afetiva com o contexto e do ser humano consigo mesmo, permitindo uma compreensão dos acontecimentos e uma relação afetiva com os mesmos. Pode-se considerar duas dimensões da vivência que são os estados internos que se referem às sensações corporais como sono, frio e fome. E as formações afetivas que são tidas como vivências mais complexas pelo fato da criança passar a fazer uso de expressões genéricas como “estou triste”, “estou bem”, “sou legal” (Toassa, 2006).

Estas formações afetivas referem-se à formação de sentido consciente sobre sua personalidade, sobre como se sente em determinado momento, podendo tanto ser momentânea como generalizável. O momentâneo diz respeito à forma do sujeito agir em relação a um objeto. Já o generalizável trata da abstração da relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo, como a autoestima e o amor próprio (Toassa, 2006).

A vivência pode ser concebida, a partir do que foi exposto, como uma relação interior e pessoal da criança com o contexto em que vive, abrangendo o processo de tomada de consciência. No que se refere especificamente à tomada de consciência, é importante ressaltar que a criança vivencia o mundo desde a mais tenra idade, fase onde predomina as reservas biológicas do comportamento. A partir do desenvolvimento da linguagem que há uma transformação num processo psicológico mais complexo que é a consciência (Toassa, 2006).

Vygotski aponta diferentes crises ao longo do desenvolvimento que vão ocorrer no primeiro ano de vida, aos três anos, aos sete anos e aos treze anos, nas quais as vivências, vão passar por uma reestruturação ocorrendo mudanças de desejo, interesse e motivações (Vygotski, 1933-1934/2006). Será abordado, na presente dissertação, de forma mais detalhada a crise dos sete anos e a crise dos 13 anos, já que segundo Pasqualini (2009) é a partir da crise dos sete anos que a vivência adquire sentido.

Um aspecto ressaltado é que na crise dos sete anos ocorre à expansão interior das vivências infantis, nesta fase acontece uma diferenciação da face interior e exterior da personalidade da criança, o que possibilita uma diminuição da linguagem egocêntrica, passando a ampliar sua linguagem interior (Vygotski, 1933-1934/2006). No que se refere à crise dos 13 anos, ela corresponde a uma mudança do desenvolvimento, quando a criança passa para a adolescência. Esta fase é concebida por Vygostki como fase de negação do amadurecimento sexual, a qual se caracteriza como fase de desorientação no que diz respeito às relações externas e internas. Mais importante do que apontar as mudanças que ocorrem em cada crise, é compreender que estas mudanças são vivências criativas, criadoras e potencializadoras para o desenvolvimento das crianças e adolescentes (Koshino, 2011).

Ao se estudar acerca da criança e do adolescente, é necessário considerá-los enquanto seres sociais, ponderando a relação com o meio, ou seja, entender a vivência deles em determinada situação. Assim, os significados e os sentidos emergem da sua vivência, da relação da criança e do adolescente com o seu contexto. De acordo com Vygotski (1933-1934/2006) não há como precisar o que é aspecto singular da pessoa e o que é influência do meio, já que a vivência embora seja pessoal, é sempre a vivência do outro ou de alguma coisa.

Constata-se que o sujeito se constitui a partir da sua vivência, pois, ela permite a tomada de consciência e a criação de sentidos e significados advindos do seu convívio social. Outro aspecto que é influenciado pela vivência é o projeto de vida. Na presente dissertação, emerge o interesse no projeto de vida de sujeitos que vivenciam ou vivenciaram o trabalho infantil artístico ou esportivo e acerca da relação entre projeto de vida com estas formas de trabalho infantil.

2.1.3. Projeto de vida.

Macedo, Alberto e Araújo (2012) ressaltam que ao se estudar as preocupações com relação ao futuro são utilizadas distintas nomenclaturas como: perspectiva de futuro, plano de vida e planejamento futuro, expectativas de futuro, interesse profissional e projeto de vida. Embora exista essa variedade de denominações às mesmas são utilizadas nessa dissertação com significado equivalente, todas se referindo ao que os jovens esperam ou desejam do futuro. Nessa dissertação, por estar tomando como aporte teórico a teoria histórico-cultural de Vygotski, será utilizada a categoria “projeto de vida” que foi tratada pelo referido teórico ao abordar a questão do desenvolvimento dos adolescentes e jovens.

É necessário ressaltar que devido a sua morte prematura, Vygotski deixou muito de sua obra incompleta, algumas obras se perderam e outras ainda não foram traduzidas. Diante deste fato, ao visar expandir o entendimento acerca do projeto de vida bebeu-se de outras fontes que corroboraram para o entendimento desta categoria que é de suma importância ao se estudar os anseios referentes ao futuro.

Ao abordar a categoria projeto de vida, parte-se do pressuposto de que o sujeito é um ser ativo e social e que as mudanças socioculturais vão propiciar transformações no desenvolvimento do ser humano. De acordo com Vigotski (2006) é a partir do meio

que o indivíduo vive, deparando-se constantemente com necessidades, aspirações e conflitos, que emerge a ação criadora.

Ainda no que se refere ao desenvolvimento, Vygostki (2006) discorre acerca de uma força motriz que seria a responsável pelas transformações que ocorrem em cada etapa da vida do sujeito. Sendo assim, para compreender o sujeito se faz necessário entender suas necessidades, suas aspirações, a força motriz que o impulsiona, as mudanças constantes em seu comportamento. Assim, evidencia-se que o desenvolvimento é concebido por Vygotski considerando as vivências e os aspectos emocionais das mesmas.

O projeto de vida é tido como uma importante ferramenta de proteção do desenvolvimento saudável dos adolescentes por motivar suas ações cotidianas e colaborar com escolhas, planos e decisões que influenciarão na realização futura. Inicialmente, os projetos de vida são vagos, muitas vezes baseados nas expectativas dos familiares. A partir da vivência, os jovens vão tendo um maior autoconhecimento e refinando suas expectativas (Zappe, Moura Jr., Dell’Aglia, & Sarriera, 2013).

Catão (2007) ressalta que a elaboração do projeto de vida será influenciado pela sociedade na qual o sujeito está inserido, ou seja, o projeto de vida é construído a partir da vivência. Sendo assim, o sujeito vai se desenvolvendo e construindo seu projeto de vida de acordo com o que vivencia, os seus interesses podem se modificar e, conseqüentemente, a relação com o meio também (Pessoa, 2012).

No estudo de Ferreira, Littig e Vescovi (2014) acerca da perspectiva de futuro de crianças e adolescentes abrigados constata-se que a história de vida deles é compreendida com certo estranhamento na qual passado, presente e futuro se confundem. Diante de tal desordem as referências dessas crianças e adolescentes com

relação ao futuro são imprecisas, não sabendo distinguir entre perspectivas para um futuro próximo ou em longo prazo. Outro aspecto a ser ressaltado e que corrobora com o fato do projeto de vida ser construído a partir da vivência, é que os entrevistados apontaram como expectativas de futuro mudanças relacionadas ao contexto social, familiar e pessoal, considerando a necessidade de superar o passado e transformá-lo através do estudo e do trabalho.

De acordo com Gallagher, Féres-Carneiro, e Henriques (2013), na contemporaneidade o jovem se depara constantemente com a insegurança nos diversos âmbitos da vida como o profissional, o amoroso e as próprias expectativas de futuro. Diante dessa instabilidade, os jovens passam a investir no presente e temem fazer planos de longo prazo, optam pelo caminho da ruptura, do desvio e não se baseiam em caminhos seguros para elaborar seus planos.

No que se refere especificamente ao âmbito profissional, Gallagher et al. (2013) destacam que somos levados a nos mover continuamente diante da transitoriedade do trabalho, acarretando em diferentes posicionamentos referentes à profissão seguidos de agitação e correria. Estes aspectos influenciarão na formação do sujeito, já que a constituição da identidade profissional dos jovens age diretamente na sua autoestima por referir-se a valorização do trabalho pela sociedade, ampliando-se para como a sociedade enxerga o jovem e o papel que o mesmo exerce na sociedade.

Segundo D'Avila, Krawulski, Veriguine e Soares (2011), o projeto de vida diz respeito às condições futuras de possibilidades de uma pessoa, algo que é desconhecido e cercado de incertezas. Porém, esse projeto se torna mais previsível quando o sujeito utiliza como ferramenta as condições de vida do presente para traçar o projeto de futuro. Assim como Vygotski (2006) considera o projeto de vida como uma força motriz,

D'Avila et al. (2011) comparam o projeto de vida a um motor que impulsiona os jovens a buscar mudanças em suas vidas. É possível ter vários projetos ao mesmo tempo, sendo que um vai ser o principal e os outros serão subordinados a ele. A partir da elaboração desses projetos que haverá um direcionamento de esforços do sujeito a determinado plano, evitando um dispêndio desnecessário de esforços voltados às iniciativas isoladas.

Lens citado por Ramos, Seidl-de-Moura e Pessôa (2013) discorre acerca de três tipos de perspectivas de futuro: a extensa que se refere aos jovens que traçam metas para um futuro longínquo. A perspectiva de futuro restrita que versa sobre os jovens que estipulam metas para curto prazo. A perspectiva de futuro alongada diz respeito aos jovens que possuem metas que exigem tempo de espera e engajamento para alcançá-las, muitas vezes se fazendo necessário adiar satisfações imediatas focando nas suas metas.

Outro aspecto a ser ressaltado, é a relevância do projeto de vida na constituição da identidade humana, já que a identidade abrange as condições de possibilidade de uma pessoa, ou seja, o seu projeto. No desenvolvimento dos sujeitos, há uma transformação de fatores como nível econômico, social, político, histórico e cultural. A identidade é tida como processual e dialética que se dá a partir das condições históricas e materiais oferecidas. Assim, qualquer manifestação do sujeito é em função do seu projeto de vida, que pode ser considerado como uma unidade entre o subjetivo e o objetivo. Caso não exista essa unidade, o projeto fica apenas na ordem do desejo ou torna-se uma finalidade sem concretização (D'Avila et al., 2011).

Pais (2012) ao tratar do futuro dos jovens europeus aborda a questão da tensão entre as expectativas de futuro e os caminhos tomados. Essa incompatibilidade é associada à crise de identidade e acontece quando o futuro imaginado ou desejado é negado pela realidade podendo acarretar em falta de esperança ao se pensar no futuro.

Outro fator que pode decorrer dessa tensão é a frustração, tida como resultante de algo que foi muito esperado, mas, que não é concretizado. Refere-se ao saldo negativo entre o reconhecimento, o prestígio que o sujeito anseia e o que de fato o mesmo recebe. Em alguns casos a frustração pode acarretar em isolamento, depressão e solidão, sendo o papel da família como suporte fundamental para que isso não ocorra.

A necessidade de se estudar a categoria projeto de vida surge devido ao fato de que a construção de significado e sentido a partir do que é vivenciado pode influenciar na história pessoal e nas expectativas de futuro de cada um. Sendo assim, constata-se que embora sejam categorias distintas – significado, sentido, vivência e projeto de vida – as mesmas estão entrelaçadas e na presente dissertação estão sendo utilizadas como ferramenta para contribuir na compreensão do sentido do trabalho infantil esportivo e artístico.

Outro aspecto a ser ressaltado é que o projeto de vida é concebido de forma diferente entre a criança/adolescente e o adulto. Já que a criança/adolescente ao discorrer sobre essa questão refere-se a suas expectativas futuras. Enquanto que o adulto refere-se ao projeto de vida que tinha quando ingressou na carreira artística ou esportiva.

Capítulo 3 – Percurso metodológico: escolhas e caminhos

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

(Paulo Freire)

Este capítulo aborda o percurso metodológico adotado na presente dissertação, apontando o delineamento, o lócus da pesquisa, os participantes, a amostra, as técnicas e instrumentos utilizados, os procedimentos e as técnicas adotadas para a análise dos dados.

3.1. Delineamento

Propõe-se trabalhar sob a ótica do método qualitativo devido ao seu caráter subjetivo como uma forma de abordar a complexidade e a singularidade. Por Complexidade, para efeito dessa dissertação, adota-se a concepção de Minayo (2007), entendendo-a como princípio que se contrapõe a visão de linearidade entre causa-efeito, tendo como foco as dimensões de complicação e de diversas interações que podem se apresentar em movimento circular, em mão dupla, em espiral, ponderando atrasos, contradições, desvios e o dinamismo da realidade social.

A utilização desta forma de pesquisa é recomendada quando se pretende compreender fenômenos específicos e delimitados, tendo maior interesse no grau de complexidade interna e na realidade social enquanto experiência vivida, de forma que abrange o mundo dos símbolos, dos significados, da subjetividade e da intencionalidade (Minayo & Sanches, 1993). Richardson (1999) destaca que a pesquisa qualitativa

possibilita uma descrição complexa de um determinado problema e proporciona o entendimento das singularidades do comportamento dos indivíduos.

De acordo com Minayo (2007), com a abordagem qualitativa o pesquisador estuda a história das representações, das opiniões produzidas a partir das interpretações que os seres humanos fazem a respeito de como vivem, sentem ou pensam, desvelando processos sociais referentes aos segmentos ou aos grupos delimitados. Considerando o delineamento qualitativo e o objetivo de analisar o sentido do trabalho infantil esportivo e artístico a partir da vivência, evidencia-se a relevância de se utilizar o método qualitativo. Essa escolha justifica-se também devido ao interesse em estudar grupos específicos, crianças/adolescentes trabalhadores infantis esportivos ou artistas, adultos que foram trabalhadores infantis esportivos ou artistas e o sentido que os mesmos dão a essa atividade laboral.

3.2. Lócus da pesquisa

Os lócus desta pesquisa foram a cidade de João Pessoa- PB e o facebook. Na cidade de João Pessoa a pesquisa foi realizada com artistas ou esportistas da região ou que encontravam-se na cidade para alguma atividade de trabalho, que uma vez convidados aceitassem participar da pesquisa.

No que se refere ao facebook, é uma rede social lançada em 2004, na qual os usuários criam perfis para postar fotos, trocar mensagens com amigos e listar interesses pessoais (Castro, 2011). O mesmo foi utilizado como uma ferramenta na busca de atletas e artistas, que seriam possíveis entrevistados.

3.3. Participantes

Participaram da pesquisa crianças/adolescentes³ que vivenciavam no momento da pesquisa o trabalho infantil esportivo ou artístico e adultos que vivenciaram o trabalho infantil esportivo ou artístico. Entrevistou-se criança/adolescente e adulto, apesar das diferenças nos níveis de desenvolvimento de cada um, pois, se almejava analisar os sentidos e as implicações do trabalho infantil esportivo e artístico a partir da perspectiva de quem estava vivenciando e de quem vivenciara, visando compreender esta temática de forma mais abrangente. Ao todo foram entrevistados 19 sujeitos. É importante explicitar que esse estudo foi feito com quatro amostras, distribuídas da seguinte forma:

- a primeira, corresponde às crianças e aos adolescentes que vivenciavam o trabalho infantil esportivo;
- a segunda, se refere às crianças e aos adolescentes que vivenciavam o trabalho infantil artístico;
- a terceira amostra foi composta por adultos que já tinham vivenciado atividades artísticas quando crianças ou adolescentes, podendo ou não ter continuado na carreira;
- a quarta amostra foi composta por adultos que tinham vivenciado atividades esportivas durante a infância ou adolescência, podendo ou não ter continuado na carreira.

Os critérios para a escolha da amostra se deram por conveniência e acessibilidade, já que se pretendia entrevistar pessoas das mais diversas modalidades

³ A denominação criança/adolescente utilizada nesta dissertação refere-se ao que é assegurado no art. 2º do ECA, que considera criança a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescente a pessoa que tem entre doze e dezoito anos.

esportivas e artísticas. A amostra foi composta por nove atletas e dez artistas, sendo doze do sexo masculino e sete do sexo feminino. Os atletas variam nas modalidades: vôlei (três entrevistados); ginástica artística (quatro entrevistados); taekwondo (um entrevistado) e jogador de futebol (um entrevistado). Já os artistas foram das modalidades: ator/modelo (um entrevistado); modelo/miss (uma entrevistada); cantor (dois entrevistados) e artista circense (seis entrevistados). É importante destacar que foram considerados os seguintes critérios, para compor a amostra:

- Crianças e adolescentes que estivessem trabalhando há pelo menos um ano nas atividades esportivas de alto rendimento ou artísticas;
- Adultos que tinham começado a trabalhar na infância no meio artístico;
- Adultos que tinham treinado desde a infância, no caso do esporte: treinamento que visa à profissionalização e não enquanto atividade educativa ou de lazer;
- Ter atingido a fama.

Ressalta-se que nessa dissertação a fama é compreendida como destaque na mídia (televisão, rádio, internet, outdoors), podendo ocorrer em nível local, regional, nacional ou internacional. E esse destaque na mídia refere-se às reportagens realizadas acerca dos artistas/atletas; entrevistas com os mesmos; participação em propagandas; anúncios de shows em outdoors, rádio ou televisão; páginas no facebook como artista/atleta e possuir fã clube. Outro aspecto a ser destacado é que o critério de ter atingido a fama foi utilizado pelo fato dessa ser retratada pela mídia como algo positivo e glamoroso, despertando o interesse da pesquisadora em investigar como esses jovens artistas e atletas veem a fama e o que eles apontam como mudanças em suas vidas decorrentes da fama.

Para determinar o tamanho da amostra foi utilizado o critério de saturação de Minayo (2007), compreendido como o conhecimento formado pelo pesquisador, mediante a ida a campo, de que conseguiu compreender a lógica do grupo de interesse. O pesquisador constata que ocorreu a saturação quando os temas começam a se repetir nas falas dos entrevistados e já não surgem novos elementos ou aspectos singulares que acrescente em informações para a pesquisa.

Com relação à identificação dos participantes, destaca-se que no momento da entrevista foi questionado como os entrevistados gostariam de ser chamados na presente pesquisa. Dos dezenove entrevistados apenas um afirmou que gostaria de ser identificado no relato de pesquisa por um nome fictício e justificou tal escolha por ser ele um ídolo do futebol. No entanto por considerar-se nessa dissertação os aspectos éticos do sigilo e anonimato dos participantes, optou-se por referir-se aos mesmos utilizando as iniciais dos seus nomes ou a profissão que exercem.

3.4. Técnicas e instrumentos

Na presente dissertação, utilizou-se como estratégias no processo de trabalho de campo a entrevista semiestruturada, o diário de campo e a observação descritiva, que serão explicadas posteriormente.

Antes de discorrer acerca da entrevista, faz-se necessário ressaltar que a mesma foi realizada nos moldes da História de Vida Tópica. Segundo Minayo (2007) esta técnica permite conhecer a experiência dos entrevistados e o sentido a partir do mundo que eles vivem, focando em determinado momento ou etapa da vida do entrevistado. No caso desta dissertação, a situação ou etapa se refere ao momento que começou o trabalho infantil artístico ou esportivo. Tal técnica é bastante relevante por possibilitar que os participantes tragam sua visão de mundo, as dificuldades enfrentadas, as

possibilidades visualizadas, podem também levantar novas questões que até então não tinham sido atentadas pelo pesquisador (Becker, 1997).

De acordo com Minayo (2008), a história de vida possibilita observar como o sujeito compreende seu passado, como relaciona sua experiência pessoal com o contexto social e como tudo isso perpassa no sentido que é dado a determinado fato ou acontecimento. Outro aspecto destacado por Minayo é que esta técnica possibilita que o entrevistado conte sua história, reflita sobre ela, relacionando a vivência anterior, o presente e projetando-se para o futuro. Para efeito dessa dissertação, esses aspectos são tratados a partir de dois olhares, o primeiro da criança/adolescente e o segundo o olhar do adulto. A entrevista é realizada nos moldes da história de vida por almejar-se abordar a temática de interesse a partir da história de cada um, mas, tentando contemplar aspectos pertinentes como condição de vida, trabalho, fama, ascensão financeira, implicações e projeto de vida.

A entrevista contemplou questões referentes aos dados biossociodemográficos, tais como idade, etnia, sexo, escolaridade, uma questão norteadora acerca do trabalho infantil esportivo/artístico e um roteiro com tópicos que abrangem a vivência no trabalho infantil artístico/esportivo e as implicações. Por se tratar de uma pesquisa com dois grupos, crianças/adolescentes e adultos, optou-se por trabalhar com dois roteiros, que embora sejam similares, apresentam as especificidades de cada grupo (vide Apêndices A e B). Minayo (2007) define entrevista como uma conversa entre duas ou mais pessoas, realizada por iniciativa do pesquisador com a finalidade de obter informações pertinentes para um determinado objeto de pesquisa.

Dentre os mais variados tipos de entrevista optou-se pela entrevista semiestruturada, por se tratar de uma técnica na qual o entrevistador faz uso de roteiro

que facilita na condução da entrevista, possibilitando que os pressupostos da pesquisa sejam tratados. O roteiro é composto por tópicos que contemplam aspectos que são de interesse do pesquisador e que no momento da entrevista foram utilizados como lembrete, como guia. É importante ressaltar que o roteiro é flexível, possibilitando que novos temas sejam trazidos pelo entrevistado (Minayo, 2007). Para Minayo (2007), a entrevista semiestruturada se difere da entrevista aberta em grau e não em estrutura, já que nenhuma interação, realizada a fins de pesquisa, é completamente fechada ou completamente aberta.

Por trata-se de uma entrevista semiestruturada realizada nos moldes da técnica história de vida tópica faz-se necessário uma questão deflagradora que possibilite que o entrevistado inicie seu relato. Sendo assim, a entrevista iniciava da seguinte maneira: *“Conte-me como foi/é sua vida após ter entrado no meio artístico ou esportivo”*. Após a apresentação da questão deflagradora o entrevistado se expressava de forma livre acerca da temática e, conforme fosse necessário, a pesquisadora fazia uso do roteiro para conduzir a entrevista de forma a contemplar os objetivos da presente dissertação.

Inicialmente, pretendia-se trabalhar unicamente com a entrevista. Entretanto, na ida a campo a pesquisadora começou a fazer observações e ao refletir acerca das mesmas, constatou que podiam ser utilizadas como uma técnica complementar a entrevista.

Assim, optou-se pela técnica de observação que Minayo (2007) define como observação descritiva: uma forma livre de observação – embora seja livre – o pesquisador tem como foco o objetivo do seu estudo. A partir destas observações, emergiram aspectos que corroboraram com o que os participantes da pesquisa

trouxeram; aspectos novos e singulares e as percepções da pesquisadora diante do contexto de entrevista.

A descrição das observações foi feita por meio do diário de campo. O mesmo é utilizado para registrar informações que não constituem a entrevista formal, ou seja, referem-se às observações advindas de diálogos informais, comportamentos, gestos, expressões que estão relacionados ao tema da pesquisa (Minayo, 2007).

Segundo Triviños citado por Pinho e Molon (2011), o diário de campo pode ser utilizado como uma ferramenta que complementa informações acerca do contexto e dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Na utilização desta ferramenta, é sugerido fazer uso de esquemas de cores no diário de campo para distinguir o material descritivo do material reflexivo, o que facilita visualizar e usar as informações advindas do diário. O material descritivo refere-se aos aspectos como, local, pessoas e ações observadas. Já o material reflexivo, versa sobre a exposição do que é percebido pelo pesquisador, ou seja, é o ponto de vista do pesquisador mediante aquela observação.

Outra contribuição do diário de campo é a possibilidade de verificar mudanças que ocorrem com o próprio pesquisador no decorrer da pesquisa e que só se torna evidente quando há um espaço temporal entre a escrita do diário e a leitura do mesmo. As mudanças evidenciadas na leitura do diário possibilitam que o pesquisador reflita sobre algumas questões e até mesmo reveja seu modo de conduzir a entrevista ou os objetivos da pesquisa. Destaca-se também que o diário de campo é a expressão da subjetividade do pesquisador permeada pela subjetividade dos entrevistados, assim, o registro no diário de campo será sempre singular e fonte de produção de sentidos (Pinho & Molon, 2011).

De acordo com Roesse, Gerhardt, Souza, e Lopes (2006) o material do diário de campo pode ser utilizado no método trazendo os aspectos metodológicos sobre a maneira que foi realizada a pesquisa; para esclarecer questões ambíguas ou confusas e nos resultados possibilita descrever o olhar do pesquisador acerca dos sujeitos e do seu entorno e nas análises estabelecer relações entre dados, observações e reflexões. O diário de campo é uma ferramenta a ser utilizada tanto na coleta quanto na análise dos dados.

3.5. Procedimentos

O projeto de dissertação foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde (vide Anexo A). Foram obedecidos os princípios éticos referentes à pesquisa envolvendo seres humanos, estabelecidos na Resolução n. 466 (2012) do Ministério da Saúde, que garantem ao participante a confidencialidade das informações fornecidas, a manutenção de sua privacidade, o direito de interromper a entrevista em qualquer momento de sua realização e o seu Consentimento Livre e Esclarecido. No caso da entrevista com crianças e adolescentes, o termo de consentimento (vide Apêndice C) foi assinado pelos pais ou qualquer outro responsável pelos mesmos. Para a realização da pesquisa, solicitou-se a autorização da Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer (SEJEL) do Estado da Paraíba e do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculo (SATED) da Paraíba.

Realizou-se uma busca nas mídias (televisão, rádio, internet, jornal), visando encontrar crianças e adolescentes que são esportistas de alto rendimento ou artistas; adultos que eram no momento da pesquisa ou foram atletas ou artistas antes disso, mas, que tinham iniciado suas carreiras ainda na infância. Na televisão (programas da televisão aberta que fazem parte da programação das principais emissoras brasileiras,

como Globo, Bandeirantes, SBT e Record) e rádio, a busca foi feita assistindo os programas esportivos tanto em nível local como em nível nacional, almejando informações acerca de atletas que estavam em destaque e de possíveis participações em eventos que iriam ocorrer na cidade de João Pessoa. No que se refere aos jornais impressos e online, eram acompanhados semanalmente, visando encontrar reportagens de atletas ou artistas que atendiam aos critérios para participar da pesquisa.

Em relação à internet, realizou-se uma busca no site www.google.com.br, procurando artistas ou atletas que iniciaram suas carreiras na infância, após encontrar reportagens que abordassem essa temática iniciava-se a tentativa de entrar em contato com os artistas ou atletas por meio do facebook, email e telefone. Nas buscas iniciais pela mídia foi identificado que haveria um torneio de vôlei de praia na cidade de João Pessoa e que contaria com a presença de atletas de alto rendimento de vários Estados brasileiros, este torneio que ocorreu em março de 2014 possibilitou a realização das primeiras entrevistas.

O facebook exerceu o papel de grande relevância, na presente pesquisa, pois foi a partir dele que foi possível entrar em contato com diversos atletas e artistas de todo o Brasil ou com seus empresários. Para conseguir o contato pessoal dos atletas ou artistas pelo facebook digitava-se o nome dos possíveis entrevistados no espaço pesquisa. Após encontrar os perfis era observado se o perfil era realmente do artista/atleta ou um perfil feito por fãs. Ao constatar que o perfil era do artista ou atleta de interesse deixava-se uma mensagem que continha o teor da pesquisa e a solicitação de disponibilidade dos artistas ou esportistas em participar. De acordo com a disponibilidade e a disposição, eram marcados os horários e locais para a realização das entrevistas. No entanto, alguns não respondiam a solicitação e outros inicialmente se mostravam dispostos a responder

a entrevista, mas, quando questionavam a forma, se seria pessoalmente ou por skype, acabavam desistindo.

Outra opção foi entrar em contato com as redes televisivas brasileiras: Globo, SBT e Record, por meio de telefone, momento em que era explicado o teor da pesquisa. Em todas as emissoras, solicitou-se que fosse mandado email dirigido aos artistas de interesse e que os mesmos seriam repassados para os seus agentes. Alguns agentes responderam que estavam a disposição para ajudar na pesquisa e que o roteiro de entrevista estaria sendo repassado para os artistas, porém, não houve retorno.

Para se chegar a amostra necessária estabeleceu-se também o contato com o presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculo (SATED) da Paraíba. O contato se deu por email e o presidente se mostrou bem solícito respondendo de imediato, indicando algumas modelos e os contatos das mesmas. Foi feito o contato com as modelos e algumas demonstraram interesse em participar da pesquisa, mas, acabaram desistindo.

Como abordado anteriormente, às mídias foram utilizadas para identificar possíveis participantes, sendo assim, alguns artistas e atletas da região foram identificados por meio de outdoors, reportagens de televisão e rádio locais. A partir desta identificação, iniciava-se a busca pelo contato dos mesmos (facebook, email, telefone). Alguns atletas e artistas foram indicados por pessoas que sabiam dessa pesquisa e conheciam pessoas com o perfil da pesquisa: artístico ou esportivo.

Diante da dificuldade de entrar em contato com os artistas e atletas, passou-se a utilizar a estratégia da “bola de neve”, tal ferramenta possibilita chegar a outros participantes por meio de indicação. Isso ocorre porque o entrevistado sugere outras

pessoas para entrevistar, fornece o contato e permite que faça menção ao seu nome como pessoa que indicou.

As entrevistas ocorreram de forma individual e foram gravadas mediante a autorização dos participantes ou dos responsáveis, caso o entrevistado tivesse idade inferior a 18 anos. Os locais das entrevistas variaram de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Acontecendo nas residências, na praia por conta do torneio de vôlei, na praia por ser o local que a Seleção Paraibana de Ginástica treina, em um estúdio de música, em um escritório de bandas, na Piollin, na UFPB e no circo que se encontrava na cidade de João Pessoa- PB.

A pesquisa, contemplando tanto as observações quanto as entrevistas, desenvolveu-se de março a outubro de 2014. No que se refere, especificamente às observações, ocorreram da seguinte maneira:

1. As observações eram feitas antes, durante e depois das entrevistas;
2. No caso dos jogadores de vôlei foi possível observar o torneio (antes e depois dos jogos) e o assédio dos fãs e da mídia que queriam ter acesso ao espaço reservado aos atletas;
3. Com relação ao pessoal da ginástica artística, foi possível observar a rotina de treinamento e as condições em que ocorrem.
4. No caso dos artistas circenses, foi possível observar um pouco da rotina do circo e o espaço em que moravam.

3.6. Análise de dados

Visando analisar o sentido de trabalho infantil esportivo e artístico na perspectiva de quem vivenciava ou já tinha vivenciado estas atividades laborais e as implicações das mesmas, utilizou-se como técnica de análise o mapa de associação de

ideias. De acordo com Spink e Lima (2004), os mapas de associação possibilitam uma organização do processo de análise das entrevistas buscando identificar e compreender os repertórios interpretativos.

Os repertórios interpretativos são um conjunto de termos e descrições que podem ser entendidos dentro de um contexto específico. É a partir dos repertórios interpretativos que se consegue identificar, tanto as regularidades quanto as singularidades nas falas dos entrevistados, permitindo apreender como os repertórios advindos de vários sujeitos se articulam produzindo argumentos peculiares e incongruências. Aspectos esses que podem ser observados devido à organização dos mapas de associação de ideias (Spink & Medrado, 2004).

De acordo com Spink e Lima (2004) para a construção dos mapas de associação de ideias deve-se definir as categorias gerais (a definição dessas categorias se dá a partir dos objetivos e do que emerge nas falas dos entrevistados). Somente depois da definição das categorias que ocorre a construção dos mapas. Essa construção é feita em tabelas nas quais as colunas são nomeadas com as categorias, assim, as falas ou trechos de fala são dispostos na coluna correspondente. A partir da leitura vertical das tabelas encontram-se os repertórios interpretativos, já pela leitura horizontal é possível compreender a dialogia.

Esse mapeamento tem como objetivo contribuir para o processo de interpretação e dar visibilidade aos resultados. É importante ressaltar que não é uma técnica fechada, já que se constitui como um processo dinâmico entre as análises das entrevistas e a elaboração das categorias. Sendo assim, as categorias – embora sejam elaboradas a priori a partir dos objetivos da pesquisa – podem ser redefinidas no decorrer da análise se aproximando dos sentidos trazidos pelos sujeitos (Spink & Lima, 2004).

Pinheiro (2004) aponta que o sentido é dado em função do contexto e é produzido na interação. O que corrobora com a teoria histórico-cultural que concebe que o sentido se produz nas práticas sociais pela articulação dialética da história de constituição do mundo psicológico com a experiência do sujeito, aspectos esses que podem ser evidenciados nos mapas. Já que na leitura vertical identifica-se os trechos das falas dos entrevistados (repertórios) e na leitura horizontal observa-se a dialogia, na qual constitui o sentido.

Mediante o emprego da teoria Histórico-cultural e dos mapas de associação de ideias, foi possível apreender o sentido de trabalho infantil esportivo e artístico dos entrevistados considerando a subjetividade e a historicidade que estão implicados neste processo.

A construção dos mapas nesta dissertação ocorreu da seguinte maneira:

- inicialmente as entrevistas foram transcritas, incluindo nas transcrições elementos como risos, choros e pausas;
- Nas transcrições das entrevistas foi utilizada a inicial “K” para se referir e identificar as intervenções da pesquisadora e a inicial (ou iniciais, conforme o entrevistado optou por ser chamado na entrevista) para se referir ao entrevistado e identificá-lo. As iniciais da pesquisadora e dos entrevistados foram seguidas por um número que remete à sequência das falas.
- Em seguida realizou-se uma leitura geral visando ter um conhecimento da totalidade das entrevistas;
- Após a leitura das entrevistas e tomando como base os objetivos da dissertação, elaborou-se as categorias gerais;

- Os mapas foram construídos em forma de tabelas, nas quais as colunas correspondiam às categorias gerais. Nas colunas, foram expostas as falas ou trechos de fala correspondentes a cada categoria. Faz-se necessário explicitar que os diálogos são postos nas colunas respeitando a sequência do diálogo, para tal, as falas foram enumeradas após as transcrições das entrevistas. Outro aspecto é que as falas da pesquisadora também constituem a construção do mapa, pois fazem parte da dialogia (vide Apêndice D).
- Os repertórios interpretativos foram agregados em dois blocos: 1) Vivência no trabalho infantil e 2) Implicações. No bloco vivência no trabalho infantil as categorias gerais foram a caracterização da atividade; condição de vida; carreira e família. Já o bloco implicações corresponde às categorias: implicações para escolarização; mudanças na vida no âmbito social; mudanças na vida no âmbito físico e emocional e projeto de vida. Os blocos e as categorias foram definidos a partir dos objetivos do presente estudo na busca de compreender a vivência no trabalho infantil artístico ou esportivo e as implicações que essas formas de trabalho trazem para a vida de crianças e adolescentes, tanto no presente como com relação aos projetos de vida.
- Ao finalizar os mapas deu-se início à interpretação dos repertórios que emergiram nas entrevistas, tendo como subsídio as categorias gerais e o referencial teórico adotado.

Com relação ao diário de campo, como ferramenta de análise de dados, realizou-se o que é proposto por Pinho e Molon (2011) e trabalhou-se com o esquema de cores. Após a realização de todas as entrevistas e o registro das mesmas no diário de campo, a

pesquisadora, inicialmente, fez uma leitura flutuante do material e após isso releu o material já o separando em cores diferentes de acordo com o assunto.

O material do diário de campo foi dividido em: sentimentos da pesquisadora; método; observação; implicações e postura dos responsáveis frente aos filhos atletas/artistas. Esse material foi utilizado para complementar as informações adquiridas a partir das entrevistas, trazendo a visão da pesquisadora. Foi utilizado também para esclarecer e refletir acerca de questões que emergiram ao analisar os mapas.

Capítulo 4 – A história recontada a partir da vivência, literatura e teoria

“Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina”.

(Paulo Freire)

Neste capítulo, serão apresentadas as descrições e a análise dos dados que emergiram das histórias de vida dos sujeitos entrevistados, visando compreender quem são estes atletas ou artistas que iniciaram suas carreiras na infância a partir de suas vivências, as implicações dessa inserção precoce, os projetos de vida e o sentido do trabalho infantil esportivo/artístico.

Para abarcar estas questões, o presente capítulo está organizado de acordo com os objetivos específicos desta dissertação, na tentativa de responder a cada um deles a partir da análise dos mapas de associação de ideias⁴, relacionando com a literatura existente acerca da temática e com a teoria Histórico-cultural. Finaliza-se o capítulo tentando responder ao objetivo geral que foi analisar o sentido do trabalho infantil esportivo/artístico. Outro aspecto a ser destacado acerca da organização deste capítulo é que, consideraram-se também para sua organização, as categorias gerais utilizadas na construção dos mapas.

⁴ A análise dos mapas de associação de ideias é apresentada nesse capítulo na forma dos repertórios interpretativos, que encontram-se demarcados em itálico e nos trechos de fala dos entrevistados, que foram citados de acordo com as normas da APA (2012).

4.1. Contextualização

Partindo do objetivo geral da presente dissertação e considerando o caráter singular do sentido que se constitui a partir das relações entre o sujeito e o seu meio, faz-se necessário discorrer sobre quem são os entrevistados e qual a história de vida desses sujeitos que iniciaram a carreira esportiva ou artística, ainda na infância/adolescência. Para tanto, será apresentada a seguir uma caracterização da amostra que compreende a idade dos entrevistados, a etnia (autorreferencial), a escolaridade, a idade que ingressaram na carreira e outros aspectos que contribuem para saber quem foram os sujeitos. Essa contextualização acerca dos entrevistados encontra-se de forma condensada na tabela 1:

Tabela 1- Contextualização

Participantes	Formas de TI	Ingressou	Etnia	Escolaridade
AL (32 anos)	Vôlei	6 anos	Branca	Pós-graduação
CH (21 anos)	Vôlei	14 anos	Morena	Ensino Sup. cursando
VF (22 anos)	Vôlei	13 anos	Moreno	Ensino Sup. incompleto
VT (16 anos)	Ginástica artística	8 anos	Negra	Ensino Médio
NI (14 anos)	Ginástica artística	8 anos	Negro	Ensino Médio
LV (14 anos)	Ginástica artística	6 anos	Negro	Ensino Médio
LC (37 anos)	Ginástica artística	6 anos	Branco	Não respondeu
NM (16 anos)	Taekwondo	6 anos	Moreno	Ensino Médio
DL (10 anos)	Ator	4 anos	Branco	Ensino Fundamental
GC (13 anos)	Modelo	4 anos	Branca	Ensino Fundamental
RA (19 anos)	Futebol	8 anos	Negro	Ensino Médio incompleto
JL (19 anos)	Cantor	14 anos	Mulato	Ensino Médio completo
RS (32 anos)	Cantor	15 anos	Branco	Pós-graduação
JP (20 anos)	Artista circense	10 anos	Negro	Ensino Médio completo
RP (21 anos)	Artista circense	14 anos	Mestiço	Ensino Médio completo
GL (21 anos)	Artista circense	14 anos	Branca	Ensino Superior cursando
KA (14 anos)	Artista circense	5 anos	Parda	Ensino Fundamental
JP (13 anos)	Artista circense	7 anos	Pardo	Ensino Fundamental
ME (9 anos)	Artista circense	4 anos	Parda	Ensino Fundamental

Fonte: elaboração própria.

A primeira entrevistada foi uma jogadora de vôlei. AL tinha 32 anos de idade quando foi realizada a entrevista. Definiu-se como branca e tinha como último nível de escolaridade a pós-graduação em marketing, como sequência da sua graduação em administração. Ela era jogadora de vôlei de praia, ingressou no meio esportivo aos seis

anos. Seu ingresso no mundo esportivo iniciou-se no karatê; depois passou pelo atletismo; vôlei de quadra e depois entrou no vôlei de praia, no qual estava no momento da entrevista. Essa atleta é natural de Brasília- DF e se encontrava na cidade de João Pessoa- PB para um campeonato de vôlei que ocorreu em março de 2014. AL narrou que inicialmente via o esporte como uma brincadeira, até pela idade que começou, mas, depois as coisas foram acontecendo e a profissionalização se deu de forma natural. Já chegou a ser jogadora da seleção de vôlei de Brasília e da seleção brasileira de vôlei de quadra.

De acordo com dados do site oficial da Confederação Brasileira de Voleibol (www.cbv.com.br/v1/praiaprofil.asp), AL disputou o título de melhor atacante em 2004 e foi avaliada a melhor defensora no ano de 2009, no Circuito Banco do Brasil. O site também apresenta os seus principais resultados em nível nacional e internacional, dentre os quais pode-se citar: campeã das etapas de Bauru (SP) e Campo Grande (MS) do Circuito Banco do Brasil Challenger 2014; campeã do evento teste dos Jogos Olímpicos de Londres; medalha de ouro nos Jogos Mundiais Militares 2011; terceira colocada na etapa de São Luís (MA) do Circuito Banco do Brasil 2013/2014 e terceira colocada na etapa do Chile do Circuito Sul-Americano 2012/2013.

Outra jogadora de vôlei entrevistada foi CH, na época da pesquisa tinha 21 anos, definiu-se como morena, tinha como nível de escolaridade o ensino médio completo e estava cursando a graduação em educação física. Ela era jogadora de vôlei, ingressou no meio esportivo aos 14 anos. Começou no vôlei de quadra, depois passou para o vôlei de praia, no qual se encontrava no momento da entrevista.

Segundo CH, sua carreira no esporte foi acontecendo naturalmente e aos poucos ela foi percebendo que poderia progredir na modalidade. Ela é natural de Fortaleza- CE,

mas, se encontrava na cidade de João Pessoa- PB porque estava participando do torneio de vôlei que aconteceu em março de 2014, recebendo atletas de todo o Brasil.

O site oficial da Confederação Brasileira de Voleibol (www.cbv.com.br/v1/praias/perfil.asp) aponta que CH foi jogadora da seleção cearense de vôlei e da seleção brasileira sub-19. O site cita também algumas de suas conquistas como campeã da etapa de Ribeirão Preto (SP) do Circuito Banco do Brasil Challenger 2014; campeã da etapa de Ribeirão Preto (SP) do Circuito Banco do Brasil Sub-23 2014; campeã do Super Praia B 2014 em Salvador (BA); campeã da etapa do Brasil do Circuito Sul-Americano 2014 e terceiro lugar no Uruguai e na Bolívia; campeã das etapas de Campinas e São José do Circuito Banco do Brasil Nacional 2014; vice-campeã da etapa do Brasil do Circuito Sul-Americano 2012/2013.

O terceiro entrevistado também era jogador de vôlei. VF tinha 22 anos quando a entrevista foi realizada. O mesmo ingressou no meio esportivo aos 13 anos, inicialmente, no vôlei de quadra e depois passou para o de praia, no qual ainda se encontrava até o momento da entrevista. Assim como AL e CH, a entrada dele no esporte de alto rendimento se deu de forma natural e começou segundo ele, como uma brincadeira. No que se refere à etnia se definiu como moreno e quanto ao último nível de escolaridade possuía o ensino médio completo. Começou a fazer graduação em administração, mas, devido às viagens longas para competir acabou desistindo da faculdade.

O atleta é natural de João Pessoa- PB, mas, na época da entrevista encontrava-se morando no Rio de Janeiro- RJ. Entrou na seleção brasileira sub 21 de vôlei quando tinha entre 16 e 17 anos. VF narrou que no início se sentia inseguro com relação a sua

altura, com relação ao seu rendimento na seleção, mas, com o passar do tempo ele percebeu que conseguiria ter um bom rendimento e os resultados foram acontecendo.

O site oficial da Confederação Brasileira de Voleibol (www.cbv.com.br/v1/praia/perfil.asp) elenca como principais resultados de VF: terceiro colocado na etapa de Vitória do Circuito Banco do Brasil 2014/2015; vice-campeão mundial sub-23 em 2013; vice-campeão mundial sub-21 em 2009 e 2010; campeão da etapa de Vitória do Circuito Banco do Brasil 2013/2014; campeão das etapas da Alemanha e da China (Xiamen) do Circuito Mundial 2013; campeão da etapa do Chile do Circuito Sul-Americano 2012/2013; medalha de ouro nos Jogos Sul-Americanos de Praia 2011.

Além dos atletas de vôlei; foram entrevistados atletas da ginástica artística e a primeira entrevistada foi VT. Ela tinha 16 anos quando a entrevista foi feita e era atleta da seleção paraibana de ginástica artística. No que se refere à etnia, ela se define como negra, quanto à escolaridade estava cursando o 3º ano do ensino médio. Começou na ginástica artística com oito anos. No ano de 2013, foi campeã individual geral na categoria adulto iniciante, no XVIII Torneio Nacional de Ginástica Artística, que foi realizado em São Luís – MA, o que lhe deu destaque na mídia local (televisão e jornais).

De acordo com VT ser atleta no Brasil era difícil devido à falta de investimento e às condições precárias para os treinos. Ela ainda ressaltou que no que se refere, especificamente à Paraíba, as dificuldades eram maiores. Na época da entrevista, VT estava tentando ser incluída no Programa Bolsa Atleta.

Outro atleta de ginástica artística que participou da pesquisa foi NI. Quando a entrevista foi realizada ele tinha 14 anos e fazia parte da seleção paraibana de ginástica

artística. O mesmo se definiu como negro, quanto ao nível de escolaridade estava cursando o 1º ano do ensino médio e começou na ginástica artística com oito anos.

Assim como VT, NI ressaltou as dificuldades de ser um atleta no Brasil. Revelou que as dificuldades enfrentadas acabavam influenciando na escolha em procurar outra profissão, pois, o esporte era encarado como uma profissão que exigia muito do atleta, mas, ao mesmo tempo era uma área instável e com pouco investimento.

LV também era atleta da seleção paraibana de ginástica artística e tinha 14 anos na época da entrevista. O mesmo definiu-se como negro e quanto à escolaridade estava cursando o 1º ano do ensino médio. Ingressou na ginástica artística com seis ou sete anos, mas, só começou a competir por volta dos nove anos.

Diferentemente dos outros entrevistados, LV demonstrou não gostar muito da ginástica artística, chegou a afirmar que a praticava porque sua mãe o obrigava e para poder ficar próximo dos amigos que eram os outros atletas da seleção paraibana. Embora ele fosse da seleção paraibana de ginástica artística, LV, não chegou a ganhar nenhuma competição e revelou o interesse em seguir outra profissão no futuro.

Entrevistou-se também um ex-atleta de ginástica artística. Na época da entrevista, LC tinha 37 anos, era professor de ginástica artística pelo Estado da Paraíba, pela prefeitura municipal de João Pessoa e pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. LC também se encontrava na função de técnico da seleção paraibana de ginástica artística. Com relação à etnia autorreferenciou-se como branco.

Ingressou na ginástica artística quando tinha entre cinco e seis anos, começou porque o pai dele o achava muito agitado, portanto, considerou que ele precisava praticar alguma atividade física. Tentou praticar outros esportes como futebol, vôlei, handebol e basquete. No caso do vôlei e do basquete, acabou desistindo porque,

segundo ele, não tinha altura adequada para esses esportes. Como percebeu que estava tendo êxito na ginástica artística optou por seguir nessa modalidade, chegando a ser bicampeão brasileiro. No entanto, encerrou sua carreira como atleta aos 22 anos.

Participou desta pesquisa também, o atleta de taekwondo NM. Na época da entrevista, ele tinha 16 anos. Com relação à etnia autorreferenciou-se como moreno e quanto à escolaridade o mesmo cursava o 1º ano do ensino médio. NM começou a treinar taekwondo com seis anos de idade, na época da entrevista era da seleção brasileira juvenil de taekwondo.

De acordo com o site <http://timebrasil.cob.org.br/atletas/edival-marques-quirino-pontes>, NM foi bicampeão brasileiro nos anos 2010 e 2013; campeão dos Jogos Sul-Americanos da Juventude, no Peru em 2013; campeão do Mundial Juvenil de Taekwondo na China em 2014; campeão Olímpico da juventude no taekwondo dos jogos Naquim em 2014.

Entrevistou-se também um jogador de futebol, RA tinha 19 anos de idade quando a entrevista foi realizada. Ele referenciou-se como negro e com relação à escolaridade desistiu de estudar no 1º ano do ensino médio. Ele começou a jogar futebol aos oito anos por brincadeira, mas, aos dez anos já estava participando de competições em nível norte/nordeste.

RA passou a receber uma ajuda de custo a partir dos 13 anos quando foi para o time de base do Vasco no Rio de Janeiro. Além da base do Vasco, RA passou pelo time de base do Santos de São Paulo e pelo time profissional do Botafogo da Paraíba. No momento da entrevista, encontrava-se em um time de base em um país do Oriente Médio, Catar, tendo um contrato profissional.

Outro entrevistado foi o ator/modelo DL, que tinha 10 anos de idade na época da entrevista. Com relação à etnia ele referenciou-se como branco, quanto ao nível de escolaridade estava cursando o 6º ano do ensino fundamental. DL ingressou no meio artístico quando tinha de três a quatro anos de idade. Segundo o entrevistado, sua inserção nesse meio ocorreu de forma natural, quando um conhecido da família disse a sua mãe que ele era muito bonito e aconselhou a levá-lo a uma agência de modelos. De acordo com DL, no início foi difícil porque ele era muito tímido, mas, após alguns cursos de teatro a timidez foi diminuindo.

Outro participante da pesquisa foi o cantor JL, que tinha 19 anos quando foi realizada a entrevista. O mesmo se definiu como “mulato, moreninho” e tinha como último nível de escolaridade o ensino médio completo. Ele revelou que chegou a iniciar a faculdade de administração, mas, por conta da carreira acabou trancando. JL começou a cantar profissionalmente aos 14 anos.

Um aspecto a ser destacado é que tanto seu avô paterno como seu pai eram cantores, pelo menos até a realização da entrevista, tendo influência na sua escolha em ingressar na carreira. JL explicitou que sempre concebeu o fato de cantar como uma profissão e revelou que foi muito precoce seu envolvimento com o trabalho, principalmente, por ter crescido nesse ambiente, frequentando os shows do pai e do avô.

Entrevistou-se também uma miss/modelo. Quando a entrevista foi feita GC tinha 13 anos. Com relação à etnia ela referenciou-se como branca e quanto à escolaridade estava cursando o 9º ano. GC ingressou na carreira aos quatro anos, quando foi convidada para desfilar por uma loja de roupas infantis. Ainda com quatro anos ganhou o concurso de top model.

O pai de GC era seu empresário, além dele a miss/modelo contava com o auxílio de uma assessoria jurídica. Outro aspecto acerca da carreira de GC é que ela tinha um fã-clube e devido aos compromissos profissionais passa metade do ano em João Pessoa-PB e a outra metade em São Paulo- SP.

Além do cantor JL, participou da pesquisa o cantor RS. O mesmo tinha 32 anos na época da entrevista e ingressou na carreira artística por volta dos 15 ou 16 anos de idade. Com relação à etnia, ele autorreferenciou-se como branco e no que se refere à escolaridade possuía curso técnico em eletrônica, graduado em telecomunicações e possuía a pós-graduação em gestão de pessoas. A carreira de cantor começou como um hobby e quando ele percebeu que poderia ganhar dinheiro com aquilo foi se dedicando mais e passou a considerar como um trabalho.

Participaram da pesquisa também seis artistas circenses, sendo que três eram adultos e no momento da entrevista não se encontravam trabalhando em circo e três eram crianças/adolescentes que viajavam por todo Brasil se apresentando no circo. O primeiro artista circense entrevistado foi JP, que tinha 20 anos quando a entrevista foi realizada. Ele começou a aprender a arte circense aos 10 anos de idade e aos 15 anos já atuava profissionalmente. Com relação à etnia, JP autorreferenciou-se como negro e como nível de escolaridade possuía o ensino médio completo.

Segundo o entrevistado quando iniciou a carreira circense não a concebia como um trabalho, mas, no momento da entrevista reconheceu que sua atividade era um trabalho. Com 20 anos, ele buscava uma estabilidade financeira maior por meio de um emprego público, pretendia fazer concursos. Mas, ao mesmo tempo afirmou que não queria se afastar por completo do mundo artístico.

Outro artista circense entrevistado foi RP. Na época da entrevista ele tinha 21 anos e referenciou-se como mestiço. Com relação à escolaridade possuía o ensino médio completo e estava se preparando para entrar na universidade, pretendendo cursar jornalismo. Ele era palhaço e iniciou sua carreira aos 14 anos de idade.

O entrevistado revelou que começou a trabalhar com 12 anos como auxiliar de mecânico e que desde então tinha sua independência financeira. Destacou também que a carreira circense foi acontecendo naturalmente na vida dele, mas, que desde o início já concebia como um trabalho, como uma profissão. Outro aspecto a ser ressaltado é que RP passou dois anos fazendo parte do elenco internacional do Le Cirque. Enquanto palhaço do referido circo, ele fez uma turnê pelo nordeste. Segundo ele, foi uma das maiores experiências da sua vida.

Participou da pesquisa também a artista circense GL, que tinha 21 anos quando a entrevista foi feita. Ela autorreferenciou-se como branca e no que se refere à escolaridade tinha o ensino médio completo e estava cursando pedagogia. GL ingressou na carreira aos 14 anos de idade e revelou que iniciou nessa idade por questões financeiras.

No período da entrevista, GL era educadora circense e se apresentava em eventos, inclusive, em shows; e em circos que passavam pela região e a convidavam para compor o elenco na temporada em que eles permaneciam na cidade. Um aspecto ressaltado por GL foi o fato de ter enfrentado o preconceito tanto da sua família como de vizinhos e amigos devido a sua profissão. Ela explicita que chegou a ser chamada de “vagabunda”.

Outra artista circense entrevistada foi KA. Quando a entrevista foi realizada ela tinha 14 anos de idade. A mesma referenciou-se como parda e estava cursando o nono

ano do ensino fundamental. KA revelou que nasceu no circo. Desde nova, por volta dos cinco anos, começou a ensaiar e a trabalhar. Seus pais também trabalhavam no circo, o pai era motorista e a mãe trabalhava na área de vendas de pipoca, algodão doce, entre outros alimentos. KA destacou que devido ao fato do circo está sempre mudando de cidade, ela acabava frequentando várias escolas em um ano letivo. No ano de 2014, já passara por mais de dez escolas diferentes.

Outro artista circense entrevistado foi JP, que tinha 13 anos quando a entrevista foi feita. No que se refere à etnia, ele autorreferenciou-se como pardo e no que versa acerca da escolaridade, estava cursando o sétimo ano do ensino fundamental. Ingressou na carreira artística no circo, com sete anos. O entrevistado morava no circo com seu pai, que era o produtor executivo do circo, com seus irmãos: um menino e uma menina que também faziam parte do espetáculo e sua madrasta. Assim como KA, JP ressaltou o fato de frequentar muitas escolas em um ano letivo por conta do circo estar sempre mudando para outra cidade.

A última entrevistada foi com ME, irmã de JP, que também era artista circense. Na época da entrevista ela tinha nove anos de idade e no que se refere à etnia, referenciou-se como parda. Em relação à escolarização, estava cursando o quarto ano do ensino fundamental. Ela ingressou na carreira artística, no circo, com quatro anos. ME ressalta que não lembra se o interesse em se apresentar no circo partiu dela ou de seu pai, que era o produtor executivo do circo que ela trabalha.

4.2. Contextualização em análise: conversando com autores

Os dados apresentados nesta dissertação revelaram uma amostra heterogênea contemplando crianças/adolescentes e adultos de diversas áreas artísticas e diferentes modalidades esportivas, conforme se pretendia. O que possibilitou traçar um perfil dos

trabalhadores infantis artísticos e esportivos ponderando questões como etnia, gênero, escolaridade, ocupação, início da carreira, entre outros aspectos. De acordo com o Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente Trabalhador (MTE, 2011), para elaborar ações voltadas para prevenção e eliminação do trabalho infantil faz-se necessário traçar o perfil desse trabalhador infantil, considerando questões como etnia, gênero, condição socioeconômica, ocupação e diferenças regionais.

Ao serem questionados acerca da etnia seis entrevistados se autorreferenciaram como branco; cinco definiram-se como negro; quatro como moreno; três como pardo e um como mestiço. Destaca-se que os artistas, em sua maioria, se definiram como branco ou pardo. No que se refere aos atletas, a maioria, referenciou-se como negro ou moreno. Utilizando-se dos dados do IBGE (2010) que revelam que a maioria da população brasileira é negra e parda e vive em condições de vida precária, recebendo salários inferiores aos brancos. E considerando o que é apontando por Alcântara (2006) acerca do fato do esporte ser retratado pela mídia destacando o fascínio da profissão, constata-se que estes jovens podem ingressar no meio esportivo visando alcançar ascensão financeira.

Em relação ao gênero entrevistaram-se doze homens e sete mulheres. Dos doze homens, seis eram atletas e seis eram artistas. Dentre as mulheres quatro eram artistas e três eram atletas. Assim, constata-se um equilíbrio de homens e mulheres tanto na carreira artística quanto na carreira esportiva.

No que versa acerca da escolaridade as nove crianças/adolescentes entrevistados cursavam entre o fundamental I (2), fundamental II (3), e ensino médio (4). Já em relação aos adultos, possuíam nível superior e especialização (2); estavam cursando

nível superior (2); começaram o ensino superior, mas, desistiram por conta da carreira (2); possuíam o ensino médio completo (3); e tinha desistido quando cursava ensino médio para se dedicar à carreira (1). Pires et al. (2012), em estudo realizado acerca de adolescentes modelos, destaca que os comportamentos que são exigidos na carreira artística podem influenciar nos estudos. Embora os autores se refiram a uma área artística específica, constata-se na presente dissertação que tanto a carreira artística quanto a esportiva, influenciava nos estudos. Isto se deve ao fato que é apontado por Vygotski (1983/1997) que o sujeito é um produto da sua interação com o meio social no qual está inserido. Posteriormente, no tópico acerca das implicações do trabalho infantil esportivo e artística será tratado de forma mais detalhada as implicações para a escolarização.

Ao serem questionados acerca da idade que ingressaram na carreira artística ou esportiva as respostas dos entrevistados variaram entre 4 e 15 anos de idade. Verifica-se que nas atividades que exigem um preparo físico maior (ginástica artística, arte circense, futebol e vôlei) o início da carreira se dá de forma mais precoce. Para Rubio (2002), essa inserção precoce na carreira se deve, principalmente, à profissionalização do esporte, exigindo que os atletas iniciem cada vez mais cedo sua preparação visando obter dinheiro e fama.

No que se refere aos atletas, destaca-se aqui que vários dos entrevistados além de terem iniciado precocemente na carreira, já venceram competições e foram premiados diversas vezes. Dentre os atletas, aponta-se os três jogadores de vôlei e o atleta de taekwondo. Embora a priori possa parecer algo positivo, o fato desses atletas ainda jovens terem conquistado tantas vitórias, Coimbra et al. (2013) aponta que o

esporte de alto rendimento exige muito dos atletas, pois, eles têm que lidar constantemente com competições, rivalidade e o fato de ganhar ou perder.

Ainda acerca da inserção no meio esportivo ou artístico, ressalta-se que os artistas mirins também iniciam na carreira precocemente. DL, GC e ME iniciaram suas carreiras aos quatro anos. Constata-se que eles abordam o início da carreira a partir do que seus pais lhes contaram, pois, eles não se recordam. Esta inserção precoce revelada no discurso dos entrevistados corrobora com o que é apontado por Bahia et al. (2008), ao explicitar que a carreira artística de crianças e adolescentes em sua maioria se deve a um desejo dos pais.

4.3. Vivência no trabalho infantil esportivo e artístico

Assim como a contextualização dos entrevistados, compreender a vivência de crianças/adolescentes no trabalho infantil esportivo e artístico possibilita analisar o sentido que eles atribuem a estas formas de trabalho. Já que o sentido se constitui a partir da vivência, podendo ser vários, a depender de como as pessoas apreendem essa experiência.

Partindo do exposto, neste tópico será abordada a vivência em si, considerando as categorias gerais: caracterização da atividade; a relação entre condição de vida e trabalho infantil; o significado de trabalhar em um ambiente que envolve fama e ascensão financeira; e trabalho infantil e família. Ao analisar os mapas a partir destas categorias surgiram subcategorias, das quais emergem os repertórios interpretativos.

4.3.1. Caracterização da atividade.

Constata-se ao analisar os mapas de associação de ideias, considerando as singularidades dos entrevistados, que eles caracterizam o trabalho infantil esportivo e

artístico a partir das subcategorias: descrevendo sua rotina; explicando a carreira de forma processual e apontando o que fazem.

No que se refere à caracterização a partir da descrição da rotina, pode ser evidenciado na fala da jogadora de vôlei (32 anos) o repertório *já começa naquela disciplina, todos os dias fazia algo*. A atleta de ginástica artística (16 anos) também descreve a rotina a partir dos repertórios *treinos de quatro horas por dia e treinava durante a tarde e durante a noite*. A entrevistada revelou que sempre praticou esporte, mas, nunca em carga horária tão grande como quando ingressou na ginástica artística. Constata-se uma ressignificação do esporte a partir da sua vivência nessa modalidade esportiva. Ela identifica uma mudança no seu cotidiano, estabelecendo um paralelo entre o antes e o depois de ingressar no meio esportivo.

O atleta de taekwondo (16 anos) descreve sua rotina a partir do repertório, *treinos diários, nos dois turnos*. Ressalta também o fato de que um mês antes de uma competição ia para Brasília para poder treinar com o protetor eletrônico, pois, o Estado da Paraíba ainda não contava com esse tipo de recurso.

N30: Eu treino é duas vezes por dia, quatro horas. Uma de duas e outra de duas. Separando o treinamento físico, que eu faço na praia ou então na academia mesmo. E eu treino aqui na Paraíba e quando assim, um mês antes de uma competição fora eu vou pra Brasília. Porque aqui na Paraíba ainda não temos o protetor eletrônico, a questão do protetor eletrônico. Aqui a gente tem o convencional, são marcados pelo árbitro mesmo os pontos. E como essa tecnologia num campeonato internacional é o protetor eletrônico, eu tenho que me adaptar com ele, daí eu vou pra Brasília treinar com ele.
(Atleta de taekwondo, sexo masculino, 16 anos)

No que se refere aos artistas, emerge no discurso do cantor (19 anos) acerca da sua rotina de trabalho o repertório *fazer shows, entrevistas, resolver coisas da banda*. E a miss/modelo (13 anos) ao apresentar sua rotina trouxe como repertório *tudo tem sua hora*. Ela revelou que tem a hora de brincar, de estudar, mas, que na hora da passarela ela é a modelo profissional. Segundo a entrevistada, para conseguir manter sua rotina de

forma equilibrada conciliando compromissos profissionais com atividades rotineiras, como ir à escola, ela *conta com o auxílio de uma equipe de produção*.

Em relação aos entrevistados que caracterizaram a atividade explicando de forma processual como aconteceu sua carreira esportiva ou artística, a jogadora de vôlei (21 anos) utilizou o repertório *convite de um árbitro*. E explica que no início aceitou sem saber direito o que ia acontecer. Enquanto o ator/modelo (10 anos) utilizou os repertórios *começou a fazer cursos e fazer gravações, trabalhos, comerciais*. Segundo sua narrativa, os primeiros trabalhos foram difíceis por conta da sua timidez, a partir dos cursos ele foi se adaptando à atividade e a timidez foi passando. Emerge na fala do ex-atleta de ginástica artística (37 anos) o repertório *começou a participar de campeonatos*, competições locais e regionais, foi gostando da ginástica artística e se empenhando mais nos treinos.

Dos entrevistados que caracterizam a atividade apontando o que faziam destaca-se aqui: o atleta de ginástica artística (14 anos) que trouxe em seu discurso o repertório *treina todos os aparelhos possíveis*, que são a barra, o salto, a paralela, o solo, o cavalo com alças e a argola. O artista circense (20 anos) com o repertório *especialista em trapézio, malabares e acrobacia*. Ele ressalta que faz de tudo um pouco no circo, mas, sua habilidade maior era nesses números citados. A artista circense (14 anos) revelou em sua fala o repertório *faz cama elástica e magia* no espetáculo do circo. O artista circense (13 anos) *faz cama elástica, cubo e é aprendiz de trapézio* no circo. Além disso, quando é necessário, ele atua como palhaço. E a artista circense (9 anos) trouxe como repertório *faz cubo, contorção e magia* nas suas apresentações no circo.

Os dados mostram, tanto nas atividades artísticas como esportivas, que os entrevistados caracterizam a atividade apresentando o caráter definidor de trabalho

como uma rotina, explicando o processo de suas carreiras e apontando as atividades que constituem cada categoria de trabalho. Ou seja, ao caracterizar a atividade eles atribuem o sentido de trabalho para a atividade que realizam.

4.3.2. Relação entre condição de vida e trabalho infantil.

Nesta dissertação, compreende-se por condição de vida o acesso ou não aos bens materiais, sociais e culturais a partir do meio em que o sujeito está inserido, ou seja, pelo seu contexto. Entende-se que esse acesso possibilita mudanças na trajetória de vida desses sujeitos. Partindo da temática de interesse desta pesquisa, portanto, a condição de vida refere-se ao acesso ou não a bens materiais, sociais e culturais a partir do trabalho infantil esportivo e artístico.

Na análise dos mapas de associação de ideias no que se refere à condição de vida surgem às subcategorias falta de investimento no esporte; vida voltada para o esporte; benefício para a saúde; mudança na condição financeira e a questão da moradia. É importante ressaltar que na fala dos artistas só são evidenciadas as mudanças na condição financeira e a questão da moradia, os demais são exclusivos nas entrevistas com os atletas. Outro aspecto a ser destacado é que três dos entrevistados, a jogadora de vôlei (32 anos); o jogador de futebol (19 anos) e a artista circense (21 anos), fizeram menção ao fato de serem de famílias humildes ao discorrerem acerca de suas vidas antes e depois do trabalho.

A falta de investimento no esporte pode ser identificada no repertório apresentado pela jogadora de vôlei (32 anos) *faltava treino por não ter dinheiro para a passagem*.

A54: ...Então você está na capital federal onde... é... né... entre aspas é um lugar onde tem mais investimento que até outros lugares, que eu reconheço isso. Mas uma dificuldade, onde a gente não tinha como ir num jogo! Então o próprio professor levava dentro do carro, pagava passagem. Eu em algumas vezes, sou

de família humilde. Então algumas vezes eu chegava assim olha não vou poder vim amanhã porque não tenho dinheiro da passagem. E aquele professor ia tirava do bolso, não você vai vim, tá aqui. Então aquele sacrifício, aquela luta sabe. (Jogadora de vôlei, sexo feminino, 32 anos)

Outro aspecto referente à falta de investimento emerge na fala da atleta de ginástica artística (16 anos). Ela revelou que mesmo tendo ingressado na ginástica ainda com oito anos e que o ritmo de treinos era intenso, emerge como repertório o *único retorno que teve foi em jornal*, ou seja, na mídia.

V49: Como eu já tinha falado o esporte no Brasil não é uma coisa muito reconhecida, basicamente o esporte né, na Paraíba piorou! E o retorno que a gente teria era o financeiro ou o reconhecimento mesmo de sair em jornais e tudo mais. Então o único retorno que eu tive foi em jornal e tudo mais, porque é difícil. A gente tá tentando ver se consegue o bolsa atleta, mas até agora... (Atleta de ginástica artística, sexo feminino, 16 anos)

O ex-atleta de ginástica artística (37 anos) revelou, assim como abordado na fala anterior, que mesmo diante da dedicação empreendida para o esporte ele não recebia retorno financeiro, apenas medalhas. Emerge como repertório na fala do entrevistado que ele sempre foi *paitrocinado* por seu pai que custeava os gastos advindos da carreira de atleta, o que ele recebia ao ganhar as competições eram medalhas e certificados. O retorno financeiro só veio quando ele começou a fazer apresentações com um grupo que era financiado por um grande empresário, devido a essas apresentações morou por seis meses na Alemanha.

O ex-atleta que, no período da entrevista, era técnico da seleção paraibana de ginástica artística narrou que a realidade no momento não era muito diferente, pois os atletas da seleção enfrentavam dificuldades como falta de espaço para treinar, por isso, os treinos estavam ocorrendo na orla de João Pessoa- PB por falta de apoio do Estado e poucos patrocínios de empresas privadas.

No que se refere à vida voltada para o esporte, emerge na fala da jogadora de vôlei (21 anos) que ela *não fazia outra atividade* a não ser o vôlei. Ela revelou que a sua

adolescência tinha se resumido aos treinos de vôlei, que esse era o seu foco. Essa dedicação ao esporte também é apresentada pelo atleta de taekwondo (16 anos) no repertório *o taekwondo é parte da vida*.

N52: Eu acho que é mais amor. De tanto tempo assim de taekwondo eu acho que, o taekwondo assim, eu não consigo mais viver assim sem pelo menos dá um treino a noite. Quando eu to de férias assim, eu chego de um campeonato, meu pai me dá uma semana de folga. Chega à noite assim meus amigos vamo sair, eu saio, caramba to saindo, num to no treino. Isso me faz falta acho que eu dedico mais como uma parte da minha vida o taekwondo.
(Atleta de taekwondo, sexo masculino, 16 anos)

Emerge na fala do jogador de vôlei (22 anos) e de dois atletas de ginástica artística (14 anos) que a vivência no esporte trouxe benefícios para a saúde por adquirir hábitos saudáveis como revelado nos repertórios *alimentação equilibrada; dormir bem; e a prática de atividade física regularmente*. Outra questão a ser ressaltada e que pode ser observada na fala a seguir, que mesmo considerando como algo benéfico para a saúde, o entrevistado afirma que sua mãe o obriga a ser atleta.

L20: Ah eu era todo cansado, eu ficava só em casa jogando (risos)! Eu ainda continuei jogando, mas pelos menos eu saio às vezes assim, pra fazer qualquer coisa. Mas minha vida era meio cansada, assim meio morta! Aí desde quando minha mãe começou a me obrigar a ir pra ginástica aí eu comecei a melhorar nas coisas!
(Atleta de ginástica artística, sexo masculino, 14 anos)

O mais recorrente na fala dos entrevistados foi à questão da mudança na condição financeira, os mesmos explicitam que a partir do trabalho infantil esportivo e artístico passaram a receber financeiramente. Esta questão aparece nas falas do ator/modelo (10 anos); do atleta de taekwondo (16 anos); da miss/modelo (13 anos); do cantor (32 anos); do jogador de futebol (19 anos) e de cinco artistas circenses (21, 22, 21, 14, e 13 anos).

O jogador de futebol e a artista circense revelaram que o dinheiro que recebiam/recebem era utilizado para *ajudar a família*. Os demais utilizam o dinheiro

para benefício próprio, ou seja, para comprar bens que almejam. É importante ressaltar que a artista circense (14 anos) revelou em sua fala que *o dinheiro que recebia no circo ia todo para a poupança* e que ela só pode ter acesso ao mesmo quando completar 18 anos.

G66: Bem quando eu faço trabalho há cachê, entendeu?! Então me traz uma condição financeira ainda melhor por eu ser criança eu não teria essa condição financeira que eu tenho hoje em outra profissão, entendeu?! Aí é isso cada trabalho que eu faço eu vou ganhando dinheiro, eu ponho na minha conta, até pro meu futuro.

(Miss/modelo, sexo feminino, 13 anos)

RA60: No momento representa tudo, é de onde eu ajudo minha família aos poucos. De onde eu tiro meu lazer pra sair com minha namorada, um divertimento. Eu acho que se não fosse a bola eu não teria nada do que eu tenho hoje! ...

(Jogador de futebol, sexo masculino, 19 anos)

No que se refere à questão de moradia a artista circense (9 anos) trouxe como repertório que *mora dentro de um ônibus* com seu pai, seus dois irmãos e sua madrasta. Segundo a entrevistada é uma casa normal, mas, dentro de um ônibus.

Ao analisar a condição de vida dos atletas e artistas entrevistados identifica-se que há singularidades, mas, que a maioria destaca a questão da mudança na condição de vida no sentido financeiro. Constata-se que o trabalho infantil esportivo e artístico se assemelha a outras formas de trabalho infantil, pois, o benefício financeiro era utilizado para ajudar a família ou mesmo para que as crianças e adolescentes se mantivessem. Isto quer dizer que as crianças e adolescentes estão assumindo as funções da família no custeamento de si.

4.3.3. Carreira artística e esportiva: o significado de trabalhar em um ambiente que envolve fama e ascensão financeira.

Ao abordar a questão da carreira artística ou esportiva identificou-se as subcategorias trajetória no meio esportivo ou artístico; ascensão financeira e profissional; reconhecimento e o relativismo da fama.

Em relação à trajetória, a jogadora de vôlei (32 anos) revelou que sua carreira de atleta *começou na escola*. Depois disso; a entrevistada trouxe como repertório que *participou também de vários campeonatos e foi chamada pra seleção brasileira de quadra*. O ex-atleta de ginástica artística (37 anos), ao relatar sua trajetória, apresentou como repertório que *sua primeira competição*, mais forte, segundo ele, aconteceu quando tinha 11 anos de idade.

L33: Começou aos 12, 11, 12 anos. Aos 11 porque é o seguinte pra ir por JEBES que é os jogos escolares brasileiros você só podia ir com 12 anos. Mas a gente fez um trato com o presidente da federação e a gente foi, eu fui como gato né, fui aos 11 anos. Então foi minha primeira competição assim mais forte, que foi em Mato Grosso do Sul em 87.
(Atleta de ginástica artística, sexo masculino, 37 anos)

O ator/modelo (10 anos) narrou que sua carreira teve início quando um homem sugeriu que sua mãe o levasse para uma *agência de publicidade*, na qual ele fez o *primeiro comercial*. Segundo o entrevistado depois do primeiro comercial ele começou a fazer cursos e foram surgindo outros trabalhos, como propagandas. O atleta de taekwondo (16 anos) narrou como foi sua trajetória no esporte de alto rendimento. O seu primeiro ouro foi em 2010, sendo *campeão infantil*. Em 2011, entrou para *reserva da seleção brasileira de taekwondo*. Em 2013, foi *campeão sul-americano* e em 2014, *campeão mundial juvenil*.

Emerge na fala do cantor (19 anos) o repertório *cantava sertanejo* no início da carreira, fazia dupla com outro cantor. E *hoje canta forró, está em carreira solo*. Já a

miss/modelo (13 anos) trouxe como repertório que *começou desfilando para uma loja* de roupas infantis, após o desfile *foi convidada para participar do concurso top model*, o qual venceu com quatro anos.

Ainda acerca da trajetória, o artista circense (20 anos) trouxe como repertório que *começou a trabalhar com 15 anos*, e na época da entrevista era *considerado um dos melhores da Paraíba*. Enquanto que a artista circense (14 anos) revelou que *começou bem pequena*, aos cinco anos se apresentando como palhaça juntamente com outras crianças. Ela ressalta que não lembra direito como foi no início da carreira pelo fato de ter iniciado tão nova, mas, sua mãe que conta como foi.

Um aspecto destacado pelos entrevistados é a questão da ascensão financeira, pois, a carreira possibilitou um ganho financeiro. É importante ressaltar que os entrevistados referem-se não só ao dinheiro em si, mas, às oportunidades que a carreira oferece, ou seja, ascensão financeira e profissional. Acerca disso, emerge no discurso da jogadora de vôlei (32 anos) os repertórios que *começou a receber financeiramente no atletismo*. E depois *passou a receber uma ajuda de custo*, aos 13 anos, quando estava jogando vôlei de quadra.

Ao narrar acerca da ascensão financeira e profissional emergiu na fala do ex-atleta de ginástica artística (37 anos) que chegou a ser *bicampeão brasileiro* e que foi por essa vivência no meio esportivo, mediante a carreira de atleta que *hoje é professor*.

Emerge na fala do jogador de futebol (19 anos) acerca da ascensão financeira e profissional o repertório *recebia ajuda de custo* no time de base do Vasco. No período da entrevista, *jogava no Catar*, tendo um contrato profissional, mesmo atuando em um time de base. O artista circense (20 anos) revelou, acerca da ascensão financeira e

profissional, que seu primeiro emprego foi no circo da região. A partir dessa experiência, ele percebeu que poderia ganhar dinheiro e *passou a investir mais na arte*.

Ao abordar a questão da oportunidade de ascensão a artista circense (21 anos) revelou que sua turma da Piollin era *destaque na área de circo na Paraíba* e foi a partir deste reconhecimento que ocorreu sua *consolidação profissional*. Ainda acerca da ascensão financeira e profissional, o atleta de taekwondo (16 anos) revelou que ia fazer *preparação na Espanha* e que isso está sendo possível pelo fato de ser campeão mundial e ser reconhecido devido a esse título.

N68: Isso, eu vou para Espanha porque hoje já não me veem como um simples atleta do Brasil me vê como um campeão mundial. Como o primeiro campeão mundial masculino do Brasil. Então eles vão focar mais em mim, e é isso aí. Eles tão me procurando mais pras coisas, tão querendo me levar pra open fora pra eu pegar mais experiência e isso tá me ajudando.
(Atleta de taekwondo, sexo masculino, 16 anos)

No que se refere ao significado da fama para os entrevistados, surgiu a subcategoria reconhecimento. O atleta de taekwondo (16 anos) concebia a fama como *uma realização*, já que desde que ingressou na carreira esportiva almejava ser um atleta reconhecido e se dedicou para alcançar tal propósito. Emergiu na fala do artista circense (20 anos) que *inicialmente queria ser famoso*, que tinha muita expectativa com relação à fama, mas, aos poucos foi sendo reconhecido por seu trabalho e se acostumando a lidar com isso.

Acerca do reconhecimento, o jogador de vôlei (22 anos) revelou que desde o seu ingresso no meio esportivo almejava crescer enquanto atleta, melhorar o rendimento e treinava nesse intuito. No entanto, ele revelou que *não gosta muito do assédio* da mídia e que não quer ser famoso a ponto dos jornalistas ficarem assediando-o. “Eu num gosto de muita coisa assim, vejo essa galera da globo... Num quero ser assim não, graças a Deus o vôlei de praia não é o futebol!”(Jogador de vôlei, sexo masculino, 22 anos)

A atleta de ginástica artística (16 anos) ao abordar a questão do reconhecimento narrou que a fama tem um lado bom, porque *as pessoas começam a reconhecer* o seu trabalho, o seu esforço. Ao abordar a questão do reconhecimento identificam-se na fala da jogadora de vôlei (21 anos) os repertórios *repercussão da vitória* e *ser reconhecida*, ela aponta estas questões como algo gratificante na profissão de jogadora de vôlei.

C30: Conhecer várias pessoas diferentes, lugares diferentes. Me satisfazia muito como pessoa, tá ali, conhecer pessoas, lugares. E ter o prazer de ganhar um jogo, de ver a repercussão que aquela vitória trazia entendeu?! ... Ser reconhecida, é muito bom!
(Jogadora de vôlei, sexo feminino, 21 anos)

Ainda acerca do reconhecimento, emergiram os repertórios *sempre trabalhou para conquistar a fama* e *gosta do assédio das fãs* na fala do cantor (19 anos). Já o artista circense (21 anos), que trabalhou no Le Cirque apresenta como repertório o *reconhecimento é gratificante*. Ele revelou que chegou a fazer espetáculo para quase 2.000 pessoas.

Outro lado da carreira evidenciado pelo cantor (32 anos) e a artista circense (21 anos) foi a questão do relativismo da fama, ou seja, depende de onde e como você vê. Emergiu na fala do cantor o repertório *sucesso é relativo* e que na época da entrevista ele fazia sucesso em nível local. Já a artista circense (21 anos) explicita que *a sociedade ensina que a pessoa tem que ter destaque*. E quando ela iniciou na carreira artística tinha esse anseio por ser a protagonista, por ocupar um lugar de destaque, por ser famosa. Só quando foi amadurecendo que percebeu que a fama é relativa e envolve diferentes aspectos, sendo necessário saber lidar com todos.

G40: Assim a gente criança pensa né, a gente criança a gente acha que tudo a gente tem que ser protagonista, a gente acha que tudo a gente tem que ser. Inclusive quando eu entrei queria ser o número principal mesmo sabe, eu queria ser a menina do tecido, porque isso pra mim naquela época era assim se eu não aparecesse eu não era importante. É isso que a sociedade ensina pra gente né, a gente tem que aparecer, a gente tem que. Então lógico quando eu entrei eu

queria ser, eu queria ser a brilhosa, a mais pomposa de todas! Porém com o tempo isso foi se modificando, assim essa opinião foi amadurecendo, eu fui vendo que isso é um pouco relativo né!
(Artista circense, sexo feminino, 21 anos)

Constata-se a partir da análise dos dados que os entrevistados, tanto os artistas como os atletas, abordam suas carreiras apresentando a trajetória. Evidencia-se que a carreira é concebida como oportunidade de ascensão financeira e profissional. Identifica-se também a relação entre a carreira e a fama, na qual a fama se apresenta com diferentes significados como reconhecimento, prazer e realização.

4.3.4. O trabalho infantil esportivo, o trabalho infantil artístico e a família.

Ao analisar a vivência no trabalho infantil esportivo e artístico faz-se necessário compreender como a família, desses artistas e atletas mirins, vê a questão deles serem trabalhadores infantis. A partir da análise dos mapas de associação identificam-se as subcategorias apoio da família; preocupação dos pais; familiares que são do meio artístico ou esportivo e pais e filhos trabalham juntos.

No que se refere ao apoio da família constata-se que a maioria dos familiares apoia a escolha dos filhos e os incentiva, como pode ser visto nos repertórios: *família sempre apoiou* (atleta de ginástica artística, 16 anos); *minha mãe e meu pai me apoiam* (ator/modelo, 10 anos); *mãe incentivava* (artista circense, 20 anos).

A52: ... Então assim minha família sempre teve muito orgulho disso, eu gostava de ver meus pais felizes. Aí ganhava título era aquela alegria né, todo mundo nossa super feliz, meus irmãos assim...
(Jogadora de vôlei, sexo feminino, 32 anos)

DV42: Minha mãe e meu pai me apoiam, porque é uma coisa que eu quero. Eu jogo futebol, eu trabalho em comerciais, faço um monte de coisas. Meu pai me apoia porque é uma coisa que eu quero!
(Ator/modelo, sexo masculino, 10 anos)

Ainda acerca do apoio da família emerge na fala do artista circense (21 anos) que sua *família nunca foi de apoiar*. Segundo o entrevistado sua família não era contra

sua escolha, mas, também não apoiavam. Já o atleta de taekwondo (16 anos) revelou que *sua mãe nunca gostou dele ser atleta por conta das viagens constantes, porém, seu pai sempre apoiou sua escolha e era bem presente na sua carreira.*

Outros entrevistados revelaram em suas falas a preocupação dos pais com a escolha da profissão e com as possíveis implicações, como prejuízos para escolarização e as lesões. Evidencia-se no repertório *pais ficavam preocupados com a escolha de ser atleta* (Jogador de vôlei, 22 anos). Estes aspectos são evidenciados também nos repertórios *os pais ficam preocupados com as lesões* (atleta de ginástica artística, 16 anos) e *mãe aconselhou não largar os estudos* (cantor, 32 anos).

Um aspecto a ser ressaltado e que aparece na fala de dois dos entrevistados é a questão de ter familiares que são do meio esportivo ou artístico. O atleta de ginástica artística (37 anos) explicita que a vivência no esporte era algo natural na sua família, *pai e mãe eram educadores físicos e as tias professoras de vôlei*. Já o cantor (19 anos) apresenta o repertório *pai e avô são músicos* (cantores). O cantor revelou que a princípio seu pai não queria que ele seguisse na profissão de artista devido às dificuldades.

JL38: Então assim a principio meu pai, é músico, ele num gostava não que eu cantasse, queria que eu realmente estudasse. Mas é uma coisa que é... ele viu que era uma coisa que eu queria, daí apoiou, né. Com um tempo apoiou. E hoje me apoia de verdade, meu pai, minha família, meu avô, musicalmente falando e como pai e como avô também né!
(Cantor, sexo masculino, 19 anos)

No que se refere aos artistas circenses que moram no circo, constata-se que pais e filhos trabalham juntos. A artista circense (9 anos) e o artista circense (13 anos) são irmãos e o *pai é produtor executivo do circo* em que eles trabalham. Em relação a artista circense (14 anos), seus *pais trabalham no circo*, o pai é motorista e a mãe trabalha na área de vendas de produtos alimentícios nos espetáculos.

Os dados revelaram que as famílias dos artistas e atletas entrevistados, em sua maioria, apoiam a escolha profissional. No entanto, alguns entrevistados revelaram a preocupação dos pais no que se refere às implicações do trabalho artístico ou esportivo. Destacam-se também os casos de artistas e atletas que tem pessoas na família que exercem a mesma carreira e dos artistas circenses que trabalham no mesmo ambiente que os pais. No que se refere especificamente aos artistas circenses constata-se que a tradição familiar de trabalhar no circo influencia essas crianças e adolescentes a enveredarem por esta área, já que é o contexto que eles vivenciam, por vezes, desde a mais tenra idade.

4.4. Análise da vivência no trabalho infantil esportivo e artístico

A vivência pode ser compreendida como uma relação interior e pessoal da criança com o contexto em que vive, abrangendo o processo de tomada de consciência (Toassa, 2006). Devido a esse caráter interior e pessoal é que emergem nas falas dos entrevistados diferentes formas de caracterizar a atividade que realizam. Alguns descrevem a rotina de trabalho; explicam a carreira de forma processual e apontam o que fazem.

Constata-se que tanto os atletas quanto os artistas caracterizam as atividades que realizam como trabalho ao abordarem os aspectos da rotina, processo da carreira e a atividade propriamente. Esta forma de caracterizar a atividade corrobora com o que é apontado por autores como Almeida (2011); O. Oliveira (2009); Nunomura et al. (2010) e Soares et al. (2011) que definem o trabalho infantil esportivo e artístico destacando os aspectos levantados pelos entrevistados.

Um aspecto a ser ressaltado é que embora alguns entrevistados exerçam atividade artística semelhante como cantor (dois entrevistados); artistas circenses (seis

entrevistados) e modelo (dois entrevistados), a forma como eles vivenciam a atividade é diferente devido à singularidade das exigências de cada atividade, dos contextos e dos indivíduos nele inseridos. O mesmo ocorre com os atletas entrevistados, jogadores de vôlei (três entrevistados) e atletas de ginástica artística (quatro entrevistados). Destaca-se também que as crianças e adolescentes entrevistados caracterizam a atividade a partir da sua vivência atual, enquanto que os adultos partem da perspectiva de quem vivenciou. Acerca dessa questão Wertsch (1985) aponta que o homem constrói constantemente seu entorno e suas representações acerca do mesmo a partir de sua inserção em distintas formas de atividade.

Além da caracterização da atividade, a forma como os entrevistados apontam a relação entre condição de vida e trabalho, dão significado à carreira e relatam a visão dos seus pais acerca do fato de serem, ou terem sido, trabalhadores infantis e tudo isso perpassa a vivência. De acordo com Vygotski (1933-1934/2006) não há como precisar o que é aspecto singular da pessoa e o que é influência do meio, já que a vivência embora seja pessoal, é sempre a vivência de outro ou de alguma coisa.

No que se refere à condição de vida, Alcântara (2006) aborda em seu estudo a história de alguns jogadores de futebol bem sucedidos e outros que tiveram seus sonhos destruídos por “falsos agentes” que prometiam carreira internacional. Constata-se que, embora o futebol, seja um esporte que possibilita uma ascensão financeira rápida e o reconhecimento da mídia, são poucos os que conseguem conquistar tal ideal e por vezes precisam abrir mão do convívio familiar e da escola para se dedicarem aos treinos. A partir deste estudo, verifica-se que em busca de bens materiais – condição financeira melhor – os jovens atletas abrem mão de outros bens, como o convívio familiar e a

escolarização. Apesar deste estudo se referir ao futebol, essa questão também é observada em outras modalidades esportivas e em áreas artísticas.

É importante ressaltar que vários dos entrevistados afirmam que recebem financeiramente. Dois deles, a artista circense (21 anos) e o jogador de futebol (19 anos) explicitam que a partir do trabalho infantil esportivo e artístico eles conseguiram ajudar seus pais. Outros usam em benefício próprio para terem acesso aos bens materiais como roupas e brinquedos.

Já a miss/modelo (13 anos) e a artista circense (14 anos) revelaram que o dinheiro que recebem vai para a poupança. O dado da pesquisa mostra que está em consonância com as leis existentes, quer nas experiências de outros países (Lei Coogan nos EUA), quer no projeto de Lei em discussão no Congresso. O Projeto de Lei n. 6.937/2010 destaca a necessidade de resguardar os direitos fundamentais das crianças e adolescentes abordando de forma pormenorizada alguns critérios que devem ser atendidos para a participação das mesmas em atividades artísticas e desportivas. Dentre estes critérios, ressalta-se que parte do dinheiro recebido seja depositado em poupança.

Em relação à carreira dos entrevistados, constata-se – a partir das trajetórias narradas, que os atletas iniciam no meio esportivo praticando o esporte por lazer e que aos poucos vai ocorrendo à profissionalização. Este aspecto pode influenciar na diferenciação do esporte voltado para a educação, o esporte enquanto lazer e o esporte de alto rendimento (SECOM, n.d.).

Já os artistas entrevistados ao relatarem suas trajetórias referem-se aos seus primeiros trabalhos, como a carreira aconteceu e como eles foram sendo reconhecidos pelo trabalho. Acerca desse reconhecimento, Bezerra (2008) destaca que a criança e o adolescente passam a ocupar um lugar social diferenciado, eles saem da condição

anônima e passam a ser celebridades mediante a exposição e exploração da sua imagem. Lima (2012) aponta no que se refere à exposição na mídia, que crianças e adolescentes são utilizadas em larga escala na área da propaganda para conquistar novos consumidores. Isso pode significar em um aumento do trabalho infantil artístico e a entrada na carreira cada vez mais precocemente.

Ainda acerca da carreira, emerge na fala dos entrevistados que o fato de ser artista ou atleta possibilita ascensão financeira e reconhecimento profissional. Alguns atletas ressaltam o fato de receberem ajuda de custo desde o início da carreira e outros abordam a questão dos títulos conquistados. Este dado encontra-se em consonância com a definição de trabalho precoce de Alberto (2004), já que a referida autora destaca que o pagamento dado às crianças e adolescentes pode ser em espécie ou gênero.

A partir do que é evidenciado na fala dos entrevistados e na literatura existente constata-se que o trabalho infantil artístico e o trabalho infantil esportivo são vistos com deslumbramento pela sociedade e para muitas crianças e adolescentes é tido como uma oportunidade de ascensão financeira e fama. Soares et al. (2011) aponta que o mercado do futebol tem como sustentáculo um novo tipo de agência de formação profissional que recruta jovens adolescentes, em geral, pertencentes às camadas populares e médias. Esses jovens acabam investindo muito tempo de suas vidas vislumbrando essa carreira, que apresenta poucos postos de trabalho e que são valorizados economicamente.

Na presente dissertação, constata-se que alguns dos entrevistados perpetuam essa visão do esporte e do meio artístico como profissões que possibilitam ascensão financeira e fama. No entanto, no decorrer da entrevista eles relatam às dificuldades enfrentadas; a brevidade da carreira esportiva; a falta de investimento no esporte e os altos e baixos da carreira artística que os leva a buscarem outras profissões.

Ao abordar o fato do trabalho infantil esportivo e artístico envolver a questão da fama e da ascensão financeira faz-se necessário identificar o significado que estes atletas e artistas mirins atribuem à fama, a partir da vivência nesse ambiente. Como são crianças e adolescentes em processo de desenvolvimento seus significados foram se modificando, o que já era esperado, pois, J. Barros et al. (2009) apontam que o significado modifica-se no processo de desenvolvimento da criança e nas variadas formas de funcionamento do pensamento. Por isso, os participantes relataram ressignificações acerca da fama, ou seja, no início da carreira a fama tinha um significado e depois passou a ter outro.

Os entrevistados explicitam como significado para a fama o reconhecimento, a realização, o ser bem sucedido, o assédio, entre outros. É importante ressaltar que embora o significado seja uma formação dinâmica, ele é uma das zonas de sentido, que a palavra adquire dentro de determinados discursos, sendo mais estável e uniforme (J. Barros et al., 2009). Esse caráter estável e uniforme pode ser observado na fala dos entrevistados, pois, vários atletas e artistas remetem-se ao reconhecimento ao abordarem a questão da fama.

Outro aspecto identificado na fala dos entrevistados decorrente do fato de viver em um ambiente que envolve fama e ascensão financeira é a necessidade de lidar com cautela com a fama, ponderando que ela é relativa. Alguns entrevistados relatam que procuram lidar de forma natural com a fama, sem se deslumbrar, considerando que ela tem aspectos positivos e negativos. Corroborando com Cavalcante (2011) ao destacar que muitas crianças e adolescentes se deparam com a fama em uma idade precoce, mas, como o mundo do espetáculo é repleto de altos e baixos e de recusas, estes necessitam de uma adaptação equilibrada para lidar com essas situações, o que nem sempre

acontece. Os entrevistados consideram também que a forma como se compreende e vivência a fama vai depender de diversos aspectos, como a questão de ser em nível local, regional, nacional ou internacional.

Um ponto de interesse no presente estudo é que perpassa pela vivência no trabalho infantil esportivo e artístico refere-se a como os pais encaram o fato de seus filhos serem trabalhadores infantis. Diante do exposto nas entrevistas constata-se que a maioria dos pais apoia a carreira dos filhos, alguns incentivam e outros chegam a participar de forma ativa da carreira dos mesmos. A miss/modelo (13 anos) e o atleta de taekwondo (16 anos) revelaram essa participação mais ativa dos pais. O pai da miss/modelo era o empresário da filha e o pai do atleta de taekwondo acompanhava-o nos treinamentos, nas entrevistas e em outros compromissos profissionais sempre que possível.

Em relação a esse apoio que os pais dão aos filhos que são artistas ou atletas mirins, Bahia et al. (2008) aponta que pelo fato dos filhos viverem em um meio de exigências devido a carreira, muitas vezes, os pais são permissivos em outros contextos, o que é bastante prejudicial já que na infância devem ser estabelecidos os limites do que é certo ou errado e o respeito às regras.

Destaca-se também, a partir das entrevistas, que o ex-atleta de ginástica artística (37 anos) e o cantor (19 anos) tem em seus familiares exemplos de atletas e artistas, o que pode ter influenciado, direta ou indiretamente, na escolha profissional. Já que de acordo com Vygotski (1983/2000), o desenvolvimento é algo não linear que se processa numa dimensão social e o sujeito se constitui a partir do meio e da cultura.

Alguns entrevistados relataram que apesar do apoio, os pais se preocupavam com a escolha dos filhos. Almeida (2011) sugere que os pais devem estar atentos aos

sinais das crianças e adolescentes para perceber se a atividade que está sendo exercida é prazerosa e divertida, devendo ser interrompida, caso a criança ou adolescente esteja insatisfeito com a mesma. Deve sempre prevalecer o bem-estar e o desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes.

4.5. Implicações do trabalho infantil esportivo e artístico: um olhar a partir da vivência

Um dos objetivos da presente dissertação refere-se às implicações do trabalho infantil esportivo e artístico. Pelo fato de ser um tema cercado de impasses e discussões, para abordar as implicações nesta dissertação, parte-se do que é revelado nas entrevistas de quem vivencia, no caso das crianças/adolescentes, e de quem já vivenciara, no caso dos adultos, estas atividades laborais. Outro aspecto a ser ressaltado é que nesse estudo as implicações foram divididas em três categorias gerais a partir da construção dos mapas de associação de ideias, a saber: implicações para escolarização, mudanças na vida no âmbito social e mudanças na vida no âmbito físico/emocional. Dessas categorias gerais surgem subcategorias, nas quais são identificados os repertórios.

4.5.1. Implicações para a escolarização.

No que concerne às implicações do trabalho infantil esportivo ou artístico para a escolarização constata-se a partir da análise dos mapas de associação de ideias que dos 19 entrevistados, cinco trouxeram como repertório *dá pra conciliar estudo e carreira sem nenhuma dificuldade*. Desses cinco, dois são crianças/adolescentes e três são adultos. Uma das falas que exemplifica esse olhar pode ser visto a seguir.

N56: Pelo menos eu, assim todo mundo que treina aqui com a gente, dá muito bem pra ir pra escola, a gente não fica em recuperação. Dá muito bem pra conciliar o esporte e a escola, sem atrapalhar nenhum dos dois!
(Atleta de ginástica artística, sexo masculino, 14 anos)

Os outros 14 participantes da pesquisa revelaram em suas falas diversas implicações do trabalho infantil esportivo ou artístico para a escolarização. Estas implicações para a escolarização foram divididas nas subcategorias: viagens e as faltas na escola por conta de compromissos profissionais; ritmo de treinos e ensaios e necessidade de mudar de escola. Estes aspectos dificultam que os artistas e atletas consigam conciliar o estudo e a profissão.

Ao abordar as faltas devido aos compromissos profissionais tanto os atletas quanto os artistas entrevistados apontam esta questão como uma dificuldade. Diante destas faltas, eles são obrigados a buscar alternativas para recuperar os conteúdos, os trabalhos escolares e as provas que perderam durante sua ausência. Emerge na fala do atleta de taekwondo (16 anos) os repertórios *mantém contato com os professores por email; faz os trabalhos da escola onde estiver e procura a melhor forma de recuperar as notas, as provas*. Já na fala da miss/modelo (13 anos) emerge o repertório *frequenta duas escolas no ano letivo devido a compromissos profissionais*.

V19: Eeeeeee... na praia comecei a jogar o sub 21, viajava muito. E o rendimento no colégio foi cada vez mais piorando, porque eu perdia muita aula, muita prova e não tinha como, tinha época que eu tinha que fazer 12 provas num dia só. Era um absurdo o colégio nunca apoiou.

(Jogador de vôlei, sexo masculino, 22 anos)

L55: Eu era dispensado, eu era dispensado! Tanto é que teve anos da minha trajetória que eu já cheguei a viajar por ano, 20 vezes. Aí por uma dessas viagens, por várias viagens no ano, um professor resolveu me reprovar. Aí eu entrei com recurso, tudinho, realmente eu fui reprovado, mas fui aceito por outra escola, porque eu era bolsista!

(Atleta de ginástica artística, sexo masculino, 37 anos)

No que se refere ao ritmo de treinos, o jogador de futebol apresenta como repertórios *desistiu de estudar para se dedicar exclusivamente ao futebol e clubes brasileiros não são rigorosos*, mesmo que seja uma condição estar estudando para ser de um time de base, na prática essa condicionalidade não é exigida e nem fiscalizada.

RA14: É porque atleta mistura colégio fica preguiçoso, né! E eu também sou um desses que larguei os estudos pra jogar bola. Aí deixei os estudos meio de lado, não me esforcei tanto e fui bolsista de colégio, deixando pra lá, só me dedicando ao futebol. E assim vai! Chegou um momento que eu tive que escolher ou o futebol ou a escola. E eu resolvi da sequencia ao futebol!
(Jogador de futebol, sexo masculino, 19 anos)

Ainda acerca do ritmo de treinos, alguns dos entrevistados destacaram a dificuldade em conciliar o tempo de estudar e de treinar/ensaiar. Esta questão é evidenciada nos repertórios *passou a estudar a noite para ensaiar durante o dia* (Artista circense, 21 anos) e *vida dividida entre ginástica e escola* (atleta de ginástica artística, 16 anos).

Um aspecto verificado nas entrevistas e que é singular aos artistas circenses que fazem turnê, é a necessidade de mudar de escola conforme o circo muda de cidade. Segundo os entrevistados, a maior dificuldade de frequentar diversas escolas é a questão de acompanhar o *conteúdo programático que se modifica muito de escola para escola*.

Esta questão pode ser evidenciada na fala da artista circense, na qual ela revelou que “é meio complicado porque geralmente a gente chega numa escola e estão aprendendo um conteúdo diferente. Aí eles [a produção do circo] sempre procuram uma escola que tem um sistema de ensino igual ao da anterior” (Artista circense, sexo feminino, 14 anos).

Identifica-se que o trabalho infantil esportivo e artístico acarreta em implicações para a escolarização de crianças e adolescentes, já que a maioria dos entrevistados aponta algum tipo de dificuldade em conciliar o estudo e a carreira. Dentre estas dificuldades; destaca-se a questão das faltas constantes devido a treinos/ensaios ou viagens; o ritmo de treinos/ensaios que ocasiona em cansaço ao realizar outras atividades e, no caso dos artistas circenses, o fato de mudar de escola várias vezes no ano letivo.

4.5.2. Mudanças na vida no âmbito social.

Nesta dissertação, entende-se por mudanças na vida no âmbito social transformações na vida de crianças/adolescentes advindas do trabalho infantil esportivo ou artístico, referentes ao convívio familiar e social; cidadania; amadurecimento e independência precoce e questões relacionadas à fama e ao reconhecimento. Ao analisar essa categoria surgem como subcategorias exposição da vida; amizades em decorrência da fama; afastamento do convívio social e familiar; adultização precoce; e afasta das drogas.

Alguns entrevistados destacam como mudança no âmbito social a exposição da vida decorrente do fato de exercerem profissões de destaque. Ao abordar essa implicação, emerge o repertório *falta de privacidade* (Jogadora de vôlei, 32 anos). Outro aspecto importante, que foi evidenciado pelo cantor (32 anos), foi a necessidade de saber lidar com essa exposição. Emerge em sua fala o repertório *saber separar entre o lado profissional e o lado pessoal*.

RS20: ...Eu creio que tenha sido por essa questão, por ter o pé no chão, lidar com tudo com muita naturalidade. De tentar entender que aqueles gritos, aqueles aplausos são para o artista RS e não para o homem RS como pessoa. É para o cara que tá no cd, que tá na televisão, que tá no rádio, é para ele como artista. Então sempre tentei e acho que estou conseguindo, dividir as coisas, para não deixar isso atrapalhar a minha vida.
(Cantor, sexo masculino, 32 anos)

Destacam-se também as amizades em decorrência da fama. Este aspecto é apresentado nos repertórios *possibilita fazer amizades* (jogadora de vôlei, 32 anos); *pessoas se aproximam por interesse* (artista circense, 21 anos) e *trouxe mais amigos, trouxe um monte de coisas* (ator/modelo, 10 anos).

Uma implicação ressaltada por alguns dos entrevistados é a questão do afastamento do convívio social e familiar. Acerca dessa questão emergem os repertórios

amigos se chateiam (atleta de ginástica artística, 16 anos); *ver os amigos saindo e ter que treinar* (atleta de taekwondo, 16 anos); *a saudade da família dói* (jogador de futebol, 19 anos)

RA40: Olhe pra mim foi tranquilo sabe, o que doía mais era só a saudade da família. Ver a mãe chorando, o pai, mas com o tempo a pessoa vai se acostumando. Hoje isso já não vem ao caso, tenho minha namorada, que vai comigo agora. É uma coisa que morar fora já não abala muito. Mas quando eu era menor abalava um pouco, mas eu sempre soube me virar longe da família.
(Jogador de futebol, sexo masculino, 19 anos)

Outra subcategoria é a adultização precoce. Os repertórios mais recorrentes na fala dos entrevistados referem-se ao fato do artista ou atleta *amadurecer mais rápido, ter mais responsabilidade e tornar-se independente mais cedo*.

C14: Mudou muito, eu antes assim não tinha muita percepção pensava em outras coisas. Num fazia ideia assim do esporte, né. Depois que eu comecei a jogar eu fiquei muito mais independente, amadureci, o amadurecimento foi bem mais rápido. Comecei a me desprender mais dos meus pais, resolver minhas coisas sozinha.
(Jogadora de vôlei, sexo feminino, 21 anos)

Diante destas questões, emergiu como repertório no discurso de alguns entrevistados a *perda da infância*. Como pode ser visto na fala do ex-atleta de ginástica artística: “É como eu disse, eu não tinha infância (risos)! Era só ginástica, a minha vida todinha foi dentro de um ginásio de ginástica e no domingo eu ia à praia, era o meu cotidiano!” (Atleta de ginástica artística, sexo masculino, 37 anos). Constata-se que essa percepção da perda da infância é comum na fala dos adultos, nenhuma das crianças/adolescentes posicionam-se dessa maneira frente ao trabalho infantil esportivo ou artístico.

V21: Mas eu nunca tive infância, tive que abrir mão mesmo assim, até sem querer mesmo. Mas num sinto falta não. Até quando o pessoal tava em festa se divertindo eu tava treinando. Quando meu pai e minha mãe iam viajar final de semana, algum feriado eu ficava treinando.
(Jogador de vôlei, sexo masculino, 22 anos)

Enquanto implicação positiva evidencia-se a subcategoria afasta das drogas. Emerge como repertórios, *taekwondo ajudou a não se aproximar das drogas* (atleta de taekwondo, 16 anos); *arte afastou das drogas* (artista circense, 20 anos); *desviou do mau caminho, das drogas* (artista circense, 21 anos). Os entrevistados que destacaram esta implicação positiva em suas falas relatam que por viverem em bairros onde essa questão do tráfico de drogas é evidente, o esporte, a arte, proporcionou que eles se mantivessem longe dessas coisas.

N76: Eu acho que eu seria outra pessoa assim, não seria o Netinho, o Netinho de hoje se não fosse o taekwondo. Se eu não praticasse taekwondo eu seria muito diferente, eu podia tá... o meu bairro aí muito perigoso, muita coisa. Eu acho que o taekwondo me ajudou a sair dessas coisas assim, que muitos amigos meus entraram aí, como as drogas e tal. Acho que o taekwondo me ajudou a não ver essa parte, não ver o meu bairro como é, não ver essas coisas. Acho que mudou muito minha vida.

(Atleta de taekwondo, sexo masculino, 16 anos)

Os dados mostram que tanto os artistas como atletas destacam a questão da exposição em decorrência da carreira. Constata-se também como implicações as amizades em decorrência da fama e o afastamento do convívio familiar e social. Outro importante aspecto revelado é a adultização precoce e a perda da infância, questão destacada pelos adultos ao refletirem acerca de suas vivências.

4.5.3. Mudanças na vida no âmbito físico/emocional.

As mudanças na vida no âmbito físico/emocional referem-se às implicações físicas ou emocionais advindas do trabalho infantil artístico ou esportivo. Ao analisar os mapas surge como subcategorias rotina cansativa; lesões; pressão dos pais; alojamentos inadequados a condição de desenvolvimento; influência na formação do autoconceito.

A maioria dos entrevistados aponta a questão da rotina cansativa, que influencia em outros âmbitos das suas vidas. Este aspecto é evidenciado nos repertórios *ficava com muito sono* (Atleta de ginástica artística, sexo masculino, 37 anos); “*Overtraining*”

(Jogador de vôlei, sexo masculino, 22 anos); *não tem muito tempo pra dormir por viver na noite* (cantor, 32 anos).

V19: ... E logo no começo eu treinava vôlei de quadra e de praia, era mais absurdo ainda, tive “Overtraining”, não conseguia estudar, não conseguia assimilar nada. E não tava treinando bem nenhum, nem o outro, porque eu fiquei com sobrecarga, fiquei sobrecarregado. E aí eu tive que decidir ir pra praia.
(Jogador de vôlei, sexo masculino, 22 anos)

Uma implicação recorrente na fala dos atletas e artistas circenses entrevistados foi a questão das lesões. Emergiu os repertórios *muito machucado* (atleta de ginástica artística, 14 anos); *muitas lesões* (atleta de ginástica artística, 37 anos); *quebrava a mão, machucava a coluna* (artista circense, 20 anos).

L63: Sendo bem franco, as lesões! Hoje eu tenho problema de tornozelo, no joelho, no quadril, no ombro, na minha coluna, que eu tenho princípio de hérnia de disco. Então isso é processo negativo que eu acho, são muitas lesões e isso machuca!
(Atleta de ginástica artística, sexo masculino, 37 anos)

Outra questão é a pressão dos pais. Emergiu na fala da miss/modelo o repertório *mães forçam suas filhas a trabalharem no meio artístico* mesmo contra sua vontade. Segundo a entrevistada, essas mães faziam isso no intuito de receber dinheiro ou premiação em outra espécie, como nos concursos de miss.

G70: Claro, por exemplo, o Miss Brasil quando eu fui, é só o que tem! As meninas vão sendo forçada e nem há o termo de dinheiro no meio, só premiação pessoal, entendeu?! Não há o termo de dinheiro, porque é proibido. Porque justamente isso os pais, os familiares forçam essas meninas a fazerem o que não querem pra apenas se beneficiar e não vê a saúde da filha!
(Miss/modelo, sexo feminino, 13 anos)

Outro aspecto singular revelado nas entrevistas refere-se aos alojamentos inadequados à condição de desenvolvimento. Na modalidade do futebol comumente os atletas moram em alojamentos para realizarem sua formação profissional. E o jogador de futebol que participou desta pesquisa ao abordar sua vivência nesses alojamentos revelou como repertório que é *precária a estrutura de alguns alojamentos no Brasil*.

RA38: Alojamento e por incrível que pareça é um dos melhores do Brasil em termos de estudo, já que a gente tá falando em estudo. É o único clube do Brasil que tem escola dentro do clube mesmo. Agora também tem as condições que não são, tinha rato em alojamento, muita coisa. Tem clube aqui no nordeste que tem moleque que passa fome. É, tem canto que é difícil jogar bola aqui! (Jogador de futebol, sexo masculino, 19 anos)

Destaca-se também a influência na formação do autoconceito de crianças e adolescentes. Alguns entrevistados revelaram em suas falas que por viverem em mundo de fascínio, de conquistas, fama, todas essas questões *mexem com o ego da pessoa* (cantor, 32 anos). Emergiu também o repertório *o circo tem uma imagem forte por fazer parte da vida* (artista circense, 9 anos).

RS16: O meio musical é um meio muito curioso que tem um lado muito bom, mexe com o ego, você faz o que ama, você está nos palcos, o povo tá cantando, gritando, aparece os fãs, etc... E tem um lado muito complicado que tem que ter cuidado pelo fato de mexer com isso tudo, inclusive com o ego, tem que lembrar sempre que é um trabalho profissional e não uma coisa mais abstrata. E enfim tem que encarar com mais seriedade. (Cantor, sexo masculino, 32 anos)

ME62: É... se caso, porque eu acho que eu nunca vou sair do circo, se caso eu sair do circo ela vai causar uma imagem bem forte dentro de mim, porque ela que ficou me acompanhando desde quando eu era pequena. (Artista circense, sexo feminino, 9 anos)

Os dados revelaram que o trabalho infantil esportivo e artístico traz implicações físicas e emocionais tanto para os artistas quanto para os atletas. No que se refere às implicações físicas, destaca-se o cansaço em decorrência do ritmo de treinos/ensaios e a questão das lesões. Ressalta-se que as lesões são apontadas pelos atletas e artistas circenses, por ser uma atividade que exige muito do corpo. Em relação às implicações emocionais destaca-se a pressão dos pais para que os filhos sigam uma carreira que eles não querem e a formação do autoconceito com base na vivência na carreira, desconsiderando aspectos subjetivos do sujeito.

4.6. Análise das implicações do trabalho infantil esportivo e artístico

Pesquisas como as de Alberto e Santos, 2011; Alberto et al., 2006; Kassouf, 2007, Lins, 2004; Moura, 1996; Pereira et al., 2007, constataam que o ingresso precoce da criança e do adolescente no trabalho acarreta em diversos prejuízos. No entanto, ao abordar especificamente o trabalho infantil esportivo e artístico a literatura ainda é escassa tanto no que se refere à concepção dessas formas de trabalho quanto com relação às implicações das mesmas.

Na presente dissertação, os entrevistados apontam várias implicações do trabalho infantil esportivo e artístico referentes à escolarização; mudanças na vida no âmbito social e mudanças na vida no âmbito físico/emocional.

Em relação à escolarização cinco entrevistados afirmam conseguir conciliar estudo e carreira sem dificuldade. Diante deste dado, é importante explicitar que em estudos realizados por Bahia et al. (2008) e Cavalcante (2012) a maioria das crianças e adolescentes também considerou como positivo seu desempenho escolar. Mas, Cavalcante (2012) destaca que embora os artistas não apontem prejuízos para a escolarização a priori, em outros momentos eles revelaram que faltam bastante na escola, devido a compromissos profissionais, tendo que fazer atividades extras.

A questão das faltas devido aos compromissos profissionais e à necessidade de fazer atividades extras foram reveladas na fala tanto dos artistas quanto dos atletas que participaram do presente estudo. Acerca dessa questão, Alberto e Santos (2011) apontam que a interação e a instrução formal que a escola oferece são aspectos essenciais da educação para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. A interação na escola possibilita que os pares e os professores sejam mediadores contribuindo no processo de aprendizagem, além de propiciar a convivência com outras crianças. Sendo

assim, é de fundamental importância que as crianças e adolescentes frequentem a escola regularmente.

Outro aspecto apontado pelos entrevistados é que a escola, por vezes, é compreensiva com o motivo das faltas e dão um apoio em decorrência da carreira artística ou esportiva. A pesquisa de Cavalcante (2012) corrobora com o que foi encontrado nesta dissertação. A referida autora destaca que devido ao fascínio que cerca o trabalho artístico, a escola acaba sendo conivente com as faltas dos artistas mirins, o que pode ocasionar em grande prejuízo para aprendizagem e para o convívio social, que são proporcionados ao se frequentar a escola regularmente.

Ainda acerca das implicações para escolarização Soares et al. (2012); Almeida (2011) e O. Oliveira (2009) apontam que o trabalho infantil esportivo e artístico exigem muito das crianças e adolescentes que ficam cansados para realizar outras atividades do seu cotidiano, como assistir aula. Esta questão do cansaço em decorrência do ritmo de treinos ou ensaios é trazida por vários entrevistados, de diferentes modalidades, como artista circense, jogador de vôlei e atleta de ginástica artística.

Um dos entrevistados revelou que desistiu de estudar para se dedicar exclusivamente ao esporte. Esta desistência pode decorrer do ritmo de treinos e da falta de fiscalização dos times de base. Constata-se assim um desacordo entre o que esta posto na Lei Pelé (Lei nº 12.395/11) e o que acontece na prática. Já que, conforme aponta Melo Filho (2011), a Lei Pelé assegura que os clubes formadores de atleta devem garantir, entre outras questões, a frequência escolar. Explicita-se que nesse caso há uma violação de direitos, já que o direito à educação não foi assegurado como prioridade para esse jovem atleta. Diante do que foi exposto, emergiu um

questionamento, será que futuramente a escolaridade não vai fazer falta? E quando ele não puder mais jogar futebol, o que vai fazer se não terminou nem o ensino médio?

Destaca-se também a questão dos artistas circenses, que se encontra em situação de itinerância. Eles revelaram a dificuldade em acompanhar o conteúdo programático nas diferentes escolas que percorrem no decorrer do ano letivo, o que entra em desacordo com a Resolução nº 3 (2012) que assegura que as escolas devem desenvolver estratégias pedagógicas que atendam às necessidades de aprendizagem dessas crianças e adolescentes.

No que se refere às mudanças na vida no âmbito social destaca-se a formação de amizades baseadas na fama ou o afastamento do convívio social devido ao grande número de compromissos que estes jovens artistas têm cotidianamente, Cavalcante (2012) concebe esta implicação como “relações deficitárias”. Os participantes desta dissertação revelaram em suas falas o fato de terem deixado de participar de festas e encontros familiares, de terem que morar longe da família e dos amigos, falta de tempo de sair com os amigos e a questão das pessoas que se aproximam devido à fama. Esse dado é preocupante tendo em vista que, segundo Bahia et al. (2008), o afastamento social pode levar as crianças/adolescentes a vivenciarem sentimentos de solidão, isolamento e indiferença que podem prejudicar o desenvolvimento socioemocional.

Outros entrevistados apontam como implicação do trabalho infantil esportivo e artístico a adultização precoce e a perda da infância. Esta adultização precoce advém tanto do fato desses jovens artistas e atletas terem uma rotina intensa sem tempo para atividades simples, como o brincar quanto pelo fato deles se tornarem independentes e responsáveis ainda muito novos. Esta questão é corroborada com o que Cavalcante (2012) encontrou em seu estudo. De acordo com Cavalcante, em determinadas

atividades artísticas é exigida uma atitude profissional no período da gravação, na qual cobra-se que as crianças não se comportem de forma infantil.

Destaca-se que na presente dissertação a questão da adultização precoce e da perda da infância é revelada unicamente nos discursos dos adultos. Constata-se assim a diferença na construção do sentido de trabalho infantil esportivo e artístico de crianças/adolescentes e adultos. Acerca da construção de sentidos, Freitas (2002) destaca que os sentidos são criados na interlocução e vão se modificar a partir da situação vivenciada refletindo a realidade do momento histórico e social. Daí a diferença de como se concebe a atividade artística e esportiva e suas implicações.

Identifica-se nesta pesquisa também a questão da fama e dos aspectos que incidem da fama como a exposição e a falta de privacidade. Esta questão é tratada por alguns estudiosos como Cavalcante (2012), a mesma destaca que as crianças e adolescentes precisam estar preparados para lidar com as recusas ou até mesmo com o assédio em decorrência da fama.

Uma das mudanças na vida no âmbito físico recorrente nas falas dos atletas e dos artistas circenses é a questão das lesões. De acordo com Nunomura et al. (2010) a inserção cada vez mais cedo no esporte de alto rendimento acarreta em implicações graves, levando os atletas a encerrarem a carreira precocemente. Como é o caso do ex-atleta de ginástica artística de 37 anos, o mesmo iniciou a carreira aos seis anos e teve que parar aos 22 anos devido a uma lesão.

Outro aspecto a ser ressaltado é que as lesões vão variar de acordo com cada esporte praticado. Por exemplo, são comuns as lesões no ombro e no joelho na prática do vôlei (Mendonça et al., 2010); (Bittencourt et al., 2005); desregulações no sistema reprodutor de atletas da ginástica olímpica (Meira & Nunomura, 2010); e a fadiga

muscular que atinge atleta de distintas modalidades (Baroni et al. 2011). O atleta de taekwondo entrevistado revelou que na sua modalidade são frequentes as lesões nas pernas, porém, ele já fraturou o braço. Em relação aos artistas circenses (acrobatas, contorcionistas e tecidistas) por trabalharem com o corpo de forma semelhante aos atletas, também enfrentam lesões.

No que se refere às mudanças na vida no âmbito emocional, Coimbra et al. (2013) e Vieira et al. (2010) apontam que o esporte de alto rendimento exige que os atletas lidem constantemente com o estresse de competir. No caso de crianças e adolescentes, essa questão é agravada, pois, são sujeitos em pleno desenvolvimento, construindo seu autoconceito, influenciados pelo meio em que vivem. Esta questão é evidenciada na fala dos artistas, ao revelarem que por viverem em um mundo de fascínio, de fama isso reflete no ego da pessoa e passa a constituir o sujeito.

Isso é evidenciado na fala da artista circense de nove anos, quando ela relata o impacto que a carreira tem na sua vida, tendo inclusive dificuldade em pensar quem seria sem o circo. Faz-se necessário destacar que as crianças e adolescentes podem construir sua imagem, como aponta Bahia et al. (2008), a partir da participação em atividades artísticas, sem tomar consciência das suas características subjetivas que o torna um ser único e que vai além da sua atividade, do seu talento. Esta visão limitada de si tanto pode ocorrer com artistas quanto com atletas e pode acarretar em diversos prejuízos para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Um aspecto levantado por Bahia et al. (2008), é que as atividades artísticas de crianças e adolescentes resultam em grande parte de um desejo dos adultos. Esta questão aparece na fala da modelo/miss de 13 anos, a mesma afirma que nos concursos de miss é comum ver meninas que estão participando contra suas vontades. Almeida

(2011) destaca que a atividade artística pode ser um querer da crianças/adolescente ou decorrente do interesse dos pais que almejam manter seus filhos artistas nos meios de comunicação. Almeida explicita que essa questão deve ser avaliada com bastante cautela, já que os pais tem que dá suporte emocional aos artistas mirins e não enxergá-los como forma de ascensão financeira e fama.

Ainda acerca dessa questão, Camargo (2010) aponta que os direitos fundamentais das crianças e adolescentes devem prevalecer sobre o interesse econômico ou midiático, tanto dos próprios familiares quanto dos contratantes. Sendo assim, independente da atividade realizada, seja no meio artístico ou esportivo, o importante é ponderar a condição de desenvolvimento das crianças e adolescentes. Suas singularidades devem ser respeitadas para possibilitar um desenvolvimento biopsicossocial pleno.

4.7. O projeto de vida: anseios, idealizações e realizações

Outro ponto de interesse na presente dissertação refere-se ao projeto de vida das crianças/adolescentes que estão inseridos no trabalho infantil esportivo e artístico e os projetos de vida que os adultos tinham quando vivenciaram essas formas de trabalho infantil. Este interesse surgiu devido ao fato do projeto de vida ser influenciado, assim como o sentido, pela vivência. Além de analisar os projetos de vida pretende-se estabelecer uma relação entre o projeto de vida que os adultos tinham quando trabalhadores infantis com o que eles estão vivenciando e com os projetos de vida que eles tinham no momento da entrevista.

4.7.1. Projeto de vida de crianças e adolescentes.

Constata-se a partir da fala da atleta de ginástica artística (16 anos) que ela se posiciona de forma diferente acerca do seu futuro devido à vivência no esporte. Ela

revelou que inicialmente *pensava que ia fazer ginástica pelo resto da vida*, mas, ao se deparar com as dificuldades *mudou os planos*. Emerge o repertório *interesse pela área do direito*. O projeto de vida do atleta de ginástica artística (14 anos) é semelhante. Ele revelou que iria *continuar até quando for possível na ginástica* e só depois pretendia partir para outra carreira.

V24: Olha ginástica pra mim no início era como se fosse o que eu ia fazer pro resto da minha vida. Com as dificuldades e tudo mais é... apesar de eu não ter desistido, mas eu mudei os planos! De que isso não seria uma carreira de grande futuro porque aqui no Brasil ninguém dá muito importância pra essa questão do esporte, tudo mais, né! Todo mundo sabe que o esporte aqui no Brasil é desvalorizado. Então eu decidi mudar e comecei a procurar saber mais, tipo que área do direito quer trabalhar e tudo mais. Então estou mais voltada pra esse caminho sabe, do direito. E ginástica é mais, é uma coisa que eu gosto muito de fazer e não consigo viver sem, então vou treinando até onde der! (Atleta de ginástica artística, sexo feminino, 16 anos).

Já na fala do outro atleta de ginástica artística (14 anos) constata-se certa incongruência ao abordar o projeto de vida como pode ser observado nos repertórios *não tem aquele dom pra ser campeão; vai estudar muito pra se formar; futuro pode mudar*. Constata-se que o participante se posiciona frente ao futuro de forma insegura, tendo dificuldade em expressar o seu projeto de vida, condicionando o mesmo ao seu esforço pessoal. “Assim né, no futuro não! Mas, depende né, se eu conseguir melhorar minhas habilidades na ginástica, vai ver que o futuro possa mudar” (Atleta de ginástica artística, sexo masculino, 14 anos).

Emergiu na fala do ator/modelo (10 anos), no que se refere ao projeto de vida, o desejo em querer *ser ou jogador de futebol ou ator*. Já o atleta de taekwondo (16 anos) revelou que *pensa em seguir a carreira*. No entanto, ele ressalta a importância de uma formação de nível superior e afirma que *quer viver a vida pelo estudo*, pretende fazer faculdade de educação física. Ele justifica tal escolha tanto por considerar a importância dos estudos quanto por ponderar que *a vida de atleta não é muito longa*.

N46: É eu me vejo acho que no taekwondo mesmo, mas eu quero estudar, me formar em educação física. E viver minha vida se for pelo estudo mesmo, porque em primeiro lugar o estudo! Aliás até porque o esporte não é pra vida toda, eu acho que o atleta com 30 anos ele já deve encerrar a carreira, porque num é muito longa não a vida de atleta.

(Atleta de taekwondo, sexo masculino, 16 anos)

A partir da análise dos mapas de associação constata-se uma incongruência na fala da miss/modelo (13 anos), já que ela trouxe como repertórios *quer viver no mundo artístico* e *quer fazer faculdade de direito*. Ao ser questionada se o curso de direito não se afastaria do meio artístico, a entrevistada ressaltou que não exerceria a profissão totalmente, buscaria um meio termo. Já a artista circense (14 anos) revelou que *pretendia fazer faculdade*, tinha o interesse em cursar direito. No entanto, ela revelou que tinha *o desejo de continuar no circo*.

Em relação ao projeto de vida, o artista circense (13 anos) revelou em sua fala que *quer ser jogador de futebol* e explicita que pretende entrar em uma escolinha de futebol quando o circo for para Recife- PE. Já a outra artista circense (9 anos) revelou que *quer fazer números de altura no circo*, como lira e tecido, no futuro. Ela revelou também que *não sabe se vai fazer faculdade*, caso venha a cursar pretende fazer uma faculdade à distância. No entanto, ainda não decidiu em que área será.

ME78: Eu me imagino dentro do circo fazendo números de altura né, porque como a gente é criança ainda a gente não pode, porque o juizado de menores não deixa. Mas quando eu tiver 18 anos, que é o único que pode já número de altura, aí eu queria fazer lira e tecido que é o que eu vou ensaiar.

(Artista circense, sexo feminino, 9 anos)

Os dados revelam que a maioria dos artistas e atletas entrevistados tem como projeto de vida permanecer na carreira. No entanto, um aspecto apontado pelos atletas é a brevidade da carreira e a necessidade de estudar e ter outra profissão.

4.7.2. Projeto de vida de adultos: passado, presente e futuro.

A análise dos mapas de associação permite constatar se há ou não uma relação no que se refere ao projeto de vida que os adultos tinham enquanto trabalhadores infantis, o trabalho atual e suas perspectivas futuras. A jogadora de vôlei (32 anos) narrou que *nunca planejou ser atleta*, que foi uma coisa que aconteceu naturalmente. Ela revelou que ao pensar no futuro *não se enxergava fazendo alguma coisa no meio esportivo*. Ao mesmo tempo emergiu na sua fala que *hoje já tem alguns projetos, coisas na área*. Outro aspecto a ser ressaltado é que ela permanece na carreira esportiva até os dias atuais.

A jogadora de vôlei (21 anos) narrou que quando começou a jogar vôlei *entrou sem saber o que vinha pela frente*, mas, que foi se identificando com o esporte. Ela revelou que aos poucos foi percebendo que *poderia chegar no topo nesse esporte* e que *poderia ganhar dinheiro com o vôlei*. Constata-se, assim, que a entrevistada ressignifica o lugar do vôlei na sua vida e a partir desta ressignificação elabora como projeto de vida continuar sendo jogadora de vôlei, viver dessa profissão, sempre em busca de novas conquistas.

C24: Eu meio que entrei sem saber o que vinha pela frente, aí comecei a gostar. Vi que eu tinha futuro, que eu podia chegar longe... E aí conheci profissionais bons, fui trabalhando com eles. E aí tive uma melhora muito grande e vi que eu poderia chegar no topo nesse esporte, entendeu?! E levar minha vida, ganhar meu dinheiro com isso, entendeu?!

(Jogadora de vôlei, sexo feminino, 21 anos)

Já o jogador de vôlei (22 anos) revelou que desde que começou a jogar já *sonhava em ser profissional*. O entrevistado, embora se sinta realizado com a profissão que escolheu, revelou que *não pensa em jogar até os 40 anos*. Ele relata que tem o interesse em parar de jogar por volta dos 35 anos de idade e começar uma nova fase na

sua vida, exercendo outra profissão. Emerge em sua fala o interesse em ter *estabilidade*, revelando a instabilidade e a brevidade da carreira esportiva devido às possíveis lesões.

V29: Eu penso em jogar até os 35. E depois procurar outra coisa, uma coisa que me sustente, que me de uma estabilidade. Não só o vôlei, mas os outros esportes também, porque se eu me machucar já era. Mas comecei agora a ganhar alguma coisa, então vou com calma...

(Jogador de vôlei, sexo masculino, 22 anos)

No que se refere ao ex-atleta de ginástica artística, emergiu na sua fala que ele buscou *seguir uma trajetória* na ginástica artística, já que percebeu que estava tendo êxito nesta modalidade esportiva. Identifica-se o repertório *sempre sonhou em ser campeão olímpico* e apesar de ter interrompido a carreira enquanto atleta, a *ginástica já faz parte da sua vida*, só que enquanto professor. Já o cantor (19 anos) apresenta como repertórios: *sonho de cantar nos melhores palcos do Brasil* e o *desejo de alcançar sucesso*. Ele explicita que desde o início da carreira tinha esse sonho e que apesar de já ter conquistado algumas coisas, como a fama local continua com os mesmos sonhos e desejos.

JL52: É no começo a gente tem um sonho né! Como o jogador de futebol tem o sonho de jogar na seleção brasileira, a gente tem o sonho de cantar nos melhores palcos do Brasil. Então eu era um sonhador, assim como ainda sou, ainda sonho muito. Se Deus quiser quero realizar! Mas quando eu comecei era um sonhador, ainda continuo sonhando, porque a vida é degrau né! Se tá no primeiro, tá no segundo, no terceiro, quarto e assim vai.

(Cantor, sexo masculino, 19 anos)

O outro cantor (32 anos) entrevistado explicita que *sempre se viu fazendo o que mais amava* que é cantar. Mesmo com esse sonho ele buscou estudar, fazer um curso de nível superior, ter outra profissão conforme sua mãe o aconselhou no início da sua carreira. Até o momento da entrevista, o artista se dedicava exclusivamente à carreira artística. Emergiu na fala do jogador de futebol (19 anos) que ele tinha o *objetivo de ser profissional* no início da carreira. No entanto, ele revelou que esse objetivo foi

influenciado pelo *sonho do avô*, que sempre desejou que ele fosse um jogador de futebol profissional. Ele revelou também que no início da carreira queria *jogar em um time grande*, mas, que no momento só queria ajudar sua família. Já não sonha mais com a fama e o status.

Já o artista circense revelou que *a princípio não tinha a intenção de se profissionalizar*, entrou no mundo do circo por curiosidade e com vontade de aprender a fazer os números. No entanto, segundo o artista, ele aproveitou as oportunidades que surgiram na sua vida e as coisas foram acontecendo.

J58: Eu tinha um espelho muito grande que era meu professor e outras pessoas que eu via trabalhando ao redor dele. Eu ficava sempre pensando caramba será que eu vou chegar lá um dia? Aí ficava só pensando comigo, às vezes pensava baixo, às vezes muito alto. Aí ficava sempre aquela balança, ia, não ia, ia, não ia. Acabou que né eu não fui seguindo realmente com esse foco. A partir de algumas oportunidades que foi surgindo, o foco que eu tinha, o objetivo, foi vindo automaticamente, sem nenhuma busca diretamente minha. Então foi surgindo assim, como diz o ditado, como diz a música: “Deixa a vida me levar”. Então foi levando, foi levando e as coisas foi vindo, né, foi surgindo! Então foi assim, quando eu me deparei, caramba realmente eu consegui o que eu queria fazer!

(Artista circense, sexo masculino, 20 anos)

Em relação ao artista circense (21 anos) emerge em sua fala que ele *pretendia ser palhaço por toda a vida*. No entanto, atualmente ele voltou a estudar e pretender fazer faculdade de jornalismo. Ao abordar a questão do projeto de vida a artista circense (21 anos) ressalta que *busca por estabilidade* em sua profissão, por isso, ainda não chegou a fazer turnê com circos. Revelou também que *queria ser professora*, que quando pensava em seu futuro já se via como educadora. Outro repertório que emergiu *sonhava em ser artista do Circo de Soleil*. No período da entrevista, a artista circense era educadora e fazia apresentações esporádicas em circo, eventos, entre outros. Ela revelou que já imagina sua sobrinha ou os seus filhos [futuros porque ainda não tinha

filhos], esperava que eles tivessem mais oportunidade que ela e iria gostar se eles seguissem a profissão dela e entrassem no Circo de Soleil.

Identifica-se acerca dos projetos de vida que os adultos tinham quando trabalhadores infantis certa semelhança com os projetos de vida das crianças e adolescentes entrevistados, ou seja, a maioria sonhava em continuar na carreira. Inclusive, quase todos os adultos entrevistados permaneciam na carreira artística ou esportiva. Outro aspecto apontado por alguns entrevistados foi que quando iniciaram na carreira não pretendiam ser profissionais, que a profissionalização aconteceu aos poucos. Acerca dos projetos de vida futuros, os entrevistados destacaram o desejo de alcançar a estabilidade, alcançar sucesso e ter outra profissão.

4.8. Análise do projeto de vida

Ao abordar a questão do trabalho infantil, os estudiosos tendem a estabelecer uma relação entre essa forma de trabalho e suas implicações para o futuro de crianças e adolescentes. Assim, surgiu o interesse em identificar as perspectivas de futuro desses jovens trabalhadores. Na presente dissertação, não podia ser diferente, já que de acordo com Vigotski (2006) é a partir do mundo que o indivíduo vive, deparando-se constantemente com necessidades, aspirações e conflitos que surge a ação criadora. Ou seja, é a partir da vivência no trabalho infantil esportivo e artístico que os entrevistados elaboram os seus projetos de vida.

Segundo Catão (2007) e Pessoa (2012), o projeto de vida é construído a partir da vivência. Sendo assim, o sujeito vai se desenvolvendo e construindo seu projeto de vida de acordo com o que vivencia, os interesses podem se modificar e conseqüentemente a relação com o meio também. O que pode ser observado na entrevista como os atletas de

ginástica artística, pois, a partir da vivência no meio esportivo e por se sentirem desvalorizados, modificaram o projeto de vida e anseiam ter outra profissão.

Ainda acerca das mudanças no projeto de vida, Ferreira et al. (2014) apontam que o projeto de vida se modifica a partir da realidade, quando o sujeito sente a necessidade de superar o passado e transformá-lo através do estudo e do trabalho. Da mesma forma foi revelado pelos entrevistados que anseiam estudar para ter outra profissão, na qual sejam mais valorizados e tenham maior estabilidade financeira.

Outro entrevistado aborda a questão do projeto de vida de forma incongruente, pois, primeiro ele relata que pretende ser médico veterinário e depois explicita que caso evolua enquanto atleta pode continuar na carreira esportiva. Constata-se dois projetos de vida, o que é corroborado por D'Avila et al. (2011) ao ressaltar que é possível ter vários projetos ao mesmo tempo, sendo que um vai ser o principal e os outros serão subordinados a ele. A partir da elaboração desses projetos, haverá um direcionamento de esforços do sujeito a determinado plano, evitando um dispêndio desnecessário de esforços voltados a iniciativas isoladas.

Várias das crianças/adolescentes entrevistados revelaram o interesse de permanecer na carreira artística e esportiva no futuro. Segundo D'Avila et al. (2011), o projeto de vida diz respeito às condições futuras de possibilidades de uma pessoa e se tornar mais previsível quando o sujeito utiliza como ferramenta as condições de vida do presente para traçar o projeto de futuro. Sendo assim, pode-se dizer que os entrevistados que revelaram o interesse em permanecer na mesma profissão, elaboraram os projetos de vida baseados nas condições de vida atuais e não refletindo em como será essa profissão a longo prazo.

Lens citado por Ramos et al. (2013) discorre acerca de três tipos de perspectivas de futuro: a extensa; a restrita e a alongada. Alguns dos entrevistados remeteram nas suas falas a importância dos estudos para o futuro, mesmo tendo o desejo de permanecerem nas respectivas carreiras. Consta-se, assim, uma perspectiva de futuro alongada, já que o estudo exige tempo e dedicação.

Outro aspecto identificado na fala de vários entrevistados foi o anseio em permanecer na carreira, mas, ao mesmo tempo a pretensão de ter outra profissão. Alguns revelaram que era importante ter outra opção caso não fosse possível continuar no meio artístico ou esportivo. Os atletas destacaram a brevidade da carreira de atleta devido ao esforço físico exigido pela mesma e os artistas visam uma estabilidade financeira, já que o meio artístico é cheio de altos e baixos. É importante ressaltar que essas respostas foram recorrentes nas falas das crianças/adolescentes mais velhas e de alguns adultos. Acerca dessa questão, Gallagher et al. (2013) destacam que somos levados a nos mover continuamente diante da transitoriedade do trabalho, acarretando em diferentes posicionamentos referentes à profissão seguidos de agitação e correria.

No que se refere à relação entre os projetos de vida que os adultos tinham quando eram trabalhadores infantis, constata-se que a maioria tinha a pretensão de permanecer na carreira. No momento, todos se encontravam em atividades relacionadas ao meio artístico e esportivo. No entanto, o atleta de ginástica artística (37 anos) teve sua carreira encerrada aos 22 anos devido a uma lesão, interrompendo bruscamente o seu sonho de ser campeão olímpico. Mas, ele continua trabalhando no meio esportivo, sendo técnico da seleção paraibana de ginástica artística e professor em escolas municipais e estaduais da região.

O jogador de futebol revelou que no início da carreira tinha o objetivo de ser um jogador de futebol profissional, mas, que esse anseio era fortemente influenciado pelo desejo do seu avô, que faleceu quando ele ainda era muito jovem. De acordo com Zappe et al. (2013), inicialmente, os projetos de vida são vagos, muitas vezes baseados nas expectativas dos familiares. Só a partir da vivência que os jovens vão tendo um maior autoconhecimento e refinando suas expectativas.

Ao abordar o projeto de vida que os adultos tinham quando eram trabalhadores infantis pode-se verificar que alguns tiveram suas expectativas de futuro negadas, ou seja, o projeto de vida que eles tinham não se concretizou. No que se refere ao projeto de vida negado, Pais (2012) ressalta que quando o futuro imaginado, desejado é negado pela realidade, ocorre a frustração. Essa frustração refere-se ao saldo negativo entre o reconhecimento, o prestígio que o sujeito anseia e o que de fato o mesmo recebe. Constata-se na presente dissertação, que ao não conseguir realizar seu projeto de vida, a artista circense transfere seu sonho para sua sobrinha ou para os seus filhos, quando os tiver.

Vygostki (2006) e D' Avila et al. (2011) concebem o projeto de vida como uma força motriz que impulsiona as mudanças constantes no comportamento. E Koshino (2011) destaca que as mudanças que ocorrem na vida do sujeito são vivências criativas, criadoras, potencializadoras. Partindo da concepção do projeto de vida como uma força motriz e a partir do que foi evidenciado nas entrevistas tanto das crianças/adolescentes que estavam vivenciando o trabalho infantil esportivo e artístico no momento da entrevista quanto dos adultos que o tinha vivenciado, constata-se que os projetos de vida podem ser vários ao mesmo tempo e que podem se modificar ao longo da vida a partir da vivência. Sendo assim, é inegável que o trabalho infantil esportivo e artístico implica

em mudanças para quem os vivencia e que essas mudanças trarão repercussões por toda a vida desses jovens trabalhadores.

4.9. O sentido do trabalho infantil esportivo e artístico: da complexidade à singularidade

Partindo do objetivo geral da presente dissertação que é analisar o sentido do trabalho infantil esportivo e artístico é importante considerar a complexidade e a singularidade ao atribuir sentidos. Já que o sentido se constitui a partir da vivência, nas interações sociais, ponderando o caráter subjetivo de cada sujeito. Sendo assim, os sentidos atribuídos ao trabalho infantil esportivo e artístico podem ser vários, podem se repetir, mas, estarão sempre relacionados à vivência de cada entrevistado.

A jogadora de vôlei (32 anos) revelou que quando ingressou no meio esportivo *era como uma brincadeira*, até mesmo pela idade que começou, seis anos. Já na fala da jogadora de vôlei (21 anos) e do jogador de vôlei (22 anos) emerge que inicialmente o esporte tinha o sentido de *diversão, brincadeira*, mas, no decorrer da vivência no meio esportivo o sentido se modificou e o esporte passou a ser encarado como profissão. O jogador de futebol (19 anos) revelou que para ele o *futebol sempre foi lazer*. No entanto, ele ressalta que sempre viu no futebol a possibilidade de vencer no futuro, de conquistar seus objetivos.

No decorrer da entrevista, a artista circense (14 anos) se refere à atividade que realiza como trabalho. Mas, quando questionada se considerava a atividade como trabalho, a mesma afirmou que concebia como diversão. Constata-se, assim, uma contradição no discurso da entrevistada, o que invisibiliza o trabalho infantil. “Eu considero mais como diversão, porque a gente tá com os nossos colegas que a gente sempre convive com eles e é bem legal” (Artista circense, sexo feminino, 14 anos).

Emergiu na fala do artista circense (20 anos) o repertório *inicialmente não considerava como um trabalho*. No momento da entrevista, ele atribuía outro sentido ao papel da arte na sua vida e ressalta que, apesar de na época não perceber como tal, já era um trabalho desde o início.

J34: Sim era um trabalho. A partir do momento que você faz uma atividade que está sendo remunerado, que você tá cobrando por ela é um trabalho. Não só questão remunerada, mas a partir do momento que você faz uma atividade que tem a questão de produção, é um produto, uma realização, uma finalização pra mim é um trabalho. Então não é só a questão de remuneração, no momento que você faz uma atividade é um trabalho.
(Artista circense, sexo masculino, 20 anos)

A miss/modelo faz uma comparação entre o início de sua carreira e os dias do período em que deu a entrevista. Ao fazer essa comparação ela ressaltou que uma criança com quatro anos não saberia o que queria, mas, que no momento concebia sua atividade como uma profissão. Ela explicita que encarava o trabalho como brincadeira, mas, reconhecia que era uma coisa séria, já que era sua profissão. Constata-se uma contradição da entrevistada ao atribuir sentido à atividade que realizava, o que torna o trabalho infantil invisível. “Eu levo isso na esportiva. Eu levo isso como se fosse, em termo de brincadeira, entendeu?! Além de ser uma coisa muito séria, que é minha profissão, eu levo do jeito que eu gosto” (Miss/modelo, sexo feminino, 13 anos).

O atleta de ginástica artística (14 anos) revela que considera a ginástica artística como *um trabalho*. Emergiu o repertório *é misturado esporte, diversão, trabalho*. O outro atleta de ginástica artística (14 anos) concebe a ginástica como trabalho já que, segundo ele, *o cara tem que ser muito corajoso pra fazer os próprios movimentos* e que esse esporte exige que a pessoa supere constantemente seus medos.

Evidencia-se na fala do ator/modelo sua concepção de trabalho, como uma troca na qual ele faz algo e recebe por isso. Identifica-se também que ele concebe a atividade que realiza como um trabalho, apesar de ter apenas 10 anos de idade.

DV38: Considero porque a gente faz, a gente trabalha, aí ganha o dinheiro, a pessoa ganha o dinheiro para fazer as coisas, para fazer as coisas que querem.
(Ator/modelo, sexo masculino, 10 anos)

O cantor (19 anos); o artista circense (21 anos) e a artista circense (21 anos) revelaram que desde o início da carreira eles já concebiam a atividade que realizavam como trabalho. Isto pode ser identificado nos repertórios: *música como profissão; considerava como um trabalho; não foi jogada no trabalho, teve um preparo.*

JL44: Mas sempre considerei a música como profissão, porque desde o dia que eu comecei eu coloquei na minha cabeça que era isso que eu queria pra minha vida. E que eu queria viver realmente da música. E graças a Deus a gente vem trabalhando e vem dando certo aí!
(Cantor, sexo masculino, 19 anos)

Emergiu o repertório *considera como um trabalho* tanto para o artista circense (13 anos) quanto para a artista circense (9 anos). O primeiro refere-se ao trabalho como comprometimento em fazer algo. Já a artista (9 anos) explícita que trabalho não é escravidão. “Trabalho, tem pessoas que fala que trabalho é escravatura. Mas, eu não acho, porque aqui, por exemplo, eu to com sono, eu faço aí depois eu durmo” (Artista circense, sexo feminino, 9 anos).

Já o atleta de taekwondo revelou que ainda não considerava o taekwondo como um trabalho, embora tenha treinos todos os dias, receba o bolsa atleta e seja patrocinado por algumas empresas, como a Adidas. A atividade não é encarada como um trabalho, segundo o entrevistado, pelo fato dele ainda não ter 18 anos e não ter chegado na seleção adulta. “Eu acho que hoje ainda não, eu acho que daqui quando eu entrar na seleção adulto. Se realmente eu entrar na seleção, vê que é aquilo mesmo, aí vou considerar um trabalho” (Atleta de taekwondo, sexo masculino, 16 anos).

Os dados revelaram que a maioria dos entrevistados atribuía o sentido de trabalho para a atividade que realizam desde o início da carreira. Outros conceberam a atividade como diversão, lazer, brincadeira. Constata-se que os sentidos são vários e estão sempre relacionados à vivência, alguns entrevistados chegam a atribuir mais de um sentido a sua atividade.

4.10. Análise dos sentidos de trabalho infantil esportivo e artístico

No decorrer da presente dissertação aponta-se que para analisar o sentido de trabalho infantil esportivo e artístico é necessário compreender a vivência de cada sujeito nessas formas de trabalho, pois o sentido se constitui a partir da vivência. Neste capítulo, fez-se a contextualização dos entrevistados (quem são, o que fazem, quando ingressaram no meio artístico ou esportivo); analisou-se a vivência no trabalho infantil esportivo e artístico (caracterização da atividade, relação entre condição de vida e trabalho infantil, carreira, e visão dos pais acerca dos filhos serem trabalhadores infantis) e analisou-se os projetos de vida. Ao saber quem são esses sujeitos que ingressaram no trabalho infantil esportivo e artístico e ter analisado a vivência desses trabalhadores, considerando os diferentes aspectos que perpassam essa vivência, é possível abordar o sentido ou os sentidos.

De acordo com Wertsch (1985), o sentido pode ser compreendido como a soma de todos os fatos psicológicos despertados em nossa consciência. Concebendo o sentido como a soma dos fatos psicológicos e ao analisar os sentidos atribuídos na presente dissertação, constata-se que mesmo quando os entrevistados concebiam a atividade que realizam como trabalho, a concepção de trabalho pode ser diferente.

Os diversos sentidos identificados neste estudo se devem ao fato apontado por Toassa (2006) de que o sentido não é constituído unicamente de fatos, mas, também de

afetos. O mesmo deve ser compreendido como um processo vivo que se confunde com o plano das ideias, da linguagem interior no seu estado bruto. Assim quando três artistas circenses relatam que concebem a atividade circense como um trabalho, o sentido que eles atribuem a esse trabalho, embora seja a mesma atividade, é diferente. Um atribui o sentido de investimento de tempo e aprendizado, um concebe como o comprometimento na atividade e o outro para atribuir um sentido a sua atividade, parte do que não é, ao dizer que não é escravidão.

Estes diferentes sentidos corroboram com o que é apresentado por J. Barros et al. (2009). Segundo J. Barros et al., o sentido se produz nas práticas sociais pela articulação dialética da história de constituição do mundo psicológico com a atual experiência do sujeito. E por estar relacionado à atual experiência do sujeito o sentido vai ser diferente para a criança/adolescente que atribui o sentido ao que está vivenciando e o adulto que atribui o sentido do que vivenciou a partir da sua experiência atual.

Outro aspecto apontado por J. Barros et al. (2009) e Vygostki (1934/2009) é que podem existir múltiplas construções de sentido e que embora se deem de forma singularizada é constituída a partir do social, ou seja, são contextuais. Estes múltiplos sentidos são evidenciados na fala dos entrevistados, quando concebem a atividade artística como brincadeira, diversão, lazer, ou como trabalho em si. Ponderando o fato dos sentidos serem contextuais, verifica-se que os atletas tendem a considerar a atividade esportiva como brincadeira, diversão, lazer. Já os artistas, costumeiramente, concebem sua atividade como trabalho.

Ao abordar o trabalho infantil esportivo é necessário distinguir o esporte enquanto educação, lazer e esporte de alto rendimento (SECOM, n.d.). No entanto, constata-se que os próprios atletas encontram dificuldades em diferenciar essas formas

de se conceber o esporte. Isso pode decorrer do fato dos atletas começarem a preparação cedo, mas, o pagamento para que eles possam reconhecer como trabalho demora. Enquanto que os artistas, embora em alguns momentos, relatem que levam a atividade artística como diversão, revelaram em suas falas que compreendem a atividade como um trabalho. Diante do que foi exposto, questiona-se acerca dos atletas que passam anos se dedicando a determinada modalidade esportiva e não conseguem ocupar um lugar de destaque na modalidade e nem receber financeiramente por isso, qual será o sentido e as implicações dessa vivência para esses sujeitos?

Ainda acerca dessa dificuldade em distinguir o esporte enquanto lazer, educação ou de alto rendimento destaca-se o sentido atribuído pelo atleta de taekwondo. Ele destacou que não concebia a atividade que realizava como trabalho por ainda não ter 18 anos. Constata-se que o atleta concebia o trabalho limitando-se a questão da faixa etária. Isso pode acontecer até por uma interpretação errônea das leis que versam acerca dos direitos de crianças e adolescentes e acerca do trabalho infantil como na Constituição Federal, 1988; ECA, 1990; Emenda Constitucional, 1998; OIT, 2011.

Outro aspecto a ser destacado ao abordar a construção do sentido é a importância da linguagem nesse processo. Segundo Vigotski citado por Mello (2010), a linguagem oral é condicionante da influência do contexto no desenvolvimento infantil. O meio influencia no desenvolvimento da criança, em termos relativos, já que o relevante é a relação entre o meio e a criança e não o meio em si. Esta questão pode ser evidenciada ao observar os sentidos construídos pelos três artistas circenses que trabalham no mesmo circo, pois, compartilham o mesmo meio. Inclusive, dois desses entrevistados são irmãos, o que expande mais ainda a questão de ambiente compartilhado. No entanto, embora os três tenham experiência semelhante, por viverem em um ambiente sem

diferenças consideráveis. A relação que cada um estabelece com o ambiente é singular, produzindo assim sentidos diferentes.

De acordo com Mello (2010), a linguagem oral e a compreensão dos significados das palavras influenciam na relação da criança com o meio e na forma como o meio irá influenciar no desenvolvimento da criança. Toassa e Souza (2010) acrescentam que a criança transita entre uma linguagem particular e o seu entorno que é delimitado por relações de significado e sentido. Ao ponderar o que é abordado pelos referidos autores constata-se que a forma como os atletas e os artistas concebem suas atividades está em constante movimento. Alguns entrevistados revelaram que quando crianças não concebiam a atividade como trabalho, mas, enquanto adultos explicitam que desde o início da carreira era um trabalho.

Diante do exposto ao buscar compreender a construção de sentidos deve-se ponderar como aspectos relevantes o meio que a criança está inserida, a linguagem oral e a singularidade de cada um. Com a pesquisa, foi possível observar o desabrochar de vários sentidos advindos de crianças/adolescentes e adultos de distintas modalidades esportivas e áreas artísticas e acima de tudo a partir da vivência única e singular de cada entrevistado. Cada entrevistado foi visto como um ser ativo e social, que transforma e é transformado pelo ambiente em que vive.

Considerações Finais

Essa dissertação se propôs a analisar o sentido de trabalho infantil esportivo e artístico na perspectiva de quem vivencia ou já vivenciou estas atividades laborais e as implicações das mesmas. Dessa forma, as histórias de vida dos participantes revelaram que os sentidos atribuídos ao trabalho infantil esportivo e artístico são vários e estão relacionados à vivência. Revelaram ainda diversas implicações dessas formas de atividade laboral, havendo uma variabilidade das implicações que foram apontadas por crianças/adolescente e adultos.

Os sentidos que emergem nessa dissertação corroboram para um conhecimento mais amplo do trabalho infantil esportivo e artístico à medida que os aspectos apontados pelos entrevistados se relacionam com a literatura e abrem novas possibilidades de estudos, principalmente no que se refere às questões relacionadas ao desenvolvimento.

Analisar a história de vida dos entrevistados, história essa marcada pelo trabalho infantil, muitos desde a tenra idade, possibilita compreender quem são eles, o que fazem, como concebem a atividade que realizam e o lugar que eles ocupam na profissão escolhida (títulos, premiações, fama, entre outros). Torna-se possível apreender quem são esses trabalhadores infantis e o sentido que eles atribuem à atividade, perpassando as questões legais.

Faz-se necessário ressaltar que na presente dissertação não se desconsidera a importância da legislação acerca do trabalho infantil esportivo e artístico, destaca-se apenas a necessidade de ter outros olhares acerca da temática, para que junto ao direito seja possível garantir o pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Ao analisar a condição de vida dos entrevistados constata-se uma variedade de relações entre vivência no trabalho infantil esportivo ou artístico e a condição de vida. Destaca-se como recorrente, tanto para os artistas quanto para os atletas, a questão do retorno financeiro que possibilita ajudar a família ou para ser utilizado em benefício próprio. Esses trabalhadores estão assumindo o papel dos adultos na manutenção familiar e de si próprio, característica recorrente em outras formas de trabalho infantil.

Outro aspecto evidenciado pelos atletas acerca da condição de vida é que em detrimento da profissão, do bom desempenho nas competições, a vida desses trabalhadores acaba se voltando unicamente para os treinos, o que impossibilita o acesso ao lazer.

No que se refere à vivência no trabalho infantil esportivo e artístico os entrevistados revelaram que devido à profissão que exercem precisam conviver com a fama. Eles concebem a fama como o reconhecimento do trabalho, como realização e como algo relativo. Destacam como aspecto positivo o carinho das pessoas e aspecto negativo o assédio e a falta de privacidade. Ao abordar a fama como algo relativo eles destacam os altos e baixos da profissão e a necessidade de saber separar a pessoa pública do seu verdadeiro eu.

As implicações do trabalho infantil esportivo e artístico são trazidas de forma recorrente no discurso dos entrevistados ressaltando questões como prejuízo no rendimento escolar, rotina intensa de treinos/ensaios, adultização precoce, afastamento do convívio social e familiar, as lesões, e o afastamento das drogas.

Em relação à adultização precoce, tanto os artistas quanto os atletas revelaram que devido à carreira tornaram-se independentes cedo, tiveram que amadurecer rápido. Alguns revelaram, inclusive, a perda da infância. É importante ressaltar que essa

implicação só é encontrada nos discursos dos adultos entrevistados, nenhuma criança ou adolescente apontou este aspecto como implicação do trabalho infantil esportivo e artístico. Destaca-se aqui a contribuição de terem participado da pesquisa crianças/adolescentes e adultos, já que são duas perspectivas. A primeira de quem está vivenciando e a segunda de quem vivenciou.

A diferença que mais se destacou nas entrevistas foi na questão do projeto de vida. No que se refere aos aspectos comuns, constata-se, até pelo fato da maioria ter começado muito cedo, que eles não planejavam serem artistas ou atletas, não era o projeto de vida deles. No que diz respeito a projetos futuros, os discursos revelaram que os atletas planejam ter outras profissões no futuro porque concebem sua profissão como breve devido à demanda física. Já os artistas demonstraram o interesse em cursar o nível superior, ter outra profissão, mas, queriam continuar no meio artístico, mesmo como hobby.

Quanto aos sentidos, constata-se que a vivência no trabalho infantil esportivo está relacionada ao sentido da atividade enquanto lazer, enquanto brincadeira. Já a vivência no trabalho infantil artístico possibilita um sentido da atividade mais direcionado ao que a legislação considera como trabalho infantil, onde o artista mirim presta um serviço e recebe alguma forma de pagamento.

No entanto, constata-se na caracterização da atividade o caráter definidor de trabalho que foi utilizado por todos os entrevistados, ou seja, para caracterizarem sua atividade eles fazem uso de aspectos que definem trabalho como a questão da rotina, o processo da atividade e o que fazem.

Este trabalho visou trazer para o cerne da discussão o trabalho infantil esportivo e artístico e suas implicações, buscando compreender quem são esses trabalhadores e o

sentido que eles atribuem à carreira. Buscou-se também apontar para a necessidade de estudar essa temática a partir da perspectiva da Psicologia Social e ponderando suas contribuições nos estudos para o desenvolvimento.

Destaca-se a necessidade de compreender o limiar do que é uma atividade artística e esportiva benéfica para o desenvolvimento de crianças e adolescentes e quando passa a ser exploração, tornando-se assim prejudicial. Já que é devido a essa dificuldade de diferenciar entre o que é direito e exploração e das brechas existentes na legislação, que estas formas de trabalho infantil vêm crescendo a cada dia.

Aponta-se como limitação do estudo o fato da amostra ter se limitado a atletas e artistas da região ou que estavam na região a trabalho. Tentou-se financiamento junto ao CNPQ para que a pesquisa fosse realizada em lugares como São Paulo e Rio de Janeiro, onde a carreira de artista e atleta é mais evidenciada, no entanto, o financiamento foi negado.

Espera-se que essa dissertação possa contribuir no avanço da compreensão do trabalho infantil esportivo e artístico, embora a amostra utilizada tenha sido relativamente pequena e não abrangendo muitas áreas artísticas e modalidades esportivas. Ressalta-se que os resultados encontrados estão em consonância com a literatura existente e dão margem a novas inquietações, inclusive, referentes à própria concepção de trabalho infantil esportivo e artístico que ainda é limitado.

Destaca-se, a partir desta dissertação, a possibilidade de estudos posteriores acerca das implicações emocionais do trabalho infantil esportivo e artístico relacionando aos sentimentos de solidão, ansiedade, isolamento e indiferença como a depressão, o alcoolismo, o uso de drogas, o suicídio e o envolvimento com a criminalidade. É preciso também estudos futuros que abordem o fato de crianças e adolescentes ingressarem na

carreira esportiva ou artística desde cedo despendendo muito tempo de preparação e não conseguirem necessariamente ser top de linha, não alcançarem sucesso e nem a ascensão financeira.

Além disso, anseia-se que este estudo perpassasse os muros da academia e possa realmente contribuir para se repensar em políticas públicas voltadas para essas crianças e adolescentes que tem diariamente seus direitos violados diante da família, da sociedade e do Estado que deveriam resguardar os direitos destes sujeitos em pleno desenvolvimento. Nesse intuito, visa-se fazer devolutivas dessa dissertação para entidades que lutam contra o trabalho infantil, como: Fórum Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil e instâncias governamentais.

Referências

- Alberto, M. F. P. (2002). *A dimensão subjetiva do trabalho precoce de meninos e meninas em condição de rua em João Pessoa - PB*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Alberto, M. F. P. (2004). Trabalho precoce, sofrimento, dignidade e cidadania: O caso das atividades informais em condição de rua. In M. F. P. Alberto (Org.), *Trabalho infanto-juvenil e direitos humanos* (pp.43-55). João Pessoa, PB: Editora Universitária.
- Alberto, M. F. P., Campos, F. M., Lins, M. E. C., Cavalcante, C. P. S., Souza, G. P., Nunes, T. S., ... Silva, A. C. S. (2011). O trabalho infantil nos municípios do estado da Paraíba. In M. F. P. Alberto, J. A. Lima, & D. P. Santos (Orgs.), *Infância, Adolescência e Juventude: Pesquisa, Intervenção e Políticas Públicas* (pp. 33-56). João Pessoa: Editora UFPB.
- Alberto, M. F. P., Freire, M. L., & Lima, J. A. (2011). Vulnerabilidade e violação de direitos de crianças e adolescentes. In M. F. P. Alberto, J. A. Lima, & D. P. Santos (Orgs.), *Infância, Adolescência e Juventude: Pesquisa, Intervenção e Políticas Públicas*. João Pessoa: Editora UFPB.
- Alberto, M. F. P., & Santos, D. P. (2011). Trabalho infantil e desenvolvimento: Reflexões à luz de Vigotski. *Psicol. estud.* 16 (2), 209-218. doi:10.1590/S1413-73722011000200004
- Alberto, M. F. P., Santos, D. P., Leite, F. M., Lima, J. W., & Wanderley, J. C. V. (2011). O trabalho infantil doméstico e o processo de escolarização. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 293-302. doi:10.1590/S0102-71822011000200010

- Alberto, M. F. P., Silva, A. C. S., Santana, R. V. M., Vasconcelos, T. T. V. A., & Cirino, D. C. S. (2006). *O trabalho infantil na atividade informal urbana em Guarabira – PB: um diagnóstico rápido à luz das piores formas do trabalho infantil*. Brasília: IPEC, OIT.
- Alcântara, H. (2006). A magia do futebol. *Estudos Avançados*, 20(57), 297-313. doi: 10.1590/S0103-40142006000200021
- Almeida, P. M. M. (2011). *O trabalho infantil artístico e o limite de dezesseis anos imposto pela constituição federal*. (Monografia). Instituto Brasiliense de Direito Público- IDP, Brasília-DF.
- American Psychological Association [APA] (2012). Manual de publicação da APA. 6ª edição, tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso.
- Arantes, E. M. M. (2010). Arquivo e memória sobre a Roda dos Expostos do Rio de Janeiro. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 5(1), 5-16. Recuperado de http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/arantes.pdf
- Ariés, P. (1981). *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Bahia, S. Pereira I., & Monteiro P. (2008). Participação em espetáculos, moda e publicidade: Fama enganadora. In J. Cadete (Org.), *PETI: 10 anos de combate à exploração do trabalho infantil*. (pp.207-242). Lisboa: MTSS / PETI - Fundo Social Europeu.
- Baroni, B. M., Wiest, M. J., Generosi, R. A., Vaz, M. A., & Leal Junior, E. C. P. (2011). Efeito da fadiga muscular sobre o controle postural durante o movimento do passe em atletas de futebol. *Rev. bras. cineantropom. desempenho hum.* [online] 13(5), 348-353. doi:10.5007/1980-0037.2011v13n5p348

- Barros, F. C. O. M. (2009). “Olha! É de semente! Minha mãe que me ensinou”- A infância, o brincar e o brinquedo: Uma história a contar na psicologia e na educação. In F. C. O. M. Barros, *Cadê o brincar?: Da educação infantil para o ensino fundamental*. São Paulo: Editora UNESP.
- Barros, J. P. P., Paula, L. R. C. de, Pascual, J. G., Colaço, V. de F. R., & Ximenes, V. M. (2009). O conceito de "sentido" em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 174–181. doi:10.1590/S0102-71822009000200004
- Bezerra, C. C. (2008). *Infância na publicidade: um estudo sobre o trabalho de crianças na publicidade na cidade de Natal-RN*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Bittencourt, N. F. N., Amaral, G. M., Anjos, M. T. S., D'Alessandro, R., Silva, A. A., & Fonseca, S. T. (2005). Avaliação muscular isocinética da articulação do joelho em atletas das seleções brasileiras infanto e juvenil de voleibol masculino. *Rev. Bras. Med. Esporte* [online] 11(6), 331-336. doi:10.1590/S1517-86922005000600005
- Camargo, A. M. J. (2010). *O papel do estado na proteção dos direitos da criança e do adolescente em face da atividade econômica: o trabalho artístico*. (Dissertação de Mestrado), Centro Universitário Curitiba, Paraná.
- Castro, J. (2011, abril). Como funciona o facebook? *Revista Nova escola*. Recuperado de <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/como-funciona-facebook-624752.shtml>

- Catão, M. F. (2007). O que as pessoas pensam da vida e o que desejam nela realizar? In Kruttzen, E., & Vieira, S. (Orgs.), *Psicologia social, clínica e saúde mental*. (pp.75-94). João Pessoa: Ed. Universitária.
- Cavalcante, S. R. (2012). *Trabalho artístico na infância: estudo qualitativo em saúde do trabalhador*. (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, SP.
- Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069Compilado.htm
- Costa, K. R., Leme, L. R., & Custódio, A. V. (2010). O trabalho infantil em atividades artísticas: violação de normas internacionais. *Revista Ceciliana* 2(2), 38-40. Recuperado de http://sites.unisanta.br/revistaceciliana/edicao_04/2-2010-38-40.pdf
- Coimbra, D. R., Bara Filho, M., Andrade, A., & Miranda, R. (2013). Habilidades psicológicas de coping em atletas brasileiros. *Motri*. [online]. 9(1), 95-106. doi:10.6063/motricidade.9(1).xxx
- Confederação Brasileira de Voleibol [CBV] (n. d.). *Perfil dos atletas*. Recuperado de <http://www.cbv.com.br/v1/praiaperfil.asp>.
- D'Avila, G. T., Krawulski, E., Veriguine, N. R., & Soares, D. H. P. (2011). Acesso ao ensino superior e o projeto de “ser alguém” para vestibulandos de um cursinho popular. *Psicologia & Sociedade* 23(2), 350-358. doi:10.1590/S0102-71822011000200016
- Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943 (1943). Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Recuperado de <http://www.planalto.gov.br/ccivil/decreto-lei/Del5452compilado.htm>

Decreto n. 3.597 de 12 de setembro de 2000 (2000). Dispõe sobre a promulgação da Convenção 182 e a recomendação 190 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre a proibição das piores formas de trabalho infantil e a ação imediata para sua eliminação. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3597.htm

Decreto n. 4.134, de 15 de fevereiro de 2002 (2002). Dispõe sobre a promulgação da Convenção nº 138 e a Recomendação nº 146 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Idade Mínima de Admissão ao Emprego. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4134.htm

Del Priore, M. (2001). *Histórias do cotidiano*. São Paulo: Contexto.

Emenda Constitucional n. 20, de 15 de dezembro de 1998 (1998). Dispõe sobre modificação do sistema de previdência social, estabelece normas de transição e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc20.htm

Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA], (1990). Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069Compilado.htm

Ferreira, V. V. F., Littig, P. M. C. B., & Vescovi, R. G. L. (2014). Crianças e adolescentes abrigados: perspectiva de futuro após situação de rua. *Psicologia & Sociedade* 26(1), 165-174. doi:10.1590/S0102-71822014000100018

Ferreira Filho, R. A., Nunomura, M., & Tsukamoto, M. H. C. (2006). Ginástica artística e estatura: mitos e verdades na sociedade brasileira. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* 5(2), 21-31.

- Freitas, M. T. de A. (2002). A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa* (116), 21–39. doi:10.1590/S0100-15742002000200002
- Gaion, P. A., & Vieira, L. F. (2010). Prevalência de síndrome pré-menstrual em atletas. *Rev Bras Med Esporte* [online] 16(1), 24-28. doi:10.1590/S1517-86922010000100004
- Gallagher, I. M, Féres-Carneiro, T., & Henriques, C. R. (2013). Planos para o futuro: percepções de filhos adultos coabitantes com os pais. *Revista da SPAGESP* 14(2), 4-18. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702013000200002
- Hensel, P., Perroni, M. G. & Leal Junior, E. C. P. (2008). Lesões musculoesqueléticas na temporada de 2006 em atletas da seleção brasileira feminina principal de canoagem velocidade. *Acta ortop. bras.* [online] 16(4), 233-237. doi:10.1590/S1413-78522008000400009
- Ialongo, P. C. (2010, outubro 8). Antes e depois dos atores mirins. Recuperado de <http://mdemulher.abril.com.br/tv-novelas-famosos/fotos/acontece/antes-depois-atores-mirins-603219.shtml#58>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2010). *Censo demográfico 2010: Trabalho e rendimento*. Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/trabalho_e_rendimento/default_pdf.shtm

Kassouf, A. L. (2007). O que conhecemos sobre trabalho infantil? *Nova Economia* 17 (2), 323-350. doi:10.1590/S0103-63512007000200005

Koshino, I. L. A. (2011). *Vigotski: desenvolvimento do adolescente sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético*. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Londrina: Londrina. Recuperado de http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-_KOSHINO_Ila_Leao_Ayres.pdf

Lei n. 6.533, de 24 de maio de 1978 (1978). Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069Compilado.htm

Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998 (1998). Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615compilada.htm

Lei n. 10.097, de 19 de dezembro de 2000 (2000). Lei da Aprendizagem. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm

Lei n. 12.395, de 16 de março de 2011 (2011). Altera as leis n.º 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre o desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui o bolsa atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei n.º 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12395.htm

- Lima, J. W. (2012). *A influência da publicidade televisiva na formação da criança consumidora*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Lins, M. E. C. (2004). A doutrina da proteção integral e o trabalho infantil. In M. F. P. Alberto (Org.), *Trabalho infanto-juvenil e direitos humanos* (pp.27-34). João Pessoa, PB: Editora Universitária.
- Lopes, M. S. E., & Alberto, M. F. P. (2011). O trabalho infantil no cultivo do abacaxi: violência aos direitos humanos de escolarização. In M. F. P. Alberto; J. A. Lima; & D. P. Santos (Orgs), *Infância, Adolescência e Juventude: Pesquisa, Intervenção e Políticas Públicas*. João Pessoa: Editora UFPB.
- Macedo, J. N. A. (2011). *Trabalho infantil: representações sociais nos media*. (Dissertação de mestrado). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa. Recuperado de [www:<http://hdl.handle.net/10400.5/3314](http://hdl.handle.net/10400.5/3314)
- Macedo, O. J. V. (2006). *O sentido da formação para o trabalho e as expectativas em relação ao futuro por parte dos adolescentes aprendizes*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Macedo, O. J. V., Alberto, M. F. P., & Araújo, A. J. S. (2012). Formação profissional e futuro: expectativas dos adolescentes aprendizes. *Estudos de Psicologia* 29 (Supl.) 779-787. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29s1/14.pdf>
- Marques, R. D. (2009). Trabalho Infantil Artístico: Proibições, Possibilidades e Limites. *Revista do Ministério Público do Trabalho* 19(38), 13-53. Recuperado de <http://aplicacao.tst.jus.br/dspace/handle/1939/38664>

- Marques, R. D. (2012). A difícil tarefa na regulamentação do trabalho infantil artístico. *Tribunal Superior do trabalho*. Recuperado de http://www.tst.jus.br/web/guest/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/id/2603869
- Meira, T. B., & Nunomura, M. (2010). Interação entre leptina, ginástica artística, puberdade e exercício em atletas do sexo feminino. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte (Impr.)* [online] 32 (1), 185-199. doi:10.1590/S0101-32892010000400013
- Mello, S. A. (2010). A questão do meio na pedologia e suas implicações pedagógicas. *Psicol. USP* 21(4). doi:10.1590/S0103-65642010000400005
- Melo Filho, Á. (2011). *Nova Lei Pelé: avanços e impactos*. (1ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora Maquinaria.
- Mendonça, L. de M., Bittencourt, N. F. N., Anjos, M. T. S. dos, Silva, A.A. da, & Fonseca, S. T. (2010). Avaliação muscular isocinética da articulação do ombro em atletas da Seleção Brasileira de voleibol sub-19 e sub-21 masculino. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte* 16(2), 107-111. doi:10.1590/S1517-86922010000200006
- Minayo, M. C. S. (2007). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (10ªed.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (11ªed.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Minayo, M. C. S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade? *Cad. Saúde Públ.* 9(3), 239-262. Retirado de http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/quantitativo_qualitativo_oposicao_ou_complementariedade.pdf

- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome [MDS] (2004). *Análise Situacional do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI*. Brasília: UNICEF. Recuperado de http://www.mds.gov.br/backup/programas/rede-suas/protecao-social-especial/programa-de-erradicacao-do-trabalho-infantil-peti/relatorio_final_peti.pdf
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome [MDS]. (2010a). *Orientações técnicas sobre o serviço de Convivência e fortalecimento de vínculos para Crianças e adolescentes de 6 a 15 anos*. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Recuperado de <http://www2.maringa.pr.gov.br/sistema/arquivos/fcd77625ea9a.pdf>
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome [MDS]. (2010b). *Orientações técnicas- Gestão do programa de erradicação*. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Recuperado de http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/secretaria-nacional-de-assistencia-social-snas/cadernos/orientacoes-tecnicas-gestao-do-programa-de-erradicacao-do-trabalho-infantil-no-suas/Miolo%20PET%201_alterado%202.pdf
- Ministério da Educação [MEC] (2007). *Programa Mais Educação: Passo a passo*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.
- Ministério do Esporte [ME] (2011). *Diretrizes do Programa Segundo Tempo*. Brasília: Secretaria Nacional de Esporte Educacional. Recuperado de <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snee/segundoTempo/diretrizes2011.pdf>
- Ministério do Trabalho e Emprego [MTE] (2011). *Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção do Adolescente Trabalhador. Comissão Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil*. 2ª edição, Brasília: Ministério do

Trabalho e Emprego. Recuperado de

http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/ipec/pub/plan-prevencao-trabalho infantil-web_758.pdf

Ministério do Trabalho e Emprego [MTE] (2014). *Manual de aprendizagem: O que é preciso saber para contratar o aprendiz*. 9ª Ed. Brasília: Assessoria de

Comunicação do MTE. Recuperado de

http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A454D74C101459564521D7BED/manual_aprendizagem_miolo.pdf

Moura, M. A. (1996). O trabalho precoce e a saúde das crianças e adolescentes. Oficina sobre os impactos do trabalho precoce na saúde de crianças e adolescentes. Brasília: [s.n.].

Nunomura, M., Carrara, P. D. S., & Tsukamoto, M. H. C. (2010). Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão!. *Rev. bras. educ. fís. esporte (Impr.)* [online] 24(3), pp. 305-314.
doi:10.1590/S1807-55092010000300001

Oliveira, M. K. de. (1997). *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.

Oliveira, I. (2004). Fórum Nacional: uma estratégia de erradicação do trabalho infantil. In M. F. P. Alberto (Org.), *Trabalho infanto-juvenil e direitos humanos* (pp.21-25). João Pessoa, PB: Editora Universitária.

Oliveira, O. (2009). Trabalho artístico da criança e do adolescente. São Paulo. *Revista LTr*. Recuperado de
<http://www.fnpeti.org.br/arquivos//biblioteca/954a0a66dd4af30f92918068ab293d25.pdf>

- Oliveira, I. C. C., & Francischini, R. (2009). Direito de brincar: as (im)possibilidades no contexto de trabalho infantil produtivo. *Psico-USF* 14(1), 59-70. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v14n1/a07v14n1.pdf>
- Organização Internacional do Trabalho. [OIT]. (2013). *Documento Orientador da III Conferência Global Sobre Trabalho Infantil*. Brasília: OIT. Recuperado de <http://childlabour2013.org/wpcontent/uploads/2013/07/Documento-Base.pdf>
- Organização Internacional do Trabalho. [OIT]. (2001). *Combatendo o trabalho infantil: guia para educadores*. Brasília: OIT. Recuperado de http://white.oit.org.pe/ipecc/documentos/escola1_br.pdf.
- Organização das Nações Unidas [ONU]. (1989). Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança. Recuperado de <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/crianca.htm>.
- Ozella, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. (2002). In M. L. J Contini, S. H. Koller, & M. N. S. Barros (Orgs.), *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas* (pp. 16-24). Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Pais, J. M. (2012). Hope in generations with a bleak future. *Estudos Avançados* 26 (75), 267-280. doi:10.1590/S0103-40142012000200018
- Pasqualini, J. C. (2009). A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. *Psicologia em Estudo* 14(1), 31-40. doi:10.1590/S1413-73722009000100005
- Pereira, L. S., Pereira, R. C., & Oliveira, B. (2007). Adolescentes feirantes de Várzea Nova: realidade e perspectivas. In M. F. P, Alberto (org.), *Crianças e adolescentes*

trabalhando? Uma estratégia de sobrevivência que atravessa gerações (pp. 51-60).

João Pessoa: Editora UFPB.

Pessoa, M. C. B. (2012). História de vida de jovens e vivências de formação profissional. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Pinheiro, O. G. (2004). Entrevista: uma prática discursiva. Em: M. P. J. Spink (Org.).

Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas (3ª Ed). São Paulo: Cortez.

Pinho, F. F. & Molon, S. I. (2011). Os bastidores do diário de campo: um instrumento de pesquisa qualitativa. In *X Seminário de Pesquisa Qualitativa*. Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

Pires, L., Rodrigues, A. M., Fisberg, M., Costa, R. F., & Schoen, T. H. (2012).

Qualidade de vida de adolescentes modelos profissionais. *Psic.: Teor. e Pesq.*

[online] 28(1), 71-76. doi:10.1590/S0102-37722012000100009

Projeto de Lei do Senado n. 83 de 11 de abril de 2006 (2006). Fixa idade mínima para o trabalho como ator, modelo e similares. Recuperado de

http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=77337

Projeto de Lei da Câmara dos Deputados n. 6.937, de 2010 (2010). Altera o artigo 60 da

Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, revoga artigos da Consolidação das Leis do

Trabalho e dá outras disposições protetivas dos direitos das crianças e dos

adolescentes. Recuperado de <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/748180.pdf>

Projeto de Lei da Câmara dos Deputados n. 3.974, de 2012 (2012). Dá nova redação ao

art. 406 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-lei nº

5.452, de 1º de maio de 1943, para conferir à Justiça do Trabalho a competência

para autorizar o menor a desenvolver trabalho artístico. Recuperado de

<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1003258.pdf>

Ramil, T. (2013, setembro 11) Neymar comanda virada do Brasil sobre Portugal por 3 x

1. Recuperado de [http://esportes.terra.com.br/futebol/neymar-comanda-virada-do-brasil-sobre-portugal-por-3-](http://esportes.terra.com.br/futebol/neymar-comanda-virada-do-brasil-sobre-portugal-por-3-x1,caa108246f701410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html)

[x1,caa108246f701410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html](http://esportes.terra.com.br/futebol/neymar-comanda-virada-do-brasil-sobre-portugal-por-3-x1,caa108246f701410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html)

Ramos, D. O., Seidl-de-Moura, M. L. & Pessôa, L. F.(2013). Jovens e metas para o

futuro: Uma revisão crítica da literatura. *Estudos de Psicologia* 18(3), 467-475.

doi:10.1590/S1413-294X2013000300007

Reis, A. O. A., & Zioni, F. (1993). O lugar do feminino na construção do conceito de

adolescência. *Rev. Saúde Pública* 27(6), 472-477. doi:10.1590/S0034-

89101993000600010

Resolução n. 3, de 16 de maio de 2012 (2012). Define diretrizes para o atendimento de

educação escolar para populações em situação de itinerância. Recuperado de

file:///C:/Users/K%C3%A1ssia/Downloads/rceb003_12.pdf

Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012 (2012). Normas de pesquisa envolvendo

seres humanos. Ministério da Saúde [MS]. Conselho Nacional de Saúde. Bioética.

Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. (3ª ed.). São Paulo, SP:

Atlas.

Rizzini. (2002). Domesticar e civilizar: crianças indígenas e o ensino de ofícios no norte

do Brasil imperial. In *II Congresso Brasileiro de História da Educação*.

Recuperado de

<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema6/0654.pdf>

- Roese, A., Gerhardt, T. E., Souza, A. C., & Lopes, M. J. M. (2006) Diário de campo: construção e utilização em pesquisas científicas. *Online Brazilian Journal of Nursing*, 5(3). Recuperado de <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/rt/printFriendly/598/141>
- Rodrigues, M. B. (2012). *Conceitos e práticas educativas nos regimentos escolares no Rio Grande do Norte (1910 – 1930)*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Robortella, L. C. A. & Peres, A. G. (2004). Trabalho artístico da criança e do adolescente: valores constitucionais e normas de proteção. *Revista TST* 79(1), 159-180. Recuperado de http://aplicacao.tst.jus.br/dspace/bitstream/handle/1939/38663/015_peres_robortella.pdf?sequence=1
- Rubio, K. (2002). Trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales* 6(119). Recuperado de <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-95.htm>
- Rubio, K. (2006). O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. *Psicologia & Sociedade* 18(1), 86-91. doi:10.1590/S0102-71822006000100012
- Sarmento, D. F. (2006). *A teoria histórico-cultural de L. S. Vygotski no Brasil: Uma análise de produção acadêmica e científica no período de 1986 a 2001*. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Schiavon, L. M., Paes, R. R., Moreira, A., & Maia, G. B. M. (2011). Etapas e volume de treinamento das ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). *Revista Motricidade* 7(4),15-27. doi:10.6063/motricidade.7(4).81

Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (n.d.) Por Dentro do Brasil/Esportes. Brasília: Autor.

Sirgado, A. P. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade*, 71, 45-78. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a03v2171.pdf>

Soares, A. J. G. ; Melo, L.B.S ; Costa, F. R. da ; Bartholo, T. L. & Bento, J. (2011). Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 33(4), 905-921. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n4/a08v33n4.pdf>

Spink, M. P. J. & Lima, H. (2004). Rigor e visibilidade: a explicação dos passos da interpretação. In M. P. J. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3a ed. São Paulo: Cortez.

Spink, M. P. J. & Medrado, B. (2004). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In M. P. J. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3a ed. São Paulo: Cortez.

Time Brasil [Comitê Olímpico Brasil] (n. d.). Perfil do atleta Edival Marques Quirino Pontes. Recuperado de <http://timebrasil.cob.org.br/atletas/edival-marques-quirino-pontes>

Toassa, G. (2006). Conceito de consciência em Vigotski. *Psicologia USP* 17(2), 59–83. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v17n2/v17n2a04.pdf>

Toassa, G., & Souza, M. P. R. (2010). As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. *Psicologia USP* 21(4).
doi:10.1590/S0103-65642010000400007

- Tribunal Superior do Trabalho [TST]. (2012, outubro 10). *Especialistas debatem trabalho infantil esportivo e artístico*. Recuperado de http://www.tst.jus.br/en/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/id/2710166.
- Tuleski, A. N. R., & Shimanoe, C. R. (2013). O trabalho infantil e os direitos trabalhistas do jogador de futebol menor de idade. *Revista Capital Científico – Eletrônica (RCCe)* 11(2). Recuperado de file:///C:/Users/K%C3%A1ssia/Downloads/Tuleski_Shimanoe_2013_O-trabalho-infantil-e-os-direi_33080.pdf
- Ujje, N. T. & Pietrobon, S. R. G. (2008). Considerações acerca do movimento a favor da infância no Brasil: final do século XIX e início do século XX. *Publicatio UEPG Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes* 16(2), 335-341.
doi:10.5212/PublicatioHum.v.16i2.335341
- Vygotski, L. S. (1997). Diagnóstico Del desarrollo y clínica paidológica de lá infância difícil. Em: L. S. Vygotski, *Obras Escogidas. Fundamentos de defectologia. Tomo V*. (J. G. Blank, trad.). (pp. 275-338). Madrid: Visor. (Original publicado em 1983).
- Vygotski, L. S. (2000). *Obras Escogidas. Problemas del desarrollo de la psique. Tomo III*. (L. Kuper, Trad.). 2a ed. Madrid: Visor. (Original publicado em 1983).
- Vygotski, L. S. (2006). La crises de los siete años. *Obras Ecogidas. Tomo IV*. Visor: Madrid. (pp. 377-386) (Original publicado em 1933-1934).
- Vygotski, L. S. (2009). A construção do pensamento e da linguagem. (P. Bezerra trad.). *WMF Martins Fontes*: São Paulo, 2ª Ed. (Original publicado em 1934).
- Vieira, J. L. L., Vieira, L. F., Ferraz, C. de C., & Oliveira, L. P. (2010). Autoconceito e esporte: uma análise no contexto competitivo de rendimento. *Psicol. Am. Lat.* [online] 19. Recuperado de <http://psicolatina.org/19/autoconceitod.html>

Wertsch, J. (1985). La unidade der funcionamiento psicológico: conciencia, significado da palavra y accion. In *Vigotski y la formacion social de la mente*. Barcelona: Paidos.

Zappe, J. G., Moura Jr., J. F., Dell'Aglio, D. D., & Sarriera, J. C. (2013). Expectativas quanto ao futuro de adolescentes em diferentes contextos. *Acta Colombiana de Psicología* 16(1), 91-100. Recuperado de http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123915520130001000009&script=sci_arcttext

Apêndices

Apêndice A – Roteiro de entrevista para crianças e adolescentes

ROTEIRO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Dados Biossociodemográficos

- Nome fictício (perguntar que nome ele gostaria de ser chamado e por que)
- Idade
- Sexo
- Etnia
- Escolaridade (o ano que cursa ou último que cursou)

História de Vida

- Pergunta chave:
“Conte-me como é sua vida após ter entrando no meio artístico/esportivo”.
O que você faz?
 - **Condição de vida e ascensão financeira**
 - *Como vivia a infância antes do ingresso na atividade?*
 - *Como passou a viver a infância a partir do momento que se tornou um trabalhador infantil?*
 - *Como sua família vê o que você faz (vê o fato de você trabalhar)?*
 - **Trabalho Infantil esportivo/artístico**
 - *O que representa essa atividade na sua vida (esse trabalho)?*
 - *Como você se sente fazendo essa atividade (esse trabalho)?*
 - **Fama**
 - *O que significa a fama para você?*
 - **Implicações**
 - *O que essa atividade (trabalho, treino)trouxe para você?*
 - *O que a fama trouxe para você?*
 - **Projeto de vida**
- *A partir do que você faz hoje (o trabalho) como você se vê no futuro? OU como vê o seu futuro?*

Apêndice B – Roteiro de entrevista para adultos

ROTEIRO PARA ADULTOS

Dados Biossociodemográficos

- Nome fictício (perguntar que nome gostaria de ser chamado e por que)
- Idade (quando começou na atividade e quantos anos tem agora?)
- Sexo
- Etnia
- Escolaridade (o ano que cursava ou último que cursou)

História de Vida

- Pergunta chave:
“Conte-me como foi sua vida após ter entrando no meio artístico/esportivo”.
- O que você fazia?
 - **Condição de vida e ascensão financeira**
 - *Como vivia a infância antes do ingresso na atividade?*
 - *Como passou a viver a infância a partir do momento que se tornou um trabalhador infantil?*
 - *Por que resolveu fazer essa atividade (trabalho)?*
 - *Como sua família via o que você fazia (trabalho)?*
 - **Trabalho Infantil esportivo/artístico**
 - *Quando você era criança o que representava essa atividade (esse trabalho) na sua vida?*
 - *Quando você era criança como você se sentia fazendo essa atividade (esse trabalho)?*
 - **Fama**
 - *O que significava a fama para você? Como foi vivenciar o meio esportivo ou artístico?*
 - **Implicações**
 - *O que essa atividade (trabalho, treino)trouxe para você?*
 - *O que a fama trouxe para você?*
 - *Quando você lembra em coisas que deixou de fazer porque estava trabalhando, o que você pensa sobre isso?*

➤ **Projeto de vida**

- *E quando você pensava no seu futuro, como você se via?*
- *Se você pudesse voltar ao passado... (como você faria?)*

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a)

A presente pesquisa versa sobre o Trabalho Infantil Esportivo e Artístico e está sendo desenvolvida por Kássia Kiss Grangeiro Belém, aluna do Mestrado do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria de Fátima Pereira Alberto.

O objetivo da pesquisa é analisar o sentido de trabalho infantil esportivo e artístico na perspectiva de quem vivencia ou já vivenciou estas atividades laborais e as implicações das mesmas.

Solicitamos a sua colaboração para a participação na entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e Psicologia e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde ou de caráter vexatório.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou responsável

Contato: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Kássia Kiss Grangeiro Belém. Endereço (Setor de Trabalho): Programa de Pós Graduação em Psicologia Social Telefone: (83) 88353832.

Atenciosamente,

Kássia Kiss Grangeiro Belém

Apêndice D – Exemplo de mapa de associação de ideias

Análise entrevista VF.

Bloco I: Vivência no trabalho infantil

Caracterização da atividade	Condição de vida	Vivência	
		Carreira	Família
V18: Quando eu era muito novo comecei numa escolinha no colégio mesmo, num era nada profissional. Faz muito tempo, nem lembro... Assim eu comecei a treinar na seleção do colégio, mas antes eu já treinava vôlei brincando, assim eu já tipo eu já nasci jogando vôlei praticamente. Quando comecei a andar já batia bola de vôlei brincando.			
V21:..Então eu já treinava direto, treinava a semana toda...			
			K24: E como é que tua família viu o fato de você ter entrado tão cedo no esporte? V25: Ah eles ficavam preocupados. Eles achavam, perguntavam se era o que eu queria. Até hoje eles perguntam se eu fico muito triste, se eu...

Anexos

Anexo A – Certidão de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 2ª Reunião realizada no dia 27/02/2014, o Projeto de pesquisa intitulado: **“TRABALHO INFANTIL ESPORTIVO E ARTÍSTICO: O SENTIDO A PARTIR DA VIVÊNCIA”** da pesquisadora Kássia Kiss Grangeiro Belém. Prot. Nº 00672/13. CAAE: 24387513.5.0000.5188.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à apresentação do resumo do estudo proposto à apreciação do Comitê.


Andrea Márcia de C. Lima
Mat. SIAPE 1117510
Secretária do CEP-CCS-UFPB